

O poder da comunicação na era da informação

Volume III



Organizador:
Geso Batista de Souza Jr.

Atena
Editora
Ano 2024

O poder da comunicação na era da informação

Volume III



Organizador:
Geso Batista de Souza Jr.

Atena
Editora
Ano 2024

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Ellen Andressa Kubisty

Luiza Alves Batista

Nataly Evilin Gayde

Thamires Camili Gayde

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2024 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2024 Os autores

Copyright da edição © 2024 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena

Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Aline Alves Ribeiro – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia
 Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora
 Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
 Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade de Coimbra
 Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
 Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
 Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
 Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
 Profª Drª Caroline Mari de Oliveira Galina – Universidade do Estado de Mato Grosso
 Prof. Dr. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
 Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
 Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
 Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
 Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
 Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
 Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
 Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
 Profª Drª Eufemia Figueroa Corrales – Universidad de Oriente: Santiago de Cuba
 Profª Drª Fernanda Pereira Martins – Instituto Federal do Amapá
 Profª Drª Geuciane Felipe Guerim Fernandes – Universidade Estadual de Londrina
 Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
 Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
 Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
 Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
 Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
 Prof. Dr. Joachin de Melo Azevedo Sobrinho Neto – Universidade de Pernambuco
 Prof. Dr. João Paulo Roberti Junior – Universidade Federal de Santa Catarina
 Prof. Dr. Jodeylson Islony de Lima Sobrinho – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
 Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
 Profª Drª Juliana Abonizio – Universidade Federal de Mato Grosso
 Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
 Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
 Profª Drª Kátia Farias Antero – Faculdade Maurício de Nassau
 Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
 Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
 Profª Drª Lisbeth Infante Ruiz – Universidad de Holguín
 Profª Drª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
 Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
 Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
 Profª Drª Marcela Mary José da Silva – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
 Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
 Profª Drª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande

- Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
- Profª Drª Mônica Aparecida Bortolotti – Universidade Estadual do Centro Oeste do Paraná
- Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
- Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
- Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
- Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
- Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
- Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
- Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro Oeste
- Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
- Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
- Profª Drª Vanesa Bárbara Fernández Bereau – Universidad de Cienfuegos
- Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
- Profª Drª Vanessa Freitag de Araújo – Universidade Estadual de Maringá
- Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Federal da Bahia
- Universidade de Coimbra
- Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
- Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

O poder da comunicação na era da informação 3

Diagramação: Ellen Addressa Kubisty
Correção: Yaiddy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Geso Batista de Souza Jr

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P742 O poder da comunicação na era da informação 3 /
Organizador Geso Batista de Souza Jr.. – Ponta Grossa
- PR: Atena, 2024.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-2674-5

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.745241806>

1. Comunicação. 2. Informação. I. Souza Jr., Geso
Batista de (Organizador). II. Título.

CDD 302.2

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

O poder da comunicação na era da informação é uma obra que reúne pesquisas de iniciação científica, dissertações de mestrado e teses de doutorado que exploram diferentes aspectos da comunicação em um mundo cada vez mais digital e conectado. Neste volume 3, sete capítulos abordam temas relevantes e atuais, desde a análise de podcasts e adaptações cinematográficas até a mediação da informação na educação e a promoção da saúde na mídia televisiva.

O primeiro capítulo, “Do ‘papo de bar’ à sabatina presidencial: uma análise do Flow Podcast a partir de normas éticas e jurídicas do jornalismo na era digital”, de André Derviche Carvalho, orientado pelo Prof. Dr. Vítor Souza Lima Blotta, investiga como o podcast Flow se posiciona em relação às normas éticas e jurídicas do jornalismo em um contexto de transformações nos meios de comunicação.

O segundo capítulo, “Análise comparativa entre o livro-reportagem sobre Marighella e sua adaptação cinematográfica”, de Geovanna Santos de Oliveira, orientada pelo pós-doutorando Marcos Antônio Zibordi, realiza uma análise comparativa entre a obra literária e sua adaptação para o cinema, explorando as diferenças e semelhanças entre os dois formatos.

No terceiro capítulo, “Os atores sociais do submundo da cibercultura: Dissecação do sistema de capatazia”, Priscila Gonçalves Magossi, Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, apresenta um estudo sobre o “submundo da cibercultura”, com foco na violência contra a mulher e na reprogramação do imaginário social.

O quarto capítulo, “Os BTMs e o advento da pandemia”, de Euclides Barboa Moreira Neto, doutorando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagem e Cultura da Universidade da Amazônia (UNAMA), analisa como os Blocos Tradicionais do Maranhão (BTMs) se relacionaram e enfrentaram o período mais ativo da pandemia de COVID-19.

No quinto capítulo, “Mediação da informação e prática educativa: construindo pontes para o conhecimento”, Dianne Fernandes Rezende Nascimento e Germana Gonçalves de Araújo, da Universidade Federal de Sergipe, exploram o papel da mediação da informação na educação, destacando sua importância para a tomada de decisões e a avaliação das consequências das escolhas.

O sexto capítulo, “Promoção da saúde em mídia televisiva”, de Eliane Teruel Gouveia Teixeira, Danilo André de Souza Rosa, Gina Andrade Abdala, Natália Cristina de Oliveira e Maria Dyrce Dias Meira, do Centro Universitário Adventista de São Paulo e da Universidade Guarulhos, analisa a percepção de telespectadores sobre a contribuição do programa de televisão “Vida e Saúde” para a adoção de hábitos saudáveis.

Por fim, o sétimo capítulo, “A relação entre comunicação interna, erros de comunicação e conflitos organizacionais”, de Ana Paula Alves Dias Teófilo, investiga como uma boa gestão da comunicação interna e a administração de conflitos podem contribuir para um ambiente organizacional saudável e produtivo.

Esses sete capítulos oferecem uma amostra da riqueza e diversidade das pesquisas em comunicação, demonstrando a relevância desse campo de estudo para compreender e intervir em diferentes aspectos da sociedade contemporânea.

Geso Batista de Souza Jr.

CAPÍTULO 1	1
DO 'PAPO DE BAR' À SABATINA PRESIDENCIAL: UMA ANÁLISE DO FLOW PODCAST A PARTIR DE NORMAS ÉTICAS E JURÍDICAS DO JORNALISMO NA ERA DIGITAL	
André Derviche Carvalho Vitor Souza Lima Blotta	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.7452418061	
CAPÍTULO 2	22
ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE O LIVRO-REPORTAGEM SOBRE MARIGHELLA E SUA ADAPTAÇÃO CINEMATOGRAFICA	
Geovanna Santos de Oliveira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.7452418062	
CAPÍTULO 3	33
OS ATORES SOCIAIS DO SUBMUNDO DA CIBERCULTURA: DISSECAÇÃO DO SISTEMA DE CAPATAZIA	
Priscila Gonçalves Magossi	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.7452418063	
CAPÍTULO 4	57
OS BTMs E O ADVENTO DA PANDEMIA	
Euclides Barboa Moreira Neto	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.7452418064	
CAPÍTULO 5	70
MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO E PRÁTICA EDUCATIVA: CONSTRUINDO PONTES PARA O CONHECIMENTO	
Danianne Fernandes Rezende Nascimento Germana Gonçalves de Araújo	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.7452418065	
CAPÍTULO 6	88
PROMOÇÃO DA SAÚDE EM MÍDIA TELEVISIVA	
Eliane Teruel Gouveia Teixeira Danilo André de Souza Rosa Gina Andrade Abdala Natália Cristina de Oliveira Maria Dyrce Dias Meira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.7452418066	
CAPÍTULO 7	105
A RELAÇÃO ENTRE COMUNICAÇÃO INTERNA, ERROS DE COMUNICAÇÃO E CONFLITOS ORGANIZACIONAIS	
Ana Paula Alves Dias Teófilo	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.7452418067	

SOBRE O ORGANIZADOR	120
ÍNDICE REMISSIVO	121

DO 'PAPO DE BAR' À SABATINA PRESIDENCIAL: UMA ANÁLISE DO FLOW PODCAST A PARTIR DE NORMAS ÉTICAS E JURÍDICAS DO JORNALISMO NA ERA DIGITAL

Data de aceite: 03/06/2024

André Derviche Carvalho

Vítor Souza Lima Blotta

PALAVRAS-CHAVE: Esfera pública, poder de mídia, interesse público, meios de comunicação, digitalização

RESUMO: A chegada de mais vozes ativas no debate público trouxe uma nova configuração de seus canais informativos. Impulsionada pela digitalização dos meios de comunicação, essa mudança fez com que o jornalismo não ocupasse mais o mesmo espaço de poder e influência. Como consequência, a produção de notícias tornou-se mais difusa. Prova disso vem com o objeto de estudo deste trabalho, o Flow Podcast, um programa de entrevistas conduzido por não jornalistas que chegou ao nível de interagir publicamente com os dois principais candidatos à presidência das eleições de 2022. Assim, o objetivo é analisar as características de funções de interesse público desempenhadas fora do jornalismo na era digital. A partir de uma análise exploratória dos dois programas e dos demais que contaram com a participação de políticos, viu-se que a abordagem de temas de interesse público persiste fora do jornalismo, mas sem o mesmo rigor técnico e ético.

INTRODUÇÃO

A digitalização da esfera pública proporcionada pela chegada das plataformas digitais das mídias sociais trouxe mudanças para o campo da comunicação social. A mediação pela imprensa e por atores jornalísticos passou a conviver com outros atores igualmente ou até mais influentes que eles (Nielsen, 2012). Contribuintes com o estabelecimento de canais informativos (Holton e Belais-Gagnon, 2018), esses atores nem sempre estão regidos sobre as mesmas normas técnicas e éticas do jornalismo, mesmo fazendo as vezes de tal ofício.

O presente trabalho se concentra em um desses atores que ganhou relevância ao longo dos últimos anos. O Flow Podcast é uma canal de conteúdo digital multimídia, sendo veiculado no formato audiovisual e sonoro. Com a proposta de trazer conversas

descontraídas com personalidades diversas, o programa acumula milhões de visualizações e passou a desempenhar um papel de intermediador entre o mundo político e o civil. Isso se deu a partir do momento em que o Flow trouxe personagens políticos, vinculados a cargos públicos durante a realização dos programas, e abordou assuntos de interesse público.

Neste estudo, a análise recairá sobre um capítulo simbólico da magnitude alcançada por esse ator: a entrevista com candidatos às eleições presidenciais de 2022, as mais acirradas da história da redemocratização do Brasil. Os dois principais candidatos participaram cada um à sua maneira do Flow Podcast, fazendo com que o canal fosse fonte de informações para milhões de eleitores que acompanharam a conversa às vésperas do pleito.

Assim, considerando que tradicionalmente o papel de entrevistar figuras políticas e abordar assuntos de interesse público nas vésperas de eleições com intuito de melhor informar o leitor é feito por jornalistas, o presente trabalho busca esclarecer e analisar as principais características das entrevistas que o Flow realiza com políticos. O intuito não é classificá-lo sob critérios usados por jornalistas, mas, como suas práticas são análogas a estes, a pesquisa também irá comparar esses diferentes mediadores do debate público.

REVISÃO DE LITERATURA

Transformações na esfera pública com as plataformas digitais

A comunicação e sua evolução são fatores importantes da evolução humana (De Barros, De Souza e Teixeira, p. 5). A evolução dos meios de comunicação altera a forma como indivíduos interagem e formam opinião, bem como altera as relações entre as esferas política e civil (Medeiros, 2013, p. 28). Nesse sentido, a mudança a ser destacada e examinada pelo estudo é a que vem a reboque das mídias sociais digitais, analisada a partir da perspectiva de como ela se enquadra no campo da comunicação social. Essas mídias se assemelham ao conceito de espaço público habermasiano no sentido permitir “a reunião de privados constituindo públicos à medida que compartilham iguais condições de trocarem informações e debater sobre as regras de seus negócios e da política” (Blotta, 2013, p. 413).

A visão sobre a chegada da internet e da primazia dos meios digitais varia conforme tempo e bibliografia. Há visões mais positivas e mais negativas acerca das potencialidades deste meio. Enquanto uns atribuem à internet vantagens como o seu aspecto democratizante e participativo (Benkler, 2006) e sua contribuição no debate público ao facilitar a publicidade de informações (Celikates, 2015), outros colocam em xeque o quão agregadores, do ponto de vista racional e crítico, estes meio são (Bucci, 2021). Nesse último caso, a preocupação considera o fato de que, em um contexto em que tantos se comunicaram tanto em tão pouco tempo – configuração trazida com as mídias sociais digitais –, o abandono da racionalidade se agrava (Bucci, 2021, p. 116), sabendo que “a mediação tecnológica feita pelos meios de

comunicação social afeta a interação entre pessoas e grupos, a capacidade de diálogo e de formação de opinião” (Stroppa, 2021, p. 129).

No que tange ao papel da imprensa, a digitalização da esfera pública trouxe uma desintermediação do debate público, o que se deu de diversas formas. Em primeiro lugar, podemos citar o papel das plataformas digitais na organização de conteúdo. No caso específico do YouTube, por exemplo, este site “atua na condição de editor ao disponibilizar os conteúdos na plataforma, porque, além de um menu inicial, a plataforma traz várias camadas de direcionamento (curadoria) da experiência do usuário” (Valente, 2019, p. 233, apud: Stroppa, 2021). Aqui adota-se o conceito de plataforma de Srnicek (2018), segundo o qual, “plataformas são infraestruturas digitais que possibilitam dois ou mais grupos interagirem. Elas, portanto, se colocam como intermediárias que trazem usuários diferentes juntos” (p. 46). No entanto, elas não são vistas como neutras nessa intermediação (Ramírez, 2021).

No entanto, mesmo mediando de certa forma o debate, as plataformas digitais não parecem garantir a pluralidade e diversidade informativas impostos pelo Estado Democrático de Direito, o que requer uma necessidade regulatória para esse meio: “A seleção de conteúdo a partir de sua ‘viralização’, como a realizada por agentes intermediários digitais, tende a favorecer uma diversidade pobre de temáticas frente ao pluralismo e democratizante desejado” (Pasquale, 2017, p. 18).

Ademais, a perspectiva que Andrew Keen (2008) tem sobre o tema. O autor relata a perda de autoridade e de espaço por parte discurso especializado – aqui associado à verdade e à factualidade – em um contexto de emergência da internet. Há também indícios da descredibilização da imprensa: “Boa parte dispensou a opinião dos especialistas e da mídia, que passaram a ser vistos como uma fonte de manipulação e hipocrisia” (Cesarino, 2022, p. 5).

A imprensa, portanto, não escapou dessas transformações. Habermas (2006) aponta o chamado “poder de mídia”, o qual estaria baseado na tecnologia de comunicação de massa. Uma das formas de manifestação desse poder é a partir do “enquadramento” de certos temas, processo que faz referência direta ao ofício do jornalista e denota o seu potencial de intervir na formação de opinião pública. O tal “poder de mídia”, portanto, estaria concentrado na figura de repórteres, colonistas, editores, diretores, produtores, etc. A reboque do que Keen coloca, encontram-se indicativos de que a concentração desse “poder de mídia” nas mãos da imprensa tradicional vem se rompendo:

Hoje, basta ter um smartphone conectado à internet para produzir notícias e divulgá-las nas plataformas digitais. De uma forma ou de outra, o indivíduo busca dar visibilidade a temas que muitas vezes estão fora da pauta da agenda pública, definida por pessoas que detêm poder e pela grande imprensa (Cavalcanti e Oliveira, 2019, p. 5).

Ana Leonor Morais Santos (2018) também coloca que “além disso, este apelo à interatividade parece funcionar como um convite permanente à *doxa*, em que todos podem opinar sobre tudo independentemente do grau de conhecimento do assunto” (p. 28). O uso da mídia interativa, inclusive, não está baseado somente em necessidades informativas, mas também nas utilidades de auto-expressão e interações sociais (James, Wotring e Forrest, 1995; Trammell, 2005). Além de busca pela informação, mídias digitais também são usadas para entretenimento (Lee, 2015).

Bucci (2021) caracteriza esse cenário como de crise das intermediações simbolizada pela extinção de funções intermediárias (que afetou as redações tradicionais de imprensa) promovida pela imensidão das conexões digitais. O próprio uso das plataformas digitais por candidatos políticos, especialmente aqueles populistas, é associado, mesmo que em outra escala, à falta de mediação na era digital, que também pode ser assinalada como o “contato direto” entre o produtor de conteúdo e o usuário (Empoli, 2022, p. 20).

Os canais informativos e o jornalismo amador

A Comissão africana de direitos humanos e convenções europeias reconheceram a importância da mídia e dos meios de comunicação de massa na realização do direito à liberdade de expressão e dos direitos referentes ao debate democrático (Blotta, 2013). Nesse sentido, também é possível notar que a cobertura de conflitos políticos, como ataques terroristas e catástrofes naturais, está cada vez mais vinculada a narrativas produzidas por quem não exerce a profissão de jornalista e se vale desses meios de comunicação de massa (Aguir e Barsotti, 2013).

Esse cenário parece ser favorecido pela facilidade e agilidade que usuários de mídias sociais digitais têm para publicar conteúdos dos mais diversos, como fotos, vídeos e textos. Segundo Cavalcanti e de Oliveira (2019), com a popularização da internet, o indivíduo ganhou mais acesso a fontes de informação; maior capacidade de criar alternativas de interação com os conglomerados de comunicação; e de sentir mais motivação para acionar os seus esquemas disposicionais para criar um espaço próprio de produção de informação. Tal configuração inclusive motivou a produção de uma literatura para categorizar um tipo de trabalho informativo feito por jornalistas não profissionais, como aquela do conceito de repórter-amador (Oliveira, 2015), que seria o cidadão comum sem formação especializada em jornalismo que encontra espaço para fomentar o debate público participando mais ativamente da divulgação e até da produção informativa. Com esse fenômeno, fortalece-se o argumento de que o fazer jornalístico mais formal e tradicional das redações ocupa um espaço em um sistema comunicacional cada vez mais variado (Cavalcanti e de Oliveira, 2019).

Recuero (2009) coloca que a dinâmica das mídias digitais pode se assemelhar àquela do método jornalístico. Porém, há limites: “o mecanismo através do qual os atores sociais encontram motivações para” filtragem, produção e circulação de informações “é

bastante individualizado e focado na percepção de capital social que poderá gerar e ser futuramente apropriado. Assim, as mídias digitais filtram e reverberam informações, mas nem sempre de forma igual àquela do jornalismo” (Recuero, 2009, p. 11), que, em teoria, segue uma normativa ética e técnica de seleção, simbolizada pelos valores-notícia, por exemplo.

No caso do Flow, podemos partir da premissa de que o conteúdo produzido lá reproduz um formato jornalístico informativo que é o da entrevista (da Silva, 2013). A entrevista, inclusive, é associada a valores como interesse público, vigilância e objetividade (da Silva, 2013) e à legitimidade da prática do jornalismo informativo (Pereira, 2017). Logo, em um primeiro momento, o Flow parece ter o potencial de contribuir com a produção informativa em seus programas, principalmente considerando que por lá passam personalidades ligadas a cargos públicos, o que vem em um contexto em que “a internet tornou-se a principal arena de comunicação política do país” (Cesarino, 2022, p. 4). Com o desenvolvimento de tecnologias digitais, novos atores externos ao jornalismo realizam um trabalho que reflete em funções informativas e no papel do jornalismo (Eldridge, 2019, p. 858).

Quando há a presença de políticos – especificamente de chefes de governo – o conteúdo presente em suas declarações tende a ganhar um status de “importante” (Gomis, 2002, apud: Patrício, Viana, 2018, p. 257) e geram um potencial noticioso: “É o comentário convertido em notícia, a palavra considerada como fato: declarações, discursos, conferências, respostas ocasionais, frases intencionadas” (Gomis, 2002, p. 233).

No entanto, é importante ressaltar que o formato entrevista tem como pilar principal a declaração, o que dá margem para uma série de subjetividades por parte tanto do entrevistado quanto do entrevistador. No caso, essas subjetividades podem ser danosas ao debate público quando elas se tratam de inverdades, que são um risco em declarações (Tambosi, 2005). Essa configuração apresenta-se como uma “fragilidade epistemológica do jornalismo: nem sempre há como saber se as declarações das fontes são verdadeiras” (Tambosi, 2005, p. 36), algo que o jornalismo profissional tenta contornar com um rigoroso trabalho de apuração, que nem sempre aparece na transmissão de entrevistas ao vivo. A reflexão que se coloca é que quando essa entrevista é realizada por não-jornalistas, essa pré-disposição a apurar declarações pode se perder e enfraquecer o debate público com inverdades.

Interesse público e responsabilidade ética e jurídica

O conceito de “interesse público” não é universal e pode estar sujeito a subjetividades do tipo: o que verdadeiramente é a representação do bem comum? (Patrício e Viana, 2018). Porém, a literatura oferece boas delimitações do que pode ser entendido como interesse público no campo do jornalismo:

Pode-se conceituar a notícia de interesse público como aquela que contribua para o desenvolvimento intelectual, moral e físico do cidadão, com informações que possibilitem ao leitor refletir e tomar decisões em relação ao governo, à saúde, à segurança, à educação, ao trabalho, enfim, exercer a cidadania (Vidal, 2009, p. 85).

O conceito de interesse público é amplamente pontuado no Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, onde o acesso à informação de relevante interesse público é tido como direito fundamental (Fenaj, 2007). Na internet, os limites do que é interesse público são colocados em xeque. Isso porque, no que diz respeito ao tipo de conteúdo circulado, não se pode ter como totalmente verificada a classificação de espaço público, tendo em vista a circulação de diversos temas da esfera privada nesse ambiente digital. Assim, Bucci (2021) sugere que seja feita uma desconstrução da rigidez que considera espaço público somente aquilo que versa sobre o bem comum:

(...) devemos nos contentar em chamar de “público” o espaço social gerado pela comunicação no qual se possa observar a abertura universal à participação de todas e todos, com liberdade de expressão e direito amplo de busca da informação (p. 128).

Nesse sentido, podemos enquadrar as mídias digitais como esses espaços públicos, tendo em vista a abertura à participação e a ampliação do acesso à informação. Além disso, a internet abarca temas da esfera não pública que, ao serem trazidos à tona, nas mídias digitais, por exemplo, podem ganhar relevância de interesse público (Bucci, 2021). Não é à toa que “o desenvolvimento de tecnologias digitais proveu um espaço de oportunidades para novos atores com diferentes habilidades e experiências entrassem no campo do jornalismo” (Kosterich, 2021, p. 4).

Do ponto de vista de como as plataformas lidam com essa questão, pode-se dizer que o interesse público é posto novamente à prova. As plataformas digitais como um todo, apresentando-se como novas *gatekeepers* e definindo fluxos informacionais (Valente, 2019. apud: Stroppa, 2021), “não necessariamente buscam o interesse público quando desenvolvem seus modelos de moderação e direcionamento de conteúdo” (Stroppa, 2021, p. 176). Esta conclusão de Stroppa (2021) parte do fato de que o serviço que as plataformas digitais oferecem a seus consumidores-usuários não buscam atingir prioritariamente valores como a diversidade de perspectivas e o encontro de conteúdos que sejam contrários às preferências padronizadas, o que estaria afetando o funcionamento do regime democrático (p. 132).

Deste modo, o advento da internet trouxe um abalo em como o interesse público se estrutura dentro do debate público. Para além disso, ele colocou em xeque a ética que organizava parte do campo da comunicação social. Christofoletti (2014) constata que, com as inovações trazidas pela internet, a produção e distribuição de conteúdo – o que inclui conteúdo jornalístico – tornou-se mais participativa e colaborativa. Com isso, considerando que o processo de construção da notícia nem sempre é feito exclusivamente por jornalistas, a proposição feita é de que questões éticas precisam ser estendidas de alguma forma aos novos participantes desse campo.

A proposição de Ward e Wasserman (2010) é de que haja uma “ética de mídia aberta”, com um código que se aplique a usuários além dos jornalistas profissionais em um contexto em que todos podem fazer jornalismo “em distintos graus de qualidade, para diversos públicos, em escalas diferentes, mas podem oferecer produtos e serviços que competem com o que chamávamos de jornalismo profissional” (Christofoletti, 2014, p. 273). Como visto sob diferentes aspectos, a produção jornalística ficou mais difusa com a internet. Organismos internacionais, inclusive, abraçam a ideia de que o jornalismo pode ser exercido por não jornalistas. Por exemplo, um blogueiro que publica seu próprio conteúdo online pode ser considerado jornalista, segundo o Comitê de Direitos Humanos da ONU (Stroppa, 2021, p. 135).

A lei brasileira deixa claro como trata o conteúdo jornalístico. Nesse contexto, cabe resgatar o julgamento pelo Supremo Tribunal Federal (STF) da Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF) nº 130. Com a revogação da Lei de Imprensa, “os juízes vão aplicar os Códigos Civil e Penal e a própria Constituição para punir excessos cometidos por jornalistas e empresas de comunicação” (da Paixão, 2009), o que traz uma paridade, ao menos aos olhos do Judiciário, entre a atuação de um jornalista e de e alguém que não se insere nessa categoria. Por exemplo, o STF entendeu pela “proporcionalidade entre liberdade de imprensa e responsabilidade civil por danos morais e materiais”, pois a excessividade indenizatória seria, em si, um poderoso fator de inibição de liberdade de imprensa (Bernasiuk, 2015, p. 283).

Por outro lado, a legislação ainda protege a matéria que tenha natureza estritamente jornalística do dever indenizatório (Pinto, 2008). Há um suporte da lei brasileira, portanto, à atividade jornalística ou a crítica jornalística quando ela está amparada pelo interesse público, sendo inclusive este conceito uma proteção ao cerceamento da liberdade de informação e de expressão (Barroso, 2004). Tendo isso em vista, nota-se que há jurisprudência que delimita um espaço especial para a expressão informativa da imprensa, a qual não poderia ser aproveitada por atores fora dessa esfera.

METODOLOGIA

O Flow Podcast já realizou centenas de entrevistas em mais de quatro anos de existência. O interesse do presente estudo recai sobre aquelas feitas com políticos, cuja relação com interesse público é mais clara em comparação àquelas encontradas com figuras do campo do entretenimento, por exemplo. Portanto, a análise será feita sobre entrevistas com políticos exclusivamente, prática que também é realizada por jornalistas. Para fins de delimitação conceitual, consideramos aqueles atores vinculados ao campo político: personalidades com cargos em um dos três poderes, atuantes ou tendo atuado no passado; sindicalistas (da Silva, 2013, p. 9).

Tendo em vista a inviabilidade de analisar extensiva e qualitativamente todas as dezenas de entrevistas com políticos – algumas cuja duração chega a cinco horas – optou-se por escolher dois programas correspondentes para se fazer uma análise qualitativa mais detalhada. A escolha foi feita sobre o programa com Lula e Jair Bolsonaro, ambos candidatos à presidência da República nas eleições de 2022, que foram as mais acirradas após o período de redemocratização, e com bandeiras políticas e ideológicas diferentes. Tal escolha permitiu que fossem analisados os dois programas mais populares do Flow Podcast com políticos, mas ao mesmo tempo apresentou uma limitação: o preparo para a entrevista com Lula e Bolsonaro por parte do apresentador foi superior àquele encontrado em outras entrevistas com políticos. Além disso, a dinâmica foi diferente: em outras entrevistas, é comum ter a presença de dois entrevistadores. Ou seja, não é possível dizer que as características das entrevistas com Lula e Bolsonaro sejam as mesmas de outros programas.

A análise qualitativa desses programas teve como objetivo a verificação de aspectos do interesse público nos programas. Seguindo os passos propostos por Bardin (2016), a análise de conteúdo neste estudo compreenderá três etapas fundamentais: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados obtidos. Na pré-análise, os episódios do Flow Podcast nos quais foram entrevistadas figuras políticas foram selecionados e categorizados. As entrevistas com políticos para além de Lula e Bolsonaro também foram analisadas, mas quantitativamente.

Durante a exploração do material, os dois episódios selecionados para serem analisados quantitativamente foram transcritos, permitindo uma análise mais aprofundada do conteúdo discutido. Serão identificadas unidades de análise pertinentes, tais como tópicos políticos, problemas de interesse público, perspectivas dos convidados e suas abordagens discursivas.

No tratamento dos resultados obtidos, será realizada uma análise qualitativa, por meio da interpretação dos dados coletados. Serão observadas as estratégias discursivas adotadas pelos convidados políticos, como argumentação, uso de evidências e posicionamento em relação aos temas abordados. A partir dessa análise, será possível compreender como o Flow Podcast contribui para a divulgação e a discussão de temas de interesse público no contexto político brasileiro.

No caso do interesse público, adotaremos uma perspectiva relacional desse conceito (Bobbio, 2000), em que o interesse público seria aquele que se opõe a interesses privados, particulares, individuais e parciais (Machado e Moreira, 2008).

No que tange ao alcance, além do número de visualizações, será medida a repercussão que as entrevistas tiveram nos canais jornalísticos tradicionais. A seleção dos canais jornalísticos tradicionais se deu com base nos veículos de comunicação que os brasileiros mais se informam segundo o Digital News Report 2022 do Reuters Institute (Newman, 2022). Esse critério é utilizado pois a noticiabilidade contida em entrevistas

pode ser medida pela repercussão de um fato (Gomis, 2002, p. 230). Por isso, o potencial de noticiabilidade do Flow pode ser aferido pela repercussão que os fatos decorridos no programa têm e pelo potencial de repercussão do fato noticioso em novos fatos (Gomis, 1991, apud: Patrício e Viana, 2018).

Analisar o alcance também é um processo essencial, pois esse é um elemento constitutivo da responsabilidade implicada no uso que esse tipo de agente, no caso o Flow Podcast, faz da liberdade comunicativa (Blotta, 2013). Nesse caso, a responsabilidade desses atores está sendo aferida a partir da “interpretação justificada da natureza de cada um (...) e da extensão e impactos de seus discursos e ações sobre a esfera pública política” (Blotta, p. 434).

Na comparação com o fazer jornalístico, tomaremos como parâmetros normativas éticas e técnicas da realização de entrevistas. Os idealizadores do Flow não costumam utilizar o termo entrevista. Neste estudo, para fins práticos e por respeito a Fávero e Andrade (1998) que definem entrevista como “técnica de interação social” e a separam da entrevista jornalística (p. 2) usaremos “entrevista” mesmo no momento de se referir ao Flow e “entrevista jornalística” ao abordar essa prática quando feita por jornalistas profissionais.

ANÁLISE

Antes de mais nada, é interessante conceitualizar o Flow. Nesse sentido, é possível enquadrá-lo em um formato de podcast conhecido como “mesacast” (Tigre. Meio e Mensagem, 2020), em que se opta por uma dinâmica mais descontraída baseada por uma interlocução no formato mesa redonda, propensa para debates e conversas. No entanto, é importante ressaltar que, apesar de ter “podcast” no nome, termo que remete a um conteúdo produzido exclusivamente em canais de áudio, o Flow também é transmitido via canais de vídeo. Assim, tem-se que ele constitui como um programa híbrido veiculado tanto em canais audiovisuais, pelo YouTube, quanto em canais somente de áudio, por plataformas como Spotify.

Entre o dia 29 de setembro de 2018, data em que o primeiro programa do Flow Podcast foi veiculado, e 28 de outubro de 2022, data do último programa antes do segundo turno das eleições, haviam sido feitos 674 programas no Flow Podcast. A presença de políticos no decorrer da existência do programa é proporcionalmente baixa: ao todo, foram feitos 41 programas com políticos, cerca de 6% em relação ao total de programas. O restante dos episódios contou com a participação das mais diversas personalidades possíveis, como influenciadores, professores, humoristas, músicos, apresentadores, etc, demonstrando que o padrão do Flow se encontra mais em relação ao formato que em relação ao conteúdo abordado. Ainda assim, é possível dizer que o programa trata da questão do interesse público ao convidar políticos, visto que Martins Filho (2005, p. 43) define: “Interesse público é a relação entre a sociedade e o bem comum por ela perseguido,

através daqueles que, na comunidade, têm autoridade (governantes, administradores públicos, magistrados, etc.)”.

Mesmo sendo minoritária quantitativamente, é importante ressaltar que a aparição de políticos se deu em momentos extremamente relevantes. Tanto nas eleições municipais de 2020 quanto nas de 2022, o Flow Podcast entrevistou políticos já na condição de candidatos. Lá, eles usavam o tempo para apresentar suas propostas, por exemplo, o que atribui ao Flow, ao menos em termos potenciais, uma relevância de acesso à informação de interesse público em momentos chave de participação cidadã, que são as eleições. Vale lembrar que todo esse conteúdo esteve e está disponível gratuitamente em plataformas digitais de vídeo e áudio.

Dentre os 41 programas com políticos, há uma distorção: alguns convidados apareceram mais de uma vez. Foram os casos de Fernando Haddad, Ciro Gomes, Tarcísio de Freitas, Kim Kataguirí e Arthur do Val. Tendo isso em vista, é possível observar que há a disponibilização de mais espaço para certos perfis político-ideológicos, o que de certa forma fere a pluralidade de ideias representadas nos programas e, conseqüentemente, o potencial informativo do Flow, tendo em vista que “a formação livre da opinião pública supõe o intercâmbio de ideias e de fatos sem restrições indevidas” (Stroppa, 2021, p. 130). Além disso, há uma maioria masculina nos programas: dos 41 programas, 36 foram feitos somente com homens. Consta mencionar que não se sabe quais foram os convites do Flow não atendidos. A análise aqui se dá com base nos episódios que foram efetivamente ao ar.

No que tange à quantidade de visualizações, há uma amplitude grande entre os episódios, mas todos possuem números expressivos. Eles formam um intervalo que vai de 136 mil, com a entrevista com o então deputado federal Felipe Rigoni e 16 milhões, com o programa de Jair Bolsonaro, então presidente da República. O alcance em termos de visualização foi trazido à tona, pois aqui entende-se que o alcance e a natureza das ações são pontos constitutivos da responsabilidade implicada no uso que esse tipo de agente, no caso o Flow Podcast, faz da liberdade comunicativa (Blotta, 2013). O alcance seria abrangente em termos de visualização e a natureza das ações seria o fato concreto de que houve conversas publicadas gratuitamente com autoridades públicas.

O caráter de relevante denotado pelo Flow também advém do fato de várias entrevistas – como as de Bolsonaro e Lula – terem sido veiculadas no período das eleições, o que reforça o potencial que as informações veiculadas nesses dois episódios têm para contribuir em termos de cidadania e democracia, em um contexto em que informações podem ser consideradas um direito social a partir do momento que estas apresentam-se como “necessárias e imprescindíveis para a vida numa sociedade de massas, aí incluindo o exercício pleno do conjunto de direitos civis, políticos e sociais” (Gentili, 2002, p. 43).

Com base nos veículos jornalísticos que mais atingiram alcance no meio online segundo o Digital News Report, foi possível verificar que o Flow possui uma repercussão em termos de noticiabilidade. Entre 28 de setembro de 2018 e 31 de outubro de 2022,

o veículo que mais repercutiu os programas do Flow foi o UOL, com 1.160 menções ao canal. Importante lembrar que a pesquisa considerou sites que estão no “guarda-chuva” do UOL. Outros veículos nativos digitais se destacam como o Metrôpoles, com 220 menções ao Flow Podcast. A repercussão dos acontecimentos do Flow não se limitou a veículos jornalísticos nascidos na internet. Jornais tradicionais como O Estado de São Paulo, Folha de S. Paulo e O Globo também deram visibilidade ao Flow com, respectivamente, 145, 134 e 172 menções. Os dados foram obtidos com auxílio de ferramentas de busca do Google.

No que se refere à responsabilização jurídica do Flow, não houve notícia de conteúdo retirado por força judicial. O que ocorreu foram remoções voluntárias, como a do episódio com o então prefeito Bruno Covas, que faleceu meses depois da entrevista, e de outros políticos, como Guilherme Boulos, que pediram a retirada de seus episódios após a apologia nazista de um dos apresentadores do Flow Podcast. Fora isso, o episódio que contou com a participação dos deputados Kim Kataguiri e Tábata Amaral, em que Monark fez apologia ao nazismo, entrou na mira de uma investigação da PGR (Procuradoria Geral da República). Em fevereiro de 2022, o procurador-geral da República, Augusto Aras, determinou a instauração de procedimento para apurar a possível prática de crime de apologia ao nazismo pelo youtuber Bruno Monteiro Aiub, conhecido como Monark, e pelo deputado federal Kim Kataguiri, após a defesa da criação de um partido nazista e pela defesa da não criminalização do nazismo. Aras usou a situação para reiterar sua posição contra o discurso de ódio. O posicionamento da ANPR (Associação Nacional dos Procuradores da República) deixou claro que a conduta tida no Flow foi de ultrapassagem dos limites de liberdade de expressão: “o direito à liberdade de expressão não é absoluto e repudiar o nazismo é uma tarefa permanente, que deve ser reiterada por todo” (Conjur, 2022). Não foram encontradas evidências de que os programas do Flow estão sendo tratados na Justiça como componentes do jornalismo, mas fica claro que conteúdos veiculados na internet estão sujeitos à responsabilidade jurídica.

Discursivamente, segundo depoimentos que os responsáveis pelo Flow, como o apresentador Igor, deram em matérias jornalísticas (Lavado, 2021, Exame) e programas veiculados online (MyNews, 2022), fica clara a tentativa de dissociação do Flow com a formalidade encontrada em entrevistas jornalísticas. Na própria descrição dos programas do Flow essa tendência é encontrada: “Flow Podcast é uma conversa descontraída, longa e livre, como um papo de boteco entre amigos. No Flow garantimos um espaço onde o convidado pode desenvolver suas ideias sem qualquer tipo de pauta ou as restrições normais de outras mídias, como agenda política/filosófica”. Desta forma, há uma busca por se afastar da prática jornalística formalmente representada pela entrevista jornalística e se aproximar de um caráter conversacional, cujo foco aparentemente principal não é o conteúdo informativo da fala do ator social entrevistado (Morin, 1973) e de entretenimento.

Vale lembrar que a declaração de não praticar jornalismo não impede que semelhanças com o trabalho da mídia tradicional apareçam, como mostra Moura (2002) ao analisar o site Slashdot, cuja lógica de seleção dos artigos se assemelha àquela da mídia tradicional (Moura, 2002. apud: Aguiar e Barsotti, 2014).

AS ENTREVISTAS DE LULA E BOLSONARO

Partindo para uma análise mais aprofundada de dois programas, as características das entrevistas realizadas pelo Flow tornam-se mais claras. Depois da análise, foi possível concluir que o Flow se encontra em um espaço da comunicação social mais flexível que o do jornalismo, apesar de emular sua função, como já descrito anteriormente, sem estar sujeito a mesma normativa que pressupõe ao jornalismo uma responsabilidade social inerente à profissão.

Nas entrevistas com outros políticos, de forma geral, a duração dos programas é longa. No caso do programa com Jair Bolsonaro, a duração ultrapassou cinco horas de entrevista, algo algo pouco ou nunca encontrado em padrões jornalísticos. No decorrer do programa, ficou claro que não havia um limite de tempo estabelecido previamente. No caso da entrevista com Lula, a duração foi de 1 hora e 37 minutos, dentro da qual ficou claro que a limitação de tempo se deu por uma restrição imposta pela equipe de Lula. Assim, ambos tiveram tempos diferentes de exposição, desigualdade que um debate político situado em um canal jornalístico busca atenuar com regras do debate. Essa distorção já denota uma extrapolação à normativa a qual meios de comunicação tradicional estariam sujeitos: em uma série de entrevistas com candidatos à Presidência da República de 2014, o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) prescreveu uma isonomia no limite de tempo aos candidatos (Lery, 2016, p. 67).

Tanto na entrevista de Lula quanto na de Bolsonaro, foi possível identificar uma participação bastante ativa do apresentador Igor. Diversas marcas de subjetividades puderam ser encontradas como a expressão de opinião (“Presidente, não sei se eu concordo muito com isso que o senhor está falando”, diz Igor a Bolsonaro sobre escolhas do então presidente no governo; “Eu já falei que não gosto de político”, confessa Igor a Lula), relato de história de cunho pessoal (“Eu me formei pelo ProUni”, relata Igor a Lula) e referências ao próprio programa (“Tomei isso como minha missão: proporcionar um diálogo. Estou muito feliz”, diz Igor sobre a proposta do programa e sobre receber Bolsonaro). Em diversos momentos, o apresentador se posiciona ideológica e politicamente em relação a temas de interesse público como a descriminalização das drogas. Tais posicionamentos são explícitos: “Fazem parte da minha visão de mundo”, diz Igor sobre a defesa da descriminalização das drogas na entrevista com Bolsonaro. A subjetividade também apareceu no momento de o entrevistado expressar sua incerteza sobre determinados assuntos: “Eu não lembro, presidente, você me ajuda, o Doria começou as negociações antes, não foi?”, diz em um contexto de vacinas contra a Covid-19. Com isso, há uma condução personalista da entrevista.

Esta configuração demonstra um afastamento prático entre o que faz o Flow do que faria um repórter em uma entrevista, onde o objetivo é a princípio performar a neutralidade (Clayman, 1988). Isso não acontece quando o apresentador do Flow ressalta diversas vezes seus posicionamentos diante do que o entrevistado diz e do que é tratado no programa.

Mesmo permeada pelo viés da opinião, a íntegra dos programas trata de temas de interesse público, mesmo que a eles sejam dedicados períodos de tempo diferentes e desbalanceados, deixando à mercê do conhecimento e domínio que os participantes do programa têm para falar sobre determinados assuntos. Além disso, consta registrar a presença de quebras de formalidade com histórias pessoais tanto do apresentador quanto do entrevistado, momentos em que há um afastamento do interesse público em detrimento de assuntos da esfera particular de cada um dos participantes. No entanto, a presença de temas de interesse público é preponderante. No caso do programa com Bolsonaro, foi tratada uma diversidade maior de temas. Foram abordados assuntos como a gestão da pandemia da Covid-19, sistema eleitoral brasileiro e o orçamento secreto. Com essa preponderância de temas de interesse público na “pauta” definida pelo apresentador, pode-se dizer que o Flow se aproximou do protagonismo reivindicado por jornalistas, representantes do interesse público, em entrevistas (Pereira, 2017) apesar de não abordar esses temas com grande profundidade nem suficiente estudo, tendo em vista diversas suposições e inseguranças que Igor expressava ao fazer suas perguntas: “O que deu isso daí?”, perguntou Igor a Bolsonaro sobre o desfecho da CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito) da Covid-19, o que deu margem para o então presidente trazer a sua narrativa deste evento, eventualmente se afastando da verdade objetiva.

No caso do programa com Lula, a estrutura foi a mesma com a preponderância de temas de interesse público com algumas poucas rupturas. Vale ressaltar que nenhuma das duas entrevistas tinha a intenção explícita de ser dedicada ao pleito eleitoral de 2022 que aconteceria a alguns dias da realização dos dois programas. No entanto, ambos aproveitaram o espaço para atacar seus respectivos adversários e apresentar partes de seus programas de governo. Ao não ter um limite de tempo pré-estabelecido, supõe-se que o espaço oferecido pelo Flow aos candidatos se mostrou mais atrativo do que espaços mediados pela imprensa, tendo em vista que houve mais margem para autopromoção e para ataques a adversários. O público espectador das entrevistas se deparou com as intenções, percepções e propostas dos candidatos, o que confere ao Flow uma utilidade na função informativa. Um estudo posterior poderia ser feito para mensurar de fato qual impacto esse tipo de programa tem na formação da opinião pública em um período eleitoral.

No entanto, o potencial de formar conhecimento já está em risco de antemão por conta da natureza do formato de entrevista, visto que a entrevista é um gênero baseado essencialmente na declaração, a qual nem sempre está alinhada ao mundo objetivo (Tambosi, 2005, p. 35). Não é à toa que, nos dois episódios, um letrado aparecia com a mensagem: “Lembre-se de pesquisar sobre tudo que for dito neste programa”. Os problemas da ordem da objetividade da informação trazidos pela dependência em relação a declarações também está presente no jornalismo:

O jornalismo declaratório produz informações, mas é difícil saber se são verdadeiras, por mais “checadas” que sejam e por mais críveis e honestas que sejam as fontes. Pode por isso induzir a crenças falsas. Nesse sentido, não produz conhecimento. Se as informações se comprovarem verdadeiras, então gerarão conhecimento, constituindo através do tempo um acervo precioso para uma das fontes cognitivas (Tambosi, 2005, p. 37).

No entanto, o jornalismo estaria mais perto de “produzir conhecimento” por ter seu trabalho baseado em uma normativa ética que estimula um compromisso com a verdade (Fenaj, 2007). O próprio Direito brasileiro entende que o dever da veracidade como compromisso ético do jornalista (Brasil, 2010), proposição esta que não é encontrada na forma que o Flow se define.

Além do entrevistador e dos entrevistados, outro ator relevante na composição dos programas foi o próprio público. Provavelmente por uma questão de tempo, somente no episódio de Bolsonaro houve a participação do público por meio de perguntas enviadas via chat do YouTube no momento de realização dos programas. As perguntas eram exibidas mediante pagamento sem valor previamente definido. No entanto, essa dinâmica permitiu um debate mais inclusivo e direcionado para outros temas de interesse público não abordados no decorrer da entrevista. Por exemplo, um espectador pôde levantar uma pergunta com seus interesses sobre os rumos que Bolsonaro pretendia dar aos concursos da Polícia Federal (PF). Assim, diferente de programas jornalísticos mais tradicionais que nem sempre dão voz às indagações do público, o Flow fortalece o diálogo entre entrevistador e audiência, que é naturalmente instaurado na prática da entrevista (Fávero e Andrade, p. 3).

Ainda no que tange aos assuntos tratados, o Flow por vezes deu vazão a informações vindas da imprensa jornalística. Como nesse caso encontrado na entrevista com Bolsonaro: “Presidente, há um movimento, segundo jornalistas, eu li isso na mídia, que tenta da a ex-presidentes uma espécie de cargos vitalícios...”, apesar de a pergunta ter sido feita de forma imprecisa, mostrou que a imprensa jornalística ainda é uma referência.

No que diz respeito a características verbais do programa, foi possível notar uma série de marcas de informalidade. Essa já é uma característica encontrada em outros episódios do Flow Podcast. As principais marcas de informalidade, que por vezes quebrariam a normativa técnica e até ética de uma entrevista jornalística, foram: quando Igor acendeu um cigarro, proferiu palavrões e chamou a autoridade por “cara”. O próprio fato de ser ao vivo é um fator que estimula uma espontaneidade por parte tanto de entrevistador quanto de entrevistado em detrimento do planejamento conversacional (Fávero e Andrade, 1999, p. 8). Pelo menos em um contexto jornalístico, a informalidade gerada por esse contexto pode prejudicar a entrega da notícia pela via da entrevista, mesmo não sendo a informalidade um fator que exclui a informação (Gonzaga, 2010). Assim, podemos asseverar que a hiperinformalidade adotada pelo Flow arranha também o seu potencial informativo quando seus programas emulam a prática de entrevistar políticos.

Houve também a presença de patrocinadores nos dois episódios: ambos uma empresa desenvolvedora de games, o que não indica um conflito de interesses em um primeiro momento. Lula, inclusive, foi presenteado com uma camiseta e com um boné dos patrocinadores, o que não aconteceu com Bolsonaro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura apresenta visões distintas dos impactos da digitalização da esfera pública, mas é possível notar um consenso que esses impactos recaíram sobre o campo da comunicação social. Atualmente, há uma configuração de debate público menos mediado por instituições jornalísticas tradicionais, como a imprensa. Os fluxos de informação se intensificaram e mais atores, além de jornalistas formais, participam e fomentam o debate público, fato que vem a reboque da intensificação do uso das mídias digitais. Em termos jurídicos, o meio institucional passa a se organizar para acomodar a normativa que deve ser aplicada a estes novos atores provenientes do meio digital para além da normativa que já regula a atividade jornalística. Com relação à ética jornalística, a literatura já sugere a implementação de uma nova visão que contemple o papel que atores extra-jornalísticos têm na esfera pública.

Tais tendências ficaram evidentes na análise do Flow Podcast, um programa de entrevistas veiculado exclusivamente no ambiente digital. Apesar de minoritária, a participação de políticos nesse programa existe e é relevante, tendo em vista o alcance em visualizações desses episódios e do contexto de realização destes, muitas vezes em pleno período de eleições. Ao entrevistar políticos, o Flow se aproxima da entrevista jornalística e de uma função social que é abordar o interesse público. Classificar o Flow segundo a normativa ética e técnica do jornalismo não faria sentido, principalmente porque o programa não se propõe discursivamente a ser jornalístico.

Ainda assim, consideramos isso como uma tentativa de isenção em relação a responsabilidades intrínsecas ao jornalismo. Pelo fato de que há entrevista com personagens de interesse público, foi possível encontrar indícios de emulação do trabalho jornalístico por parte do Flow Podcast. Habermas (2006) não cita diretamente influenciadores digitais, mas ao falar de “grupos de interesse, comunidades religiosas ou movimentos sociais”, ele indica que esses atores obtêm influência pública de seu “capital ‘social’ e ‘cultural’ que eles acumularam em termos de visibilidade, proeminência, reputação ou status moral” (p. 418). Isso reforça o potencial de atores como Flow e a necessidade de estabelecer responsabilidades a esse trabalho, principalmente quando ele reproduz o “poder de mídia” da imprensa, que, por sua vez, é baseado na tecnologia de comunicação de massa (Habermas, p. 419), algo do qual o Flow se vale. Analisar essa responsabilização se mostrou útil no processo de categorização do Flow no campo da comunicação social, afinal,

(...) não se pode pensar os direitos de comunicação sem que eles estejam também ligados internamente a responsabilidades de comunicação do direito, ou aos respectivos deveres de comunicação e de reconhecimento que derivam do princípio da publicidade, mas que acompanham todo exercício da liberdade comunicativa e de liberdades de comunicação (Blotta, 2013, p. 569).

Assim, juntando isso à abordagem de assuntos de interesse público há uma espécie de jornalismo não intencional por parte deste ator externo ao campo jornalístico, mas que reproduz sua prática de entrevista. Esta hipótese ganha força quando se atesta que os fatos decorridos do Flow tiveram repercussão noticiosa em veículos de comunicação tradicionais. É como se o papel que o Flow desempenha no debate público fugisse ao controle do que os seus responsáveis acreditam ter. Tal conclusão faria sentido considerando a teoria das *affordances*, de James Gibson (2014), analisada sob a perspectiva das novas mídias por Cesarino (2022). Traduzível por “propiciação” (Velho, 2001), “as *affordances* não estão nem no organismo, nem no ambiente, mas na relação de coemergência entre eles (...) *Affordances* não são propriedades fixas das plataformas [digitais], mas potencialidades que emergem entre arquitetura de mídia e o comportamento dos usuários” (Cesarino, 2022, p. 93 e 94).

As *affordances* das plataformas e mídias digitais não necessariamente seguem a intenção original de seus desenvolvedores (Hayes et. al., 2016; Costa, 2018. apud: Cesarino, 2022). Há, portanto, um componente imprevisível das potencialidades e usos das mídias digitais, os quais dependem do comportamento humano do usuário. Retomando a discussão ao Flow, mesmo o programa se colocando discursivamente distante da prática jornalística e da função informativa a ela atribuída, os espectadores do programa podem ver no Flow uma fonte de informação. Afinal, o Flow foi fonte de informação para veículos jornalísticos e os entrevistados eram muitas vezes candidatos a cargos públicos, o que faz com que as informações circuladas nos episódios sejam relevantes para a decisão de voto de um espectador. O contrário também aconteceu: a pauta do que era abordado nos programas do Flow tinham como base informações veiculadas na imprensa.

Assim, também torna-se perceptível que há uma retroalimentação entre Flow e veículos jornalísticos. O jornalismo pauta de certa maneira o Flow, aqui entendido como espaço comunicacional inicialmente não intermediado pela imprensa. O contrário também acontece, mas em uma proporção inferior.

Há fatos que, na prática, afastam o Flow do que seria o jornalismo. A alta carga de subjetividade por parte do entrevistador, representada por expressão de opinião e pela informalidade, distanciam o modus operandi do Flow do protocolo do jornalista em entrevistas jornalísticas. Com base no que Emerim (2008) aponta como fatores para uma boa entrevista em um contexto jornalístico, é possível ter uma melhor compreensão do que o Flow deixa de seguir em relação ao jornalismo: a gestão do tempo, preparo do entrevistado e postura de isenção e objetividade nem sempre são encontrada no Flow.

Em um contexto que tanto jornalistas quanto não jornalistas se apresentam como pólos de irradiação de informações dentro da esfera pública, concluímos este estudo com uma proposta de colaboração entre esses dois campos considerando as características desempenhadas por cada um. Tomando como base o Flow Podcast, foi interessante perceber a abertura que ele ofereceu à participação de espectadores na conversa com candidatos à Presidência da República. Por uma questão logística, essa abertura só foi verificada no programa com Bolsonaro, mas fez com que fosse proporcionado um espaço de intercâmbio entre eleitor e candidato. Uma interação mais descontraída, repleta de informalidades e subjetividades, apresenta tanto pontos positivos quanto negativos: por um lado, aproximou espectadores da política (“Parabéns à equipe do Flow por se mostrar como o único podcast capaz de receber dois candidatos e trazer informações úteis para o eleitor. Não é só porque você é maior que você é capaz de fazer uma entrevista política. Parabéns Flow”, relatou um espectador nos comentários do YouTube); por outro, a falta de rigor na busca pela verdade objetiva, que caracterizaria um trabalho jornalístico, abriu espaço para desinformação e fez do programa pouco agregador do ponto de vista de criar conhecimento.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Leonel; BARSOTTI, Adriana. Jornalismo amador: proposta para definir as práticas jornalísticas exercidas pelo público em ambientes interativos. *Pauta Geral - Estudos em Jornalismo*, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 43–58, 2013. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/pauta/article/view/6081>.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo, SP: Edições 70, 2016.
- BARROSO, Luis Roberto. Colisão entre Liberdade de Expressão e Direitos da Personalidade. Critérios de Ponderação. *Interpretação Constitucionalmente Adequada do Código Civil e da Lei de Imprensa*. *Revista de Direito Administrativo*, [S. l.], v. 235, p. 1–36, 2004. DOI: 10.12660/rda.v235.2004.45123. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/rda/article/view/45123>
- BENETTI MACHADO, Marcia; MOREIRA, Fabiane. Jornalismo e informação de interesse público. *Revista FAMECOS*, [S. l.], v. 12, n. 27, p. 117–124, 2008.
- BENKLER, Y. *The wealth of networks. How social production transforms markets and freedom*. New Haven/London: Yale University Press, 2006. Disponível em: http://www.benkler.org/Benkler_Wealth_Of_Networks.pdf
- BERNASIUK, Helen Lentz Ribeiro. A lei de imprensa: breve análise sobre a posição do Supremo Tribunal Federal no julgamento da ADPF 130. *Revista da AJURIS – Porto Alegre*, v. 42, n. 138, Junho, 2015.
- BLOTTA, Vitor S. L. *O direito da comunicação: uma nova teoria crítica do direito a partir da esfera pública política*. São Paulo: Editora Fiuza, 2013.
- BOBBIO, Norberto. *Teoria Geral da Política: a filosofia política e as lições dos clássicos*. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

BRASIL. Superior Tribunal de Justiça. Recurso Especial nº 680794. Relator: Min. Luis Felipe Salomão, 2010. Disponível em: <http://www.stj.jus.br>.

BUCCI, Eugênio. A Superindústria do Imaginário: como o capital transformou o olhar em trabalho e se apropriou de tudo que é visível. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

CAVALCANTI, Davi Barboza; DE OLIVEIRA, Sheila Borges. Mudanças no jornalismo: o repórter amador e a análise de redes sociais. Revista FAMECOS EDIPUCROS, 2019. DOI: 10.15448/1980-3729.2019.2.31595. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2019.2.31595>.

CELIKATES, Robin. Digital Publics, Digital Contestation: A News Structural Transformation of the Public Sphere?. In: Transformations of democracy: crisis, protest and legitimation. Rowman & Littlefield International, Ltd, 2015.

CESARINO, Leticia. O mundo do avesso: verdade e política na era digital. São Paulo: Ubu, 2022.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. Preocupações éticas no jornalismo feito por não-jornalistas. Comunicação e Sociedade, [S. l.], v. 25, p. 267–277, 2014. DOI: 10.17231/comsoc.25.1873. Disponível em: <https://revistacomsoc.pt/index.php/revistacomsoc/article/view/883>.

CLAYMAN, Steven. Displaying Neutrality in Television News Interviews. Social Problems Oxford University Press (OUP), , 1988. DOI: 10.1525/sp.1988.35.4.03a00100. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1525/sp.1988.35.4.03a00100>.

DA PAIXÃO, Maria Filomena. Comentários à decisão do Supremo Tribunal Federal na ADPF 130. Observatório da Jurisdição Constitucional, [S. l.], v. 1, n. 3, 2009.

DA SILVA MEDEIROS, J. Considerações sobre a esfera pública: redes sociais na internet e participação política. Transinformação, [S. l.], v. 25, n. 1, 2013. Disponível em: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/transinfo/article/view/6124>.

DE BARROS, Álvaro Gonçalves; DE SOUZA, Carlos Henrique Medeiros; TEIXEIRA, Risiberg. Evolução das comunicações até a internet das coisas: a passagem para uma nova era da comunicação humana. Cadernos de Educação Básica Imperial Editora, , 2021. DOI: 10.33025/ceb.v5i3.3065. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.33025/ceb.v5i3.3065>.

ELDRIDGE, Scott A. II. “Thank God for Deadspin”: Interlopers, Metajournalistic Commentary, and Fake News through the Lens of “Journalistic Realization.” New Media & Society 21 (4): 856–878, 2019.

EMPOLI, Giuliano Da. Os engenheiros do caos, trad: Arnaldo Bloch. São Paulo: Vestígio, 2022.

FÁVERO, Leonor Lope.; ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira. Os processos de representação da imagem pública nas entrevistas. In: PRETI, Dino (org.) Estudos de língua falada: variações e confrontos. São Paulo: Humanitas, 1998, vol. 3, p. 153-177.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS. Código de ética dos jornalistas brasileiros. Disponível em: https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf

GARCIA RAMIREZ, Diego. Journalism in the attention economy: the relation between digital platforms and news organizations. Brazilian journalism research Associação Brasileira de Pesquisadores de Jornalismo, 2021. DOI: 10.25200/bjr.v17n1.2021.1332. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.25200/BJR.v17n1.2021.1332>.

GENTILLI, Vitor. O conceito de cidadania, origens históricas e bases conceituais: os vínculos com a Comunicação. Revista FAMECOS, [S. l.], v. 9, n. 19, p. 36–48, 2002. DOI: 10.15448/1980-3729.2002.19.3184. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/revistafamecos/article/view/3184>.

GIBSON, James J. *The Ecological Approach to Visual Perception: Classic Edition*. New York/London: Psychology Press, 2014.

GOMIS, Lorenzo. Do importante ao interessante. Ensaio sobre critérios para a noticiabilidade no jornalismo. Pauta Geral. Revista de Jornalismo. Salvador: Calandra, Ano 9, n. 4, p. 225-258, 2002.

GOMIS, Lorenzo. *Teoria del periodismo. Cómo se forma el presente*. Barcelona: Paidós, 1991.

GONZAGA, Camila Cristina Santos. Isso é jornalismo, “uai”? Uma análise da informalidade no jornalismo do “Conversa de Redação”. *Sonora*, Unicamp, v. 3, n° 5, 2010.

HABERMAS, Jürgen. *Political Communication in Media Society: Does Democracy Still Enjoy an Epistemic Dimension? The Impact of Normative Theory on Empirical Research*. Communication Theory Oxford University Press (OUP), 2006. DOI: 10.1111/j.1468-2885.2006.00280.x. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1111/j.1468-2885.2006.00280.x>.

HAYES, Rebecca, Caleb Carr; WOHN, Donghee. One Click, Many Meanings: Interpreting Paralinguistic Digital Affordances in Social Media. *Journal of Broadcasting & Electronic Media*, v. 60, n. 1, pp. 171 - 87.

HOLTON, Avery E.; BELAIR-GAGNON, Valerie. Strangers to the Game? Interlopers, Intralopers, and Shifting News Production. *Media and Communication Cogitatio*, , 2018. DOI: 10.17645/mac.v6i4.1490. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.17645/mac.v6i4.1490>.

JAMES, M. L., WOTRING, C. E. & FORREST, E. J. An exploratory study of the perceived benefits of electronic bulletin board use and the impact on other communication activities. *Journal of Broadcasting & Electronic Media*, 39, p. 30–50, 1995.

KEEN, Andrew. *O culto do amador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

KOSTERICH, Allie. *Reengineering Journalism: Product Manager as News Industry Institutional Entrepreneur*. Digital Journalism Informa UK Limited, , 2021. DOI: 10.1080/21670811.2021.1903959. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/21670811.2021.1903959>.

LAVADO, Thiago. Flow Podcast: a “conversa de bar” de Igor e Monark que conquistou o Brasil. Exame, 19 de abril de 2021. Tecnologia. Disponível em: <https://exame.com/tecnologia/flow-podcast-a-conversa-de-bar-de-igor-e-monark-que-conquistou-o-brasil/>

LEE, Jayeon. *The Double-Edged Sword: The Effects of Journalists’ Social Media Activities on Audience Perceptions of Journalists and Their News Products*. Journal of Computer-Mediated Communication Oxford University Press (OUP), 2015. DOI: 10.1111/jcc4.12113. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1111/jcc4.12113>.

LERY, Júlia. Dilma no Jô: o papel do talk show e a crítica em uma sociedade polarizada. *RuMoRes*, [S. l.], v. 10, n. 19, p. 58-75, 2016. DOI: 10.11606/issn.1982-677X.rum.2016.110100. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/110100>.

MARTINS FILHO, Ives Gandra. O princípio ético do bem comum e a concepção jurídica de interesse público. Disponível em: www.jus.com.br/doutrina/texto.asp?id=11

MORIN, Edgar. A entrevista nas Ciências Sociais, no rádio e na televisão. In: MOLES, Abraham A. et al. Linguagem da Cultura de Massa. Petrópolis: Editora Vozes, 1973.

MOURA, Catarina. Jornalismo na era Slashdot. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, 2002. Disponível em: http://www.bocc.ubi.pt/pag/_texto.php3?html2=mouracatarina-jornalismo-slashdot.html.

MYNEWS. Igor 3K fala como FLOW PODCAST lida com mentiras de Bolsonaro e ingerências das big techs. YouTube, 15 de agosto de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ktoHWeLCEMw>

NEWMAN, NIC. et al., 2022. Reuters Institute Digital News Report 2022, Reuters Institute for the Study of Journalism. United Kingdom. Disponível em: https://policycommons.net/artifacts/2470970/digital_news-report_2022/3492975/.

NIELSEN, R. K. How newspapers began to blog. Information, Communication & Society, 15(6), 959–978, 2012.

OLIVEIRA, Sheila Borges de. O repórter-amador: uma análise das disposições sociais motivadoras das práticas jornalísticas do cidadão comum. Recife: Editora Cepe, 2015.

PASQUALE, Frank. A esfera pública automatizada. *Libero*, v. 20, n. 39, p. 16-35, 2017.

PATRÍCIO, Edgard; VIANA, Leidyanne. Jornalismo e Interesse Público: uma análise da Agência Câmara Notícias a partir da categorização de fatos. *ÂNCORA - Revista Latino-americana de Jornalismo Portal de Periódicos UFPB*, , 2018. DOI: 10.22478/ufpb.2359-375x.2018v5n2.42872. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.22478/ufpb.2359-375X.2018v5n2.42872>.

PEREIRA, Fabio Henrique. A entrevista no jornalismo brasileiro: uma revisão de estudos. *Estudos em Jornalismo e Mídia Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)*, 2018. DOI: 10.5007/1984-6924.2017v14n2p139. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/1984-6924.2017v14n2p139>.

PGR vai investigar Monark e Kataguirí por possível apologia ao nazismo. *Consultor Jurídico*, 8 de fevereiro de 2022. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2022-fev-08/pgr-investigar-monark-kataguirí-suposto-apoio-nazismo>

PINTO, Alexandre Guimarães Gavião. Conflitos entre o direito à intimidade e à vida privada e o direito à informação, liberdade de expressão e de comunicação. Possíveis soluções. Utilização indispensável do princípio da proporcionalidade. *Revista de direito do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro: Espaço Jurídico, n. 74, p. 31-40, 2008.

RECUERO, Raquel. Redes Sociais na Internet, Difusão de Informação e Jornalismo: Elementos para discussão, 2009.

SANTOS, Ana Leonor Morais. Uma nova ética para um novo jornalismo? Revisitando o imperativo da responsabilidade. *Mediapolis – Revista de Comunicação, Jornalismo e Espaço Público Coimbra University Press*, 2019. DOI: 10.14195/2183-6019_9_2. Disponível em: http://dx.doi.org/10.14195/2183-6019_9_2.

SILVA, Fernanda Mauro da. Entrevista no telejornalismo: configurações históricas da vigilância em programas de entrevista. *RuMoRes*, [S. l.], v. 7, n. 14, p. 62-79, 2013. DOI: 10.11606/issn.1982-677X.rum.2013.69430. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/69430>.

SRNICEK, Nick. *Capitalismo de plataformas*. Buenos Aires: Caja Negra, 2018.

STROPPIA, Tatiana. *Plataformas digitais e moderação de conteúdo: por uma regulação democrática*. Fórum, 2021.

TAMBOSI, Orlando. *Informação e Conhecimento no Jornalismo*. Estudos em Jornalismo e Mídia, Vol.II Nº 2 - 2º Semestre de 2005.

TIGRE, Rodrigo. Os diferentes formatos e usos do podcast. *Meio & Mensagem*, 20 de agosto de 2020. Opinião. Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/opiniao/os-diferentes-formatos-e-usos-do-podcast>

TRAMMELL, Kaye D. Looking at the pieces to understand the whole: An analysis of blog posts, comments, and trackbacks. Paper presented at the 55th Annual Conference of the International Communication Association, New York, NY, 2015.

VALENTE, Jonas. *Tecnologia, informação e poder: das plataformas online aos monopólios digitais*. 2019.

VELHO, Otávio. De Bateson a Ingold: Passos na constituição de um paradigma ecológico. *Mana*, v. 7, n. 2, pp. 133 - 40.

VIDAL, Delcia M. M. *Imprensa, jornalismo e interesse público: perspectivas de renovação – a notícia cidadã*. 221f. Doutorado em Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade de Brasília. Brasília, 2009.

WARD, Stephen J. A.; WASSERMAN, Herman. Towards an Open Ethics: Implications of New Media Platforms for Global Ethics Discourse. *Journal of Mass Media Ethics* Informa UK Limited, , 2010. DOI: 10.1080/08900523.2010.512825. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/08900523.2010.512825>.

ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE O LIVRO-REPORTAGEM SOBRE MARIGHELLA E SUA ADAPTAÇÃO CINEMATOGRAFICA

Data de aceite: 03/06/2024

Geovanna Santos de Oliveira

APRESENTAÇÃO DO TRABALHO DESENVOLVIDO

O estudo foi realizado por graduanda de Jornalismo na Universidade Cruzeiro do Sul, após a pesquisa ter sido abandonada pela proponente, da Universidade de São Paulo (USP). Portanto, desenvolvemos uma investigação que havia sido proposta por outra pessoa, e cuja realização, em universidade diferente da inicial, é permitida a pós-doutorandos, como é o caso do orientador desta pesquisa, professor da autora que concluiu o trabalho.

Começamos informando que, inicialmente, foram feitas leituras e fichamentos acerca dos eixos fundamentais de estudo sobre a adaptação do livro-reportagem sobre Marighella para o cinema: tempo, espaço e personagem. Em relação aos dois tipos de longas narrativas, a biografia foi escolhida e compreendida levando em conta a possibilidade de

tratarem de modo profundo e contextual um personagem relevante para a história brasileira e para aqueles que lidam diretamente com a arte e a comunicação.

Entre as primeiras tarefas da pesquisa bibliográfica, lemos e realizamos o fichamento da obra que gera a adaptação cinematográfica, *Marighella: o guerrilheiro que incendiou o mundo*, de Mário Magalhães (2012), a qual retrata a vida do protagonista de modo jornalístico, como um livro-reportagem. Ele evidencia o movimento militante e a ação de Marighella dentro das organizações políticas contra a Ditadura. Os principais acontecimentos são organizados em cinco partes, com detalhes e investigações aprofundadas sobre a vida de Carlos Marighella.

Outra leitura de base, esta teórica, é *Páginas ampliadas – O Livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*, de Edvaldo Pereira Lima (2009), essencial para a compreensão do que fundamenta o fazer jornalístico nesse tipo de produção, que emprega elementos literários no jornalismo. Ainda em relação

às leituras iniciais – esclarecendo, desde já, que esta pesquisa é estritamente bibliográfica, não tendo sido necessária a aprovação pelo Comitê de Ética em pesquisa, por não envolver seres humanos, como nas situações de entrevista – devemos mencionar como leitura fundamental *O tempo na narrativa*, de Benedito Nunes (2013). Entendemos que o tratamento do tempo é amplo, estendendo uma análise dentro das diversas possibilidades na literatura.

Relacionando as duas obras mencionadas anteriormente, e especificando o tempo cronológico do livro-reportagem sobre Marighella adaptado para o cinema, a história é compreendida de modo linear, englobando os acontecimentos nos movimentos naturais da vida e ação do personagem, mostrando as relações de Marighella com o tempo real e com o espaço.

Entre as leituras, houve orientações periódicas, mais de uma por semana no início do trabalho, justamente porque esta pesquisadora estava assumindo uma proposta feita por outrem – mas o que poderia ter sido uma desvantagem, foi compensada pela presença do orientador toda semana, já que leciona no curso de Jornalismo que frequento.

Continuando o relato sobre as leituras iniciais, foi fundamental o artigo *O mapa e a trama*, de Carlos Augusto (2002). Ele tratar dos espaços na literatura, possibilitando uma compreensão dos espaços geográficos dentro do livro-reportagem estudado – afinal, o espaço é um dos três eixos de análise da adaptação cinematográfica. No artigo mencionado, através de uma avaliação crítica do tratamento de ambientes físicos ou psicológicos na literatura brasileira, o autor constrói uma comparação da consolidação espacial relacionando a influências ideológicas, conceitua a indissolubilidade da ligação espaço-tempo e do espaço com a trama, em que se passam as ações do personagem. Pudemos, então, começar a traçar relações entre a teoria e pesquisa, constando, por exemplo, que no livro-reportagem são explorados de maneira ampla os espaços de ação, luta, além dos ambientes de fuga, que são diversos nas diferentes temporalidades políticas vividas por Marighella. O livro-reportagem alimenta a imaginação do leitor acerca das vivências do guerrilheiro até fora do seu país.

Ainda considerando o espaço, mas agora na relação com a obra cinematográfica, alguns parâmetros espaciais do livro-reportagem são mantidos, como a escolha do tratamento linear e cronológico da história, facilitando a compreensão da biografia e prezando pela lógica do filme. Isso quanto às leituras iniciais e suas relações com o espaço. Um segundo momento da pesquisa enveredou por outro eixo, ou objetivo específico, a constituição do personagem principal, o protagonista.

Na obra *A personagem*, de Beth Brait (1995), as características de um personagem plano – que, posteriormente, percebemos terem sido as mesmas no livro-reportagem e no cinema – são esclarecidas, pois “as personagens planas são construídas ao redor de uma única ideia ou qualidade. Geralmente definidas em poucas palavras, estão imunes à evolução no transcorrer da narrativa, de forma que as suas ações apenas confirmem a impressão de personagens estáticas, não reservando qualquer surpresa ao leitor” (1995, p. 34).

Os recursos cinematográficos como angulação, recortes e planos tratados, como explica Maria Dora Mourão, na obra *O tempo no cinema e as novas tecnologias* (2002), permite a expressão de sua linguagem e evidencia o realismo desse território com a manipulação das técnicas digitais. Apesar das potencialidades da narrativa escrita, é no cinema que a interpretação visual da realidade passa a materializar o pensamento em movimento.

Obviamente, as leituras não puderam estar circunscritas aos três eixos propostos – tempo, espaço e personagem – sem entrar na discussão sobre adaptação cinematográfica, a via central da pesquisa. Assim, no que diz respeito a adaptação, o artigo *Teoria e prática da adaptação: da fidelidade à intertextualidade*, de Robert Stam (2006), é fundamental para análise da quebra de preconceitos e falsas afirmações de cópia e superioridade do romance em relação ao cinema, ou viceversa. Além disso, o texto mostra que “faz parte de um espectro de produções culturais niveladas e, de forma inédita, igualitárias” (2006, p. 24). Assim, o autor desconstrói a forma moralista acerca das adaptações e elementos como o contexto, tempo no romance e afinidades artísticas, identificados como fundamentais para compreender o que caracteriza uma adaptação, rompendo com falsos argumentos superficiais da visão tradicional sobre a incapacidade de interconexões entre a história, filosofia e o cinema.

Além dessas leituras iniciais, houve outras, além das orientações, conjunto reflexivo e dialogal que levaram às conclusões, conforme descreveremos nos próximos tópicos.

APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS OBTIDOS

A presente pesquisa analisa a trajetória de vida de Carlos Marighella em duas longas narrativas, o livro-reportagem *Marighella: o guerrilheiro que incendiou o mundo*, de Mário Magalhães (2012), que exprime de modo amplo e profundo sua vida e ação política durante a opressão de governos autoritários, e o longa-metragem *Marighella* (2021), dirigido por Wagner Moura, que, através de uma produção de cunho ficcional, mas realista, retrata a figura militante do guerrilheiro focando em um período significativo, a luta contra a Ditadura militar instaurada em 1964.

O livro-reportagem, de extrema importância para o jornalismo e para o processo de reflexão acerca do personagem, narra a vida de Carlos Marighella de modo que a investigação e o olhar plural sobre a história narrada em profundidade seja superior ao tratamento costumeiro do jornalismo cotidiano. A produção do jornalista Mário Magalhães promove uma ligação direta com os eixos de objetivo da pesquisa, já que estes se enriquecem e são reconstituídos dentro de um sentido e de tempo mais amplo no livro-reportagem, também ampliando os espaços onde o protagonista atua.

Nesse tipo de produto jornalístico, ocorre a humanização do protagonista através dos recursos fundamentais da apuração de informações, combinada com recursos

da literatura em um veículo não-periódico, como o perfil e a narrativa real no estilo do jornalismo literário. Ao longo deste livro-reportagem-perfil, conforme identificamos, são evidenciadas as circunstâncias da vida de Marighella, personificado a realidade de sua vida. Assim, identificamos a “jornada do herói”, método de estrutura narrativa discutido por Joseph Campbell e citado por Edvaldo Pereira Lima (2009, p. 55), que ajuda a compreender e identificar elementos da narrativa, também aplicadas no filme.

Com respeito ao tempo, nas duas produções, escrita e cinematográfica, ele é tratado de modo linear e cronológico. Consideramos que isso não empobrece as obras, ao contrário, garante ou, pelo menos, procura garantir a facilidade de compreensão da história. O tempo linear impacta a construção do livro-reportagem e seus desdobramentos, além de, no filme, tornar direta a relação artística para com as adastante direta a a relação com o texto escrito, estabelecendo uma ampliação de leitores e espectadores dos dois produtos midiáticos.

O tempo, no filme Marighella, assim como no livro-reportagem, conta a história do guerrilheiro de modo que os acontecimentos vão sendo construídos em sucessivas ações, do passado para o presente, do antes para o depois. Nas duas obras, o recorte histórico mostra as ações do líder de maneira linear, até sua morte.

Segundo Benedito Nunes em *O tempo na narrativa* (1988), o tratamento do tempo ligado à narrativa instaura uma ordem de possibilidades diversas, mas não a indissociação com o espaço, que na obra cinematográfica é mais notório do que no livro-reportagem. Contudo, em no texto escrito e nas telas, a partir da sequências relativas a diversas ações de guerrilha, com início na cidade, mas que se expandem para o campo, é ressaltada a escolha e o tratamento dos fatos o modo sequenciado. Enfim, isso é perceptível através da vida e ações de Marighella dentro de um período de grande repressão, mostrar sua força ideológica dentro das organizações clandestinas e o seu lado humano.

Maria Dora Mourão, em *O tempo no cinema e as novas tecnologias* (2002), conceitualiza o tempo dentro desse meio a partir da linguagem narrativa e especifica o tempo narrativo em simultaneidade. São fundamentos da obra ficcional que tornam possível a análise da organização da ideia de “tempo real”, tempo que engloba o momento presente, capaz de atingir o telespectador através dos recursos de continuidade narrativa, articulação de imagens e sons, montagem de imagens paralelas e horizontais. No filme sobre Marighella, os uso específico do plano detalhe, geral e primeiro plano ressalta a noção de tempo dentro não somente na duração da obra, como na duração cênica dos atores e dos conflitos do personagem protagonista, ajudando na caracterização deste, por exemplo ressaltando a ideia de realismo que se quer atingir.

O aspecto de simultaneidade, fundamental para compreender as diferenças temporais nos dois objetos de estudo, sem a imagem presente no cinema, pelo menos no sentido óbvio e direto, é gerador do desdobramento dos acontecimentos em ordem sucessiva no livro-reportagem, alimentando a capacidade de imaginação através da lógica

temporal. No filme, por efeito da projeção múltipla e sequencial de imagens, o tempo se torna concomitante porque a visualização se impõe, levando o telespectador para o tempo presente da narrativa. As ações simultâneas das fugas em espaços diferentes, vivenciadas pelos personagens gurrilheiros e pelo protagonista, é possível no cinema devido essa possibilidade de trabalhar as diversas ações.

Quanto ao espaço da adaptação cinematográfica, é realista, com um espaço geográfico fundamentando tal realismo, mostrando a casa, lugares de fuga, de ataque do guerrilheiro a bancos, por exemplo, e os espaços públicos em que mostra as cenas de conflito. Esses espaços dialogam com a temporalidade do livro de forma bastante fidedigna, falicitando a compreensão da biografia.

Nesse sentido, no que diz respeito ao protagonista, o tempo em relação ao espaço é fundamental para a as cenas de ação, como ataques armados, ou na cena em que o ator Humberto Carrão com seu personagem Humberto joga uma bomba no prédio com a bandeira norte americana. As ações se dão pela composição dessas imagens e a noção de tempo é afetada pela escolha dessas angulações e recortes. A movimentação da câmera reflete e afeta o tempo nas cenas, tanto em relação a duração dos conflitos armados, quanto na duração do tempo do personagem. Isso se dá nos momentos em que há a movimentação sequencial, como o “traveling”, em que as ações e passos dos personagens são acompanhados dando a sensação de momentos apreensivos dos ataques que poderiam ocorrer a qualquer momento.

Um movimento requer paragens e interrupções, assim como a narrativa, pausas e elipses. O tempo da história para e do discurso prossegue na pausa que corresponde à descrição, um quadro estático salientando o espaço na ficção realista-naturalista. (NUNES, 1988, p. 34).

O tempo dentro da ação cênica sempre será o tempo presente, mesmo que ela se localize no passado, ou seja, mesmo se tratando do período do golpe militar, a encenação e relação entre os atadores se torna verdadeira porque é feita construindo uma noção de presencialidade, presente e presentidade. Constatamos que isso é diferente no livro-reportagem, que antecipa os fatos, pode oscilar no tempo, recuar, acelerar, mesmo que, de forma geral, opte pela narrativa de ordem cronológica.

Não se deve atribuir a uma só causa - a influência no cinema - a dilatação espaço temporal do romance moderno, que é concordante com o sistema cubista das perspectivas múltiplas nas artes plásticas e com o primado do tempo no pensamento teórico. Mas há entre o desenvolvimento da forma romanesca, que se relaciona com a quebra da ordem cronológica da narrativa e a conquista pelo cinema de uma linguagem própria (cortes, planos, angulações), uma impressionante convergência. (NUNES, 1988, p. 50).

Percebemos na pesquisa teórica e, especialmente, na observação das narrativas, que o tempo na cinematografia deve ser observado em ampla dimensão, uma vez que todos esses recursos mencionados se modificam conforme o desenvolvimento da narrativa, mas também é preciso compreender essa mudança não exclusivamente como uma opção de uso da técnica do tratamento de cena que esse objeto possibilita, mas como um refinamento artístico.

Neste ponto, devemos fazer novamente referência a *O mapa e a trama*, de Carlos Augusto, segundo o qual o espaço está irremediavelmente unido ao tempo. Constatamos isso no livroreportagem e no cinema, porque o tempo pressupõe uma variação de sentidos, o que diversifica e amplia os contextos sociais, políticos e econômicos que, a partir do anseio à autoafirmação individual, como a do protagonista Marighella, refletem-se em qualquer trama. A obra, apesar de ser uma ficção, não deixa de explorar os espaços com fidelidade e de apresentar conexões com o real, ou seja, os espaços geográficos retratam um homem ligado ao meio em que vive, especificamente espaços físicos e reais adaptados pela produção das narrativas em livro e no cinema, através da mensagem que se quer passar.

O enredo é o que possibilita essa interligação entre o espaço real e tempo cronológico, que se concretiza dentro da organização dos discursos e das ações no contexto político do filme. Assim, o ápice da cinematografia vai concentrando através dos espaços de ação do partido, com uma intencionalidade ideológica e crítica ao mostrar não só o que ocorreu com Marighella e com todos aqueles que lutavam contra a opressão, mas também ao focar nos reflexos ideológicos em relação à atualidade. Isso evidencia uma das semelhanças dos objetos aqui estudados, livro-reportagem e filme, que, ao tratar desses ambientes, concretiza a conexão de realidade geográfica com o imaginário, sem anular as verdades factuais e sem limitar a amplitude das obras e dos espaços retratados.

É necessário compreender que a composição do espaço também reflete no personagem, já que pode determinar características físicas e ideológicas dele. Marighella era baiano, mas vive sua vida política de maneira mais profunda em São Paulo, juntamente de estudantes e de pessoas ligadas a atividades políticas. O personagem é moldado, também, no contato com lideranças estrangeiras, nas quais ele se inspirava e estabelecia relação com sua luta armada e ideológica no Brasil. Assim, quando se trata do espaço, é preciso compreender que, além da relação direta com o tempo, ele descreve na criação artística uma significativa qualidade do que compõe o personagem. Um exemplo da interligação do espaço e personagem é a heroicização de sua figura.

No filme, Marighella é mostrado além de sua posição e liderança política, em características físicas como sua cor de pele e regionalidade, rompendo com a marginalização da figura de um homem preto não pertencente à elite branca. Isso é possível porque em diversos locais em que o protagonista aparece, há a figura de líderes e personagens que lutam pela democracia. Nesse sentido, a associação entre o urbano e rural deve ser

destacada no que diz respeito à análise dos espaços da cinematografia e sua capacidade de exploração, fundamental para compreender o movimento e lugares de inserção da luta armada, que não se restringiu à cidade. A relação entre a desigualdade da presença de movimentos ideológicos em massa nos dois cenários marca a luta de militantes que tinham como objetivo acabar com a exclusão de uma grande parcela da sociedade brasileira.

Isso constroi um espaço político, em que se encontra o poder que dirige a sociedade. No filme, esses espaços são carregados de construções ideológicas mas ações dos encenadores, revelando uma leitura acerca dos ambientes de ameaças democráticas constantes e as lideranças associadas a esses locais, que perseguiram Marighella. É preciso sempre deixar evidente o fato que em todos os conceitos de espaço teorizados e presentes nas duas produções, tem maior exploração no livro-reportagem, que detalha e descreve esses locais a partir dos recursos literários e imagéticos, que no cinema são substituídos por sobreposição de imagens em movimento, mais rápidas.

O filme nos possibilita compreender os espaços geográficos e os psicológicos de cada personagem, através das relações com os espaços narrativos. “O cinema nos oferece a possibilidade de inquirir o real através do impulso imaginativo e da prova documental, de fazer ressuscitar o passado e atualizar o futuro, de conferir a uma imagem fugaz mais pregnância do que o espetáculo cotidiano é capaz de oferecer” (MARTIN, 1990, p. 81).

A relação da descrição dos ambientes na adaptação não se limita na fidelidade de retratar esses espaços, mas como são feitos os redimensionamentos para organizar a história dentro de um perfil contemporâneo, criativo e brasileiro, rompendo com a possibilidade de ser uma arte apenas descritiva de esgotamento e subordinada a uma produção de consumo e de massa. Na pluralidade desses locais, a diversidade e complexidade da existência humana é consolidada de modo objetivo e, ao mesmo tempo, profundo, sem a imposição, nem limitação de atributos ficcionais.

Quanto ao personagem central, Marighella, primordialmente foram identificados elementos do processo artístico realizado por Seu Jorge, cantor que atuou como ator, para construir e apresentar a persona do revolucionário. Uma primeira constatação é que é através do livro-reportagem que o leitor é mais orientado sobre concepções do protagonista, principalmente para aqueles que não possuem um conhecimento sobre a história nacional. Do ponto de vista da constituição do protagonista, Marighella é um personagem plano, referencial e condutor da ação. Ou seja, ele é construído ao redor de uma única ideia, mas isso não anula sua complexidade, ao contrário, ressalta suas características, especialmente a de obstinado guerrilheiro, tanto no livro-reportagem, quanto no cinema.

Previsível em suas características – não em suas ações - ele não reserva uma qualidade surpresa. Isso porque é referencial, com uma perspectiva fixa, dentro de uma cultura e de um momento político. E isso contribui para que seja marcante sua construção como herói. E é condutor da maioria das ações, ou lhes dá o primeiro impulso, postura decorrente da necessidade de acabar com a repressão através da luta armada.

Na obra *A personagem de ficção* (2021), os textos de Antônio Cândido e Paulo Emílio Salles nos mostram que a personagem no romance e a personagem cinematográfica, de maneira objetiva, ajuda o leitor a identificar as qualidades relacionadas a estes meios. Inevitavelmente, é preciso que a construção do personagem esteja interconectada a elementos cênicos, não só ao enredo, apesar de ser uma das maiores forças. Entendemos que o personagem é um paradoxo, um ser fictício, mas que ao mesmo tempo é manifestado de modo verdadeiro. Ou seja, apesar de Marighella ter existido, a construção do personagem do filme é um trabalho do diretor Wagner Moura e do ator Seu Jorge, assim como, no livro-reportagem, de Mário Magalhães, e com isso é preciso criar afinidades, verossimilhança.

Em longas narrativas é possível desenvolver melhor a complexidade do personagem. Marighella é objeto de diversas discussões sobre sua personalidade e princípios políticos que, dentro da análise de personagem no livro-reportagem e no cinema, se configura no aspecto psicológico e em suas ações. A morte possibilitou um recorte definitivo de seus atos e pensamentos, fixando de modo verossímil sua figura. Por isso, a construção da personagem resulta de um conjunto de traços, como, por exemplo, monólogos e discursos ressaltados pela comunhão com outros personagens.

Tanto no livro-reportagem, quanto no filme, o leitor e o telespectador se encontram a partir do personagem central, figura real com muitas camadas, ou aspectos. Marighella, mesmo sendo plano e mantendo desde o começo das narrativas seu objetivo e ideal, é um ser complexo – tem amores, saudades, dúvidas. A criação de um personagem se dá a partir de suas paixões, medos, de sua individualidade e de seus comportamentos em grupo. No livro-reportagem e no filme, o guerrilheiro é retratado por várias perspectivas: de militante, pai de um jovem rapaz que acaba sendo ameaçado pela influência política do pai, como um líder, um amante, em sua relação com a conjuntura política do país, seu ideário. O personagem nos parece real quando a narrativa parece mostrar tudo a seu respeito.

Quanto à adaptação em si, concluímos que a obra cinematográfica, adaptação do livro-reportagem, propõe uma narrativa como prática intertextual. Ou seja, uma produção audiovisual repleta de transposições diretas e de referências indiretas ao texto escrito, construindo especificidades e afinidades potenciais das duas narrativas. Há um diálogo entre a arte e a realidade social, que é transformada em uma representação artística, mas não é uma cópia exata, nem deveria ser.

Como compreendemos com Silva (2009), o cinema contemporâneo, através de longas-metragens ficcionais, tem feito muitas adaptações literárias, mas menos de livros-reportagem, como é o caso desta pesquisa. As representações simbólicas englobam essencialmente a diversidade de pensamentos e valores, assim como as similaridades possíveis entre as duas narrativas. Se há uma tendência ou necessidade do cinema se inspirar em textos escritos, literários ou jornalísticos, cada um deve realizar, como verificamos, suas próprias possibilidades estilísticas. Não deve haver uma fidelidade exata – que seria impossível - ao original, mas uma recriação dos elementos dentro dos contextos narrativos, ideológicos e estilísticos de cada tipo de história, escrita e filmada.

A abordagem analítica de uma adaptação cinematográfica deve, portanto, partir do pressuposto de que o livro e o filme nele baseado são dois extremos de um processo que comporta alterações de sentido em função do fator tempo, a par de tudo o mais que, em princípio, distingue as imagens, as trilhas sonoras e as encenações das palavras escritas e do silêncio da leitura” (XAVIER, 2003, p.61).

A prática intertextual é uma recriação da profunda da investigação jornalística de Mário Magalhães no cinema. Abaixo, a tabela mostra as características do livro-reportagem e do filme, através dos eixos principais de análise, o tempo, o espaço e o protagonista.

LIVRO-REPORTAGEM	FILME
PERSONAGEM: Plano Investigação ampla das várias facetas do personagem. Tem maior foco na sua ação como guerrilheiro no período da Ditadura instaurada no Brasil em 1964, contra a qual promoveu a luta armada.	PERSONAGEM: Plano Apresentação deste através dos signos e características psicofísicas marcantes, como força física e obstinação ideológica. Mostra também sua humanização através de cenas em conjunto com sua família.
TEMPO: linear Maior desenvolvimento temporal da vida do guerrilheiro em relação ao filme, com início na sua infância, passando por sua ação política com início na década de 1930, no governo Vargas, e se estendendo durante o golpe de 1964, até sua morte em novembro de 1969.	TEMPO: linear e cronológico Delimitação temporal de sua ação política durante o golpe de 1964. Esse recorte temporal mais restrito que no livro-reportagem se dá por conta da própria natureza da adaptação, que, apesar de resultar em um longa-metragem, se concentra no principal período de atividades do protagonista.
ESPAÇO: Maior exploração e detalhamento de espaços físicos. Os espaços geográficos explorados no livro- reportagem são diversos como os da organização dos partidos, espaços urbanos e rurais, países da Europa e cidades brasileiras.	ESPAÇO: Locais realistas, físicos, mas concentração naqueles relativos aos chamados “anos de chumbo”, na ditadura civil-militar instaurada no Brasil em 1964. Grande concentração em espaços internos, especialmente esconderijos.

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NA UNIDADE

Durante a realização do projeto de iniciação científica alocado na Universidade de São Paulo (USP) no ano de 2022, foi possível a atividade da pesquisadora participando da primeira Semana de Cultura e Extensão no Departamento de Comunicação.

Na ocasião, realizou-se a participação como ouvinte nas aulas abertas, palestras, mostras e oficinas do curso de jornalismo e audiovisual relacionados a esta pesquisa. O conhecimento interligado com esse trabalho foi ampliado através dessa exploração.

Mesmo sendo aluna de outra instituição, a Universidade Cruzeiro do Sul, foi possível participar da semana acadêmica da USP como ouvinte nas apresentações de outras pesquisas de iniciação científica e de grupos de pesquisa abertos como No olho do furacão brasileiro: filmes colaborativos de urgência face à atualidade política brasileira (apresentações e mostras), e História e Audiovisual: circularidades e Formas de Comunicação (grupo de pesquisa).

PARTICIPAÇÃO EM EVENTOS CIENTÍFICOS COM APRESENTAÇÃO DA PESQUISA

Enquanto este relatório final era redigido, foi realizada a inscrição deste trabalho de pesquisa para apresentação no Simpósio Internacional de Iniciação Científica e Tecnológica (SIICUSP), em sua 31ª edição. Através do evento será possível a primeira integração com outros pesquisadores, além da divulgação dos resultados encontrados, parte fundamental da construção de competências necessárias ao desenvolvimento acadêmico.

PARTICIPAÇÃO EM ORGANIZAÇÃO DE EVENTOS CIENTÍFICOS NA UNIDADE

Apesar do item se referir, obviamente, à Universidade de São Paulo, como realizamos esta pesquisa como graduanda de outra instituição, a Universidade Cruzeiro do Sul, devemos informar que esta pesquisadora participou da organização da Semana Acadêmica de Jornalismo no ano de 2023.

As atividades consistiram no planejamento de oficinas, palestras e mesas sobre temáticas da profissão dentro do tema gerador Jornalismo em Defesa da Democracia. Foram promovidos encontros de alunos, professores e coordenação do curso para a adequação das temáticas e convidados sugeridos; organizamos a recepção dos palestrantes e a mediação da mesa “Ética no jornalismo: o Caso Escola Base sob Dois Olhares”, com os convidados Ricardo Shimada e o professor e jornalista Emílio Coutinho, ambos autores de livros-reportagem aquele que é considerado o maior erro da imprensa brasileira.

AVALIAÇÃO FINAL DA PESQUISA BEM COMO SEUS DESDOBRAMENTOS

Através desta pesquisa foram concebidas as possibilidades de atuação e aprofundamento em assuntos jornalísticos e literários no livro-reportagem, em sua adaptação cinematográfica, que, por sua vez, dialogam diretamente com temáticas de grande interesse desta pesquisadora: as artes cênicas, as grandes narrativas jornalísticas e personagens importantes da história do Brasil.

A Iniciação Científica incentivou a leitura e compreensão de autores e autoras do campo jornalístico, filosófico, literário e cinematográfico. Isso, certamente, ajuda a construir uma base mais sólida para atuação na profissão de jornalista e para a descoberta e especialização de assuntos de extrema relevância social, política e, essencialmente, de reflexão, todos a acrescentar na formação acadêmica.

Ao longo desse estudo, o processo de indagações e busca por fontes de pesquisa foi constante, o que promove um desafio na compreensão de delimitação de estudo objetivo dentro de um determinado tempo, ao mesmo tempo em que se torna mobilizador para futuros desdobramentos.

Acreditamos também que compreendemos, ou começamos a compreender a relevância da pesquisa científica, sua seriedade e contribuição para a construção não só da personalidade desta pesquisadora, mas da constituição de um país que precisa, e muito, de cientistas, e de mais mulheres praticando tal atividade, especialmente porque passamos por um período político de negacionismo da ciência, com consequências desastrosas.

REFERÊNCIAS

MAGALHÃES, Mário. **Marighella: o guerrilheiro que incendiou o mundo**. 1º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BRAIT, Beth. **A personagem**. Série princípios. 2ªed. 1985.

BENICÁ, Mariana Marcon. **Adaptação de livros para o cinema e sua influência na formação de leitores**. Revista Práticas da Linguagem, Juiz de Fora. Vol. 6, n.1. p.63-83. Janeiro/julho, 2016.

CAMARGO, Luís. et al. (Org.) **Literatura, cinema, televisão**. São Paulo: Editora Senac, 2003.

CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura comparada**. São Paulo: Ática, 2004.

GOMES, Paulo Emílio Salles. Candido, Antonio. **A Personagem de Ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2014.- 13ª ed. p.51-80. p.103-119.

GUTFREIND, Cristiane Freitas. **Figuras do mal no filme biográfico brasileiro**. Significação: revista de cultura audiovisual, Vol.40, n.40, 2013.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. São Paulo: Manole, 2009.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueredo. **O mapa e a trama- Ensaio sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas**. Editora da UFSC, 2002.

MOURÃO, Maria Dora. **O tempo no cinema e as novas tecnologias**. Vol.54. São Paulo, 2002.

NUNES, Benedito. O tempo na narrativa. São Paulo: Ática, 1988.

SILVA, Marcel Vieira Barreto. **Adaptação literária no cinema brasileiro contemporâneo: um painel analítico**. RuMoRes, [S.1.], v.2, n.4, 2009.

STAM, Robert. **Teoria e prática da adaptação: da fidelidade à intertextualidade**. Ilha do Desterro, Florianópolis, n.51. Julho/dezembro, 2006.

STANISLAVISKI, Constantin. **A preparação do ator**. 4ª ed. Rio de Janeiro, 2021.

XAVIER, Ismail Norberto. **Do texto ao filme: a trama, a cena e a construção do olhar no cinema**.

OS ATORES SOCIAIS DO SUBMUNDO DA CIBERCULTURA: DISSECAÇÃO DO SISTEMA DE CAPATAZIA

Data de aceite: 03/06/2024

Priscila Gonçalves Magossi

Doutora em Comunicação e Semiótica (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo), Pós-Doutora em Comunicação e Cultura Midiática (Universidade Paulista). Diretora editorial da ABCiber (Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura. Biênio 2024-2025)

O estudo é parte do Pós-Doutorado da autora intitulado "Submundo da cibercultura: violência contra a mulher e reprogramação do imaginário social" (2023).

RESUMO: O presente estudo propõe-se a dissecar o sistema de capatazia do submundo da cibercultura. Com palavras precisas, objetiva-se mapear, classificar e definir os atores sociais responsáveis pela reprogramação do imaginário social. Para tanto, o presente estudo especifica as seguintes categorias: mandantes ocultos (proprietários), capatazes ocultos (equipes de *marketing*), capatazes

evidentes (representantes dos *sites* adultos, influenciadoras digitais e *coaches*). Na circunferência deste estudo, o mencionado submundo correspondente ao agrupamento complexo de grandes empresas, apoiadas em tecnologias digitais, que desenvolvem padrões de atuação no mercado corporativo do erotismo digital a partir da violência contra a mulher. Neste contexto, a reprogramação do imaginário refere-se ao curto-circuito do simbólico bem-sucedido, no qual narrativas de apropriação, distorção e vilipêndio dos direitos fundamentais (sobretudo sociais e civis) são dissuadidas nos meios de comunicação (sobretudo híbridos e interativos) confundindo, assim, violência contra a mulher com empoderamento da mulher.

PALAVRAS-CHAVE: Submundo da cibercultura; sistema de capatazia; violência contraconstitucional, violência invisível; violência contra a mulher.

INTRODUÇÃO

Não fossem exceções por beiras convictas e resistentes (e com fiação também sistêmica), o Brasil seria hoje um submundo quase absolutizado – do fundo do lodaçal ao neon glamuroso das telas, à sombra autolegitimatória e positivada da visibilidade multimidiática.

— Eugênio Trivinho¹

A presente reflexão versa sobre a relação inextricável entre submundo da cibercultura e violência contra a mulher² dissuadida nos meios de comunicação pelo sistema de capatazia do setor, isto é, pelos atores sociais envolvidos no processo de reprogramação do imaginário do tecido social. O estudo objetiva contribuir para o cinturão crítico da sociofenomenologia dos processos invisíveis da cibercultura³ a partir da dissecação de um bioma desregulamentado pelo poder judiciário internacional, cujas negligências empresariais cometidas contra os direitos humanos impactam o rumo do processo civilizatório em curso.

No escopo desta pesquisa, o oligopólio do submundo da cibercultura⁴ é compreendido por grandes estruturas tecnológicas de poder, regidas por proprietários ocultos, atuantes no mercado do erotismo digital, a partir do condicionamento das vítimas à violação dos seus direitos fundamentais por meio da assinatura do contrato de prestação de serviços universal⁵. Seguindo essas diretrizes classificatórias, *todos os sites* adultos de pornografia,

1 Citação do artigo “*Magmas do submundo*”, publicado na Revista *Cult*, em 20.dez.2021, disponível pelo link: <https://revistacult.uol.com.br/home/magmas-do-submundo/>. Acesso em 13/09/2023.

2 O recorte do *corpus* pelo mercado heterossexual atende exclusivamente aos objetivos da investigação: a sobrevivência da indústria adulta digital enquanto modelo de negócios depende da organização, produção e circulação da violência escalonada contra a mulher na rede, cujo consumo majoritário é feito pelo homem heterossexual.

3 Com base nos estudos críticos do professor Eugênio Trivinho (2007, 2009, 2010), a sociofenomenologia dos processos invisíveis da cibercultura é marcada pela lógica operacional de três culturas (i) cultura dromocrática (reconhecida pela velocidade); (ii) cultura pós-moderna (reconhecida pela fragmentação, excesso e hipertelia); e, (iii) cibercultura (reconhecida pelo digital) articuladas pela glocalização da vida humana (reconhecida como vertente híbrida de terceira grandeza situada na relação inextricável entre local e global).

4 A presente pesquisa apreende o ciberespaço como palco estrutural da reconfiguração dos processos psicossociais atuais, cujo estudo é dividido em duas categorias distintas: (i) oligopólio das *Big Techs* da superfície das redes interativas (empresas de porte global e elevado faturamento, com participação decisiva na indústria de tecnologia, voltadas para produtos e serviços relacionados às comunidades virtuais. Entre os *big players* da superfície das redes interativas, destacam-se: *Twitter, Facebook, Instagram e TikTok*) e (ii) oligopólio cartelizado dos *sites* do submundo (grandes estruturas de poder, articuladas na rede por um sistema de capatazia próprio, voltadas para o direcionamento da produção, circulação e manutenção da oferta e da demanda das performances eróticas da rede por meio de um contrato de violação dos direitos fundamentais das vítimas. Entre os *big players* do submundo adulto internacional, destacam-se: *PornHub, Chaturbate, LiveJasmin e OnlyFans*. Em território nacional opera-se em monopólio oligárquico: *Câmera Prive*. A proposta epistemológica de distinção entre superfície e submundo refere-se a questões de ordem política e diferenciações entre a lógica operacional de cada ambiente digital. Com palavras precisas, não se trata de um portal moral, mas de modelos de negócios distintos. Ambas as dimensões merecem críticas.

5 O estudo em questão utiliza como referência da violação da Constituição de 1988 o contrato público do *site* adulto *Câmera Prive/OnCam/Transaciona* (antiga *Dark Media Group*). O motivo da escolha por este contrato desta empresa específica refere-se a fatores (i) de ordem ética (no sentido de proteção à vida da pesquisadora): sendo o submundo uma configuração abandonada pelo poder judiciário internacional, é prudente analisar um contrato público e (ii) de ordem científica (em termos de impacto social da pesquisa): no Brasil, esta plataforma é monopólio. Isso significa que todas as mulheres brasileiras que apenas falam a língua portuguesa estão sujeitas à tirania do que é exigido pelo proprietário oculto deste *site*. As 28 cláusulas contratuais exigidas foram examinadas com atenção pela pesquisadora. Entre as exigências feitas em caráter total, definitivo, irrevogável e irretrável, destacam-se: (i) é exigido da vítima o direito vitalício da sua imagem para comercialização em *websites* eróticos, independentemente da contratante considerar esse uso obsceno, ofensivo ou censurável; (ii) é exigido que a vítima aceite que o uso ilegal de sua imagem seja feito por

webcamming e *packs* eróticos enquadram-se no termo-conceitual. A submissão à violência não é opcional, mas uma imposição da cadeia de comando sobre a vítima.

Nota-se que apesar da pesquisa estar inserida na área de Comunicação, o contrato de prestação de serviços dos *sites* eróticos interfere diretamente na leitura do fenômeno comunicacional. Sendo assim, as cláusulas contratuais contraconstitucionais são o ponto de partida desta reflexão teórica. De acordo com as exigências unilaterais das plataformas adultas, a mulher abdica por período *vitalício* dos seus direitos de imagem, de privacidade e de proteção de dados. Em outras palavras, o submundo condiciona a vítima a perda dos seus direitos sociais e civis garantidos pela Constituição de 1988 assim que cria um perfil no *site* adulto, o que configura uma regressão histórica inaceitável, completamente incompatível com o simulacro publicitário da capatazia do setor.

A capatazia do submundo⁶, por sua vez, refere-se aos atores sociais envolvidos no processo de articulação da capitalização da violência contra a mulher (sobretudo contraconstitucional, simbólica e invisível) por meio da alimentação e retroalimentação das principais falácias:

- I. controle do outro confunde-se com “interação com o outro”;
- II. subjugação feminina confunde-se com “empoderamento feminino”;
- III. aprisionamento vitalício por contrato confunde-se com “liberdade sexual da mulher”;
- IV. performances hiper-reais controladas por métricas algorítmicas das empresas confundem-se com “diversão genuína”;
- V. sobrevivência financeira confunde-se com “poder de escolha”; e assim por diante.

O objetivo deste artigo é dissecar o modo pelo qual as *fake news*, isto é, narrativas de apropriação, distorção e vilipêndio dos direitos fundamentais (sociais e civis) das mulheres são transformados em simulacros publicitários de tal sorte que a violência sistêmica é ocultada do escrutínio público. Para tanto, o presente estudo nomeia um grupo de indivíduos responsáveis por esse curto-circuito do simbólico e especifica as seguintes categorias: mandantes ocultos (proprietários), capatazes ocultos (equipes de *marketing*), capatazes evidentes (representantes dos *sites* adultos, influenciadoras digitais e *coaches*). No intuito de evitar manobras dos *sites* adultos contra a vida da pesquisadora e das vítimas,

terceiros sem remuneração, sem ser informada, sem qualquer ônus, concordando, de modo irrevogável e irretirável, a não propor ação contra a empresa, o proprietário e os associados invisíveis do cartel, independentemente dos danos morais, patrimoniais, sexuais e existências que sofra; (iii) no caso de conflitos judiciais, condicione-se a vítima a destruir provas contra a empresa, o proprietário e associados, e colabore com as autoridades a favor da plataforma; (iv) no caso de conflitos diretos entre as partes, a vítima é ameaçada a ter a sua intimidade exposta e se responsabilizar pelas despesas dos empresários. O contrato *público* da empresa pode ser acessado pelo *link*: <https://models.cameraprive.com/br/legal/platform-agreement/print>. Último acesso em 31/01/2024.

⁶ O tema foi introduzido pela primeira vez no artigo proposto ao XV Simpósio Nacional da ABCiber, “Vítimas internas do submundo: reprogramação algorítmica e ideológica do imaginário feminino” (2022), no tópico “Capatazes evidentes e proprietários ocultos”, e será detalhado neste estudo. Acesso disponível pelo *link*: <https://abciber.org.br/simposios/index.php/abciber/abciber15/paper/view/1854/895>.

este estudo utiliza somente dados públicos. Sobreleva-se o aspecto teórico, com ênfase no referencial epistemológico das teorias críticas da comunicação, da cultura virtual e do imaginário.

SUBMUNDO E VIOLÊNCIA CONTRA O SENTIDO

Segundo a teoria de Bourdieu (2004), a estrutura social é um sistema hierárquico, cuja compreensão do que é comunicado depende de um repertório prévio de conhecimentos. Considerando essa perspectiva, o *modus operandi* dos sites adultos ordinários (pornografia, *webcamming* e vendas de *packs* eróticos⁷) configura-se como um submundo de bases tecnológicas, articuladas a partir de um conjunto de imperativos no qual a premissa básica é a violência contra a mulher encoberta pela falácia do empoderamento feminino. O simulacro⁸ (BAUDRILLARD, 1991) do submundo (simulação de um modelo sem precedentes) apresenta a artificialidade signica de *performances* eróticas hiperreais padronizadas como interatividade genuína em tempo real. Desse modo, o imaginário social (CASTORIADIS, 1986) é utilizado como dispositivo de controle social ao determinar quais *performances* eróticas serão catalogadas e como serão distribuídas na rede para acúmulo de riqueza dos proprietários ocultos das empresas.

Com repertório cultural crítico é possível apreender que produtos fabricados por empresas advêm da captura de carências e necessidades humanas, seguida da sua transformação em mercadorias precificáveis. Tendo o lucro como objetivo, é fundamental embutir desejos padronizados na sociedade para facilitar a fabricação e a venda de produtos, e, assim, controlar a oferta e a demanda do mercado. A lógica em questão incide no fato de que o controle da produção de sentido de uma sociedade está estritamente ligado ao controle da ideologia do imaginário para, assim, controlar o consumo do tecido social. Para isso, é preciso limitar ao máximo a potência criativa do imaginário, reduzindo-o à mero reproduzidor de simulacros.

Nessa chave de leitura, Jean Baudrillard (1991) reflete sobre o atual horizonte epocal e diagnóstica a “era da simulação *mediática*”: um processo civilizatório organizado

7 A diferença estrutural entre as três indústrias distintas que compõem o submundo da cibercultura (pornografia, *webcamming* e venda de *packs* eróticos) foi especificada no artigo “Vítimas internas do submundo: reprogramação algorítmica e ideológica do imaginário feminino”, publicado no XV Simpósio Nacional da ABCiber (ver tópico “O oligopólio cibercultural do submundo”). Em suma, a pornografia digital (1996) refere-se às *performances* sexuais gravadas e assistidas assincronicamente na rede. O *webcamming* (1998) depende da interação síncrona entre o consumidor e a vítima na rede. Já os sites de vendas de “*packs*” de fotos e de vídeos eróticos (2016) referem-se às hibridações entre as duas indústrias associados à lógica das redes sociais. As empresas e os seus respectivos tomadores de decisão possuem diferentes recursos à sua disposição, têm objetivos particulares e seguem estratégias peculiares para atingi-los. Entretanto, o submundo configura-se como um oligopólio cibercultural. Isto é, as estratégias gerais dos três mercados são decididas em regime de colaboração de tal sorte que o catálogo de *performances* eróticas disponibilizadas por toda rede é exatamente o mesmo. O objetivo é controlar tanto a oferta quanto a demanda de *performances* hiperreais em prol da manutenção da pulsão patriarcal e da subversão feminina. Para tanto, o sistema de capatazia é indispensável, bem como o contrato universal de violação dos direitos fundamentais. Acesso disponível pelo *link*: <https://abciber.org.br/simposios/index.php/abciber/abciber15/paper/view/1854/895>.

8 Simulacro é conceito de Jean Baudrillard (1991) desenvolvido a partir da relação do indivíduo contemporâneo com o meio, fundamentalmente caracterizado (i) pelo consumismo desenfreado, (ii) pela mediação tecnológica e (iii) pelo estímulo de tornar a realidade “mais real do que o real” (ibid., p. 20).

em torno de simulacros, simulações e hiper-realidade. Nessa “liquidação dos sentidos” (BAUDRILLARD, 1991, p. 109), toda experiência de vida humana está contaminada. Isto é, tudo se tornou um simulacro: o mundo do trabalho, o teatro, a arte, a política, o sexo e assim por diante. A problemática da impossibilidade de diferenciação entre simulação e realidade é emergência do reino das aparências. De acordo com o autor, as aparências são indiferentes ao sentido ou à ausência de sentido, visto que pertencem ao domínio do hiper-real. Desse modo, as significações são esvaziadas e o próprio mundo em curso é substituído por um “mundo-cópia”, no qual as experiências de vida são simuladas e não sentidas.

Assim, os avanços tecnológicos prescrevem uma nova ideologia baseada na “mecânica do conformismo” (MARCUSE, 1979, p. 59), que submete a racionalização individual em prol da imposição de uma racionalidade institucional, a partir de um falso modelo de liberdade de escolha: define-se um modelo de consumo, instaura-se um estilo de vida, cria-se uma sociedade alienada. O autor utiliza o termo “sociedade unidimensional” para demonstrar o poder de influência (controle) social que este tipo de sociedade exerce sobre as consciências humanas. Assim, a autonomia da razão encontra seu túmulo nesse sistema de controle, produção e consumo padronizado.

Do ponto de vista social-histórico, Edgar Morin explica que “as sociedades domesticam os indivíduos através de mitos e ideias que, por sua vez, domesticam as sociedades” (1988, p. 157). Nessa conjuntura, o apagamento do espaço, do tempo e do corpo na realidade virtual possibilita a aceleração dessa domesticação. Para tanto, o canal *mediático* é vetor fundamental para a *reprogramação do imaginário social*⁹ (processo *tecnomediático* subordinado à lógica mercantil do capitalismo de vigilância¹⁰, da visibilidade *mediática*, e da dromocracia cibercultural, resultante na alteração dramática da identidade, da mentalidade, do comportamento, do afeto, da sexualidade e do valor social).

A lógica mercantil dessa manobra bem conhecida na superfície se repete no submundo do ciberespaço com a sexualidade humana: a ação publicitária concentra-se em instaurar um padrão homogêneo para controlar a oferta (as *performances* das trabalhadoras) e a demanda (o desejo dos consumidores). Neste ponto da reflexão identifica-se “uma dialética produção-consumo” (MORIN, 1986). Para efetivação da manobra, os meios de comunicação ocultam sua ideologia e seus produtores de modo que o tecido social tenha a falsa sensação de que não existem intenções e atores por trás da comunicação¹¹

9 O conceito é de autoria própria (2021) e enquadra-se no arco de caracterização da sociofenomenologia dos processos invisíveis da cibercultura. O fenômeno abrange a *reprogramação algorítmica*, que pressupõe (e também conduz à) *reprogramação ideológica* do imaginário. Trata-se de um processo de redução da potência do imaginário à reprodução da ideologia digital hegemônica, isto é, àquela programada por algoritmos de oligopólios ciberculturais (da superfície ao submundo da cibercultura) e que circula na rede com a intenção de manter os valores do *status quo*.

10 O conceito “Capitalismo de vigilância”, desenvolvido pela pesquisadora Shoshana Zuboff (2021), refere-se a um modelo de mundo no qual os dados dos usuários na rede são monetizados. Assim, toda experiência de vida humana é abocanhada pelo capital. Nessa perspectiva, a devastação apresenta-se tão grave e radical para a humanidade como foi a desfiguração causada pelo capitalismo industrial sobre o mundo natural no século XX.

11 O princípio da hipnogenia, conceituado por Baitello Jr. (2008, p.97), refere-se ao ocultamento das intenções dos meios de comunicação seguida da transferência para o corpo social das consequências do consumo dos seus produtos.

(BAITELLO JR., 2008, p. 97). Contudo, toda comunicação é intencional e apresenta bases ideológicas, cuja finalidade é impulsionar um estilo de vida voltado para o consumo.

Em articulação com essa reflexão, Marilena Chauí (1984) define a ideologia como expressão da dominação de uma classe sobre outra. Trata-se de um sistema de ilusões que desliza sobre a sociedade tendo como objetivo principal tornar a dominação invisível. A lógica em questão está no fato de que caso a dominação de uma classe sobre a outra for diretamente percebida há risco dos oprimidos se revoltarem contra os opressores. Portanto, é tarefa da ideologia ocultar suas intenções políticas e econômicas, promovendo uma narrativa homogênea de que todos os indivíduos são livres e iguais, e que se relacionam espontaneamente dentro de um sistema completamente abstrato. Para tanto, as ideias aparecem como se tivessem vida própria, e não como se estivessem sido estrategicamente embutidas. Essas “*ideias sem autor*” são convertidas em “ideias comuns a todos” (CHAUÍ, 1984, p.94) e surgem como uma explicação da realidade, que orientam os atores sociais sobre a vida cotidiana. Esse conjunto articulado de ideias é encarregado de silenciar os discursos de oposição por meio da criação de “universais abstratos” (CHAUÍ, 1984, p.95). Assim, implode-se sobre o social um único discurso: o da classe dominante.

No que se refere ao objeto de estudo, os simulacros encenados no submundo são compreendidos como palco estrutural das experiências afetivas e sexuais contemporâneas, uma realidade híbrida que reproduz a fase mais avançada do capitalismo. Trata-se, portanto, de uma “violência contra o sentido” (BAUDRILLARD, 1991, p.110).

As empresas do submundo são organizadas a partir de um esquema corporativo invisível que objetiva acúmulo de riqueza para os seus proprietários. Considerando que o afeto e a sexualidade humana são as mercadorias, a capatazia elabora estratégias distintas de manipulação ideológica para o público masculino (usuários) e feminino (vítimas):

- I. Para o consumidor, a manobra principal consiste no *feed* algorítmico de conteúdo erótico hipersegmentado que encoraja a violência contra a mulher.
- II. Para a vítima, a cilada principal consiste no contrato de prestação de serviços, no qual é exigida a licença vitalícia da imagem feminina para comercialização de todo o conteúdo produzido pela mulher entre todos os *sites* parceiros — sem remunerá-la, sequer avisá-la.

Para ocultar a violência sistêmica, o discurso publicitário é o principal recurso de alienação ideológica. A capatazia do setor promove confusão semântica na ordem dos valores humanitários mais caros, confundindo violência contra a mulher com esperança de reconhecimento, carreira e sobrevivência financeira.

Considerando que a padronização do consumo é fundamental para garantir o funcionamento da engrenagem, também é preciso padronizar o sujeito, ou seja, reprogramá-lo. Nesse recorte, a reprogramação específica do submundo refere-se à substituição anestésica das significações e valores psicossociais individuais por uma nova programação que segue interesses mercantis. Nessa lógica, o fenômeno refere-se

à alteração dramática no comportamento e na percepção do indivíduo sobre a realidade, incapacitando-o de produzir diferentes representações simbólicas. Dessa forma, ocorre o curto-circuito na capacidade imaginativa do sujeito, de modo que apenas a ideologia do conteúdo que lhe é entregue seja reproduzida. Por consequência, o imaginário do indivíduo passa a operar como mero flagelo humano domesticável. Nesse sentido, “o homem virtual é um homem abstrato a quem ainda falta a existência” (LE BRETON, 2003, p.25).

Nota-se que o diagrama do submundo trabalha com um tipo de exploração que não é apenas econômica, mas existencial. Sendo assim, a exploração é também de ordem simbólica. Posto isso, o exercício do poder simbólico das empresas do submundo passa pela manipulação ideológica do imaginário social. Diante dessas colocações, a inexorabilidade da sobrecarga civilizatória enquadra a manipulação do submundo em um novo patamar de adormecimento da consciência crítica: o da reprogramação do imaginário em contexto cibercultural. Neste instante, vale a indagação de Baudrillard: “O que existe além do fim? Além do fim estende-se a realidade virtual, o horizonte de uma realidade programada na qual todas as suas funções — memórias, emoções, sexualidade, inteligência — se tornam progressivamente inúteis” (ibid., 1991, p. 43).

A devastação irreversível do submundo dialoga com o conceito de poder simbólico, definido por Pierre Bourdieu (2004). Nessa perspectiva, uma concepção homogênea de sentido, valores e hierarquias é formada e propagada na intenção de reproduzir e manter a ordem social. Segundo Marilena Chauí (2023), o drama silencioso do processo civilizatório em curso abarca a zona de conforto dos tiranos: a criticidade está no lodo da invisibilidade. O ciclo da ideologia se cumpre com a necrose do pensamento crítico em prol da subserviência de corpos dóceis. Desse modo, as vítimas são subordinadas ao conformismo diante do qual a ordem social tipificada do submundo é estabelecida e reforçada diariamente pelas publicações na rede das *coaches* e influenciadoras digitais, pelas instruções dos gerentes e equipes de *marketing* das empresas, pelas campanhas promocionais, premiações e competições entre pares, e assim por diante. Vive-se, portanto, “a banalidade do mal” (ARENDR, 1999) e o vilipêndio do direito a ter direitos (ARENDR, 1978).

Em conexão com o transcurso percorrido, Trivinho (2023) trabalha a violência e a morte simbólica em sintaxe invertida e recontextualizadora — evocativa da crítica social de Baudrillard e Bourdieu: “Mata-se a alteridade em vida ao se agredir sua identidade, sua história e seu *modus vivendi*. Ela é abatida esfaqueando-se sua autoimagem e fazendo sangrar sua autoestima – numa palavra, arrasando-se sua potência”. Ainda de acordo com autor:

Ouçã-se a potência autoritária do próprio fenômeno, traduzida literariamente em seu delírio de suposta autocrítica: a violência simbólica, se pudesse ser “democratizada” fora dos marcos da covardia, alegaria, em discurso ocluso, que as gentes devem rir não de inocentes e vulneráveis, mas de quem possui as mesmas armas de autodefesa, com possibilidade, ao menos, de igual riso, redentor em relação à agressão. Segundo esse princípio (tão hipotético quanto embaraçoso), quem escolhe voluntariamente frentes de batalha justifica a viabilidade de ser alvejado. Sorrateira, a violência simbólica, porém, escapa a qualquer condição similar de partida: a reificação de sua hierarquia incorpora, de fato, covardia; como em todo conflito bélico, ela alveja inocentes e vulneráveis, desprovidos dos mesmos recursos de revide (ibidem).

Práticas de violência simbólica em articulação com marcos de covardia em discurso ocluso definem com precisão as manobras do submundo da cibercultura. Posto isso, o próximo tópico dedica-se a desvelar o sistema de capatazia: quem são e como agem os atores sociais dos *sites* adultos, incluindo a naturalização de condutas criminosas e a invisibilidade dos mandantes das empresas. É preciso investir todos os esforços argumentativos na demonstração da violência do submundo da cibercultura contra a mulher e a democracia. A esperança — aparentemente sem calendário estabelecido — é a de que esse descabro contra os direitos humanos se torne *memória do nunca mais*.

MANDANTES OCULTOS

A argumentação neste tópico envolve mapear *quem* efetivamente lucra com a fabricação e a comercialização da violência contra a mulher, bem como com a limitação da potência do imaginário social a mero flagelo domesticável a métricas comerciais?

Dentro do diagrama do submundo, esses sujeitos são os atores intelectuais do modelo de negócios. Tratam-se dos proprietários das empresas, invisíveis do escrutínio público, que conferem aos capatazes poder de agir em nome das empresas. Articulados em esquema de cartel, calculam cada passo do processo, mas não sujam suas mãos.

O compromisso da presente pesquisa com uma pauta política, social e tecnológica como esta sugere complemento reflexivo importante: as discussões sobre a temática costumam girar em torno das as mulheres que produzem o conteúdo e/ou sobre os homens que os consomem. Não há sequer questionamento sobre a atuação desses sujeitos ocultos.

Esses empresários utilizam-se de arranjos societários para se manter em sigilo. Todavia, a relação entre sócio e empresa é uma informação pública. Todo nome de domínio de *site* adulto é um nome fantasia. Para identificar qual é o titular do *site* adulto basta saber qual é a razão social e/ou CNPJ de cada empresa (aquele que está no contrato de prestação de serviço), e assim procurar por esse nome em *sites* de busca (como *Google*). Assim, informações expressivas serão reveladas, tais como associação da empresa em outros países do globo, capital envolvido e assim por diante. Entre as principais atividades laborais dos mandantes ocultos no diagrama do submundo, destacam-se:

- I. Decidir o que será exigido da vítima no contrato leonino e contratar capatazes para elaborar o contrato;
- II. Definir *quais* vozes de oposição serão silenciadas e *como*, bem como enviar capatazes para tal;
- III. Definir *como* os meios de comunicação serão infestados com *fake news* e *passar a responsabilidade para a capatazia executar*,

Observa-se que a função dos capatazes é de grande valia para esses empresários. Neste ponto da argumentação, importa esclarecer a diferença entre funcionários da superfície e capatazes do submundo. Na lógica operante da superfície, *qualquer indivíduo é mão-de-obra*. No caso do submundo, a *cooperação com o diagrama empresarial é pré-requisito para a capatazia*. Este laçao de nível médio está comprometido com seu mandante. Trata-se de um cargo de confiança. Considerando que o submundo opera invisível, sem denúncias, há quase três décadas, é possível concluir que as operações contra a dignidade humana têm sido bem-sucedidas.

Uma vez decifrado o papel dos mandantes ocultos enquanto atores intelectuais na engrenagem do submundo, a argumentação avança na direção da apreensão de *quem são* e *como operam* seus fiéis capatazes.

CAPATAZES (OCULTOS E EVIDENTES)

Os capatazes são corpos dóceis, que servem com lealdade aos tomadores de decisão. Trata-se de alguém da classe trabalhadora que defende os interesses da cadeia de comando. Covardes, não denunciam o *modus operandi* do submundo independentemente das atrocidades presenciadas contra os direitos humanos em sua jornada de trabalho. O objetivo final das suas funções é a reprogramação do imaginário social (dos consumidores e das vítimas).

A presente pesquisa separou esses sujeitos em duas categorias distintas: (i) ocultos e (ii) evidentes. Majoritariamente, o homem destina-se ao cargo de capataz oculto enquanto a mulher destina-se ao cargo de capataz evidente. As consequências da exposição são potencialmente mais nocivas para a mulher do que para o homem, já que este está protegido enquanto a mulher está exposta: do consumidor à trabalhadora, dos mandantes aos capatazes. Observa-se claramente que “as diferenças entre o feminino e o masculino são transformadas em desigualdades hierárquicas através de discursos masculinos sobre a mulher, os quais incidem especificamente sobre o corpo da mulher” (CHAUÍ, 1985, p. 27).

Capatazes ocultos

A estrutura de um *site* adulto é um diagrama complexo, semelhante à das empresas de tecnologia *mainstream*. Todos os setores são cuidadosamente organizados. Em geral, as operações do submundo são executadas a partir de um planejamento corporativo que considera os seguintes departamentos:

- I. **T.I.**¹²: Desenvolvimento da plataforma digital, sistemas, *softwares*, algoritmos;
- II. **Legal/Compliance**; Elaboração de contratos; fiscalização das normas da empresa.
- III. **Financeiro/R.H.**¹³: Gestão de contas; contabilidade; fluxo de caixa; controle de investimentos; acompanhamento de custos; pagamento dos profissionais; contratações e demissões.
- IV. **Base de dados/Business Intelligence**: Fornecimento de informações e dados para a tomada de decisões (tais como direcionamento de tráfego de usuários para as profissionais).
- V. **Atendimento ao Cliente**: Atendimento ao público por *e-mail* e telefone (produtoras de conteúdo erótico e consumidores/usuários).
- VI. **Marketing/ Comunicação empresarial**¹⁴: Planejamento estratégico (*marketing* de serviços/ fidelização do público); comunicação pública da empresa (anúncios na superfície e no submundo das redes interativas, acordos corporativos etc), gestão de vendas (pré-venda, pós-venda, fidelização dos clientes).

Considerando que este estudo concentra-se na área de comunicação e cibercultura, a especificação do mapeamento da capatazia restringiu-se aos setores diretamente relacionados à comunicação na rede na intenção de desvelar o simulacro empresarial que propositalmente confunde violência contra a mulher com entretenimento com a vítima.

Equipes de Marketing

Seguindo a lógica corporativa de qualquer outro mercado, os departamentos de marketing são responsáveis pelo estímulo do desejo de oferta e de demanda. Assim como ocorre na superfície, a manipulação é sutil o suficiente para que ambos os lados não identifiquem o processo de domesticação. Com o devido resguardo da sua proteção identitária, o capataz oculto das equipes de *marketing* é contratado para executar as funções:

12 Sigla para Tecnologia da Informação.

13 Sigla para Recursos Humanos.

14 Porta-vozes da empresa enquadram-se na tipificação “*Capatazes evidentes*”, sendo, geralmente, mulheres. A temática é abordada no próximo tópico deste artigo.

- I. Representar os mandantes e executar parcerias entre os *sites* do oligopólio cibercultural;
- II. Compor os *e-mails marketing* do *site*;
- III. Direcionar o tráfego de usuários para as trabalhadoras mais domesticadas;
- IV. Elaborar os anúncios publicitários confundido as vítimas e o tecido social sobre o submundo;
- V. Escrever as *reviews*¹⁵ dos *sites* adultos encorajando as assinaturas, vendas de conteúdo etc.

Para que não restem dúvida acerca do cenário draconiano do submundo em análise, é possível resumir o passo-a-passo da armadilha publicitária contra as vítimas da seguinte maneira:

Direcionamento da publicidade da capatazia para o público feminino: falácia do empoderamento feminino

Em termos operacionais, os capatazes ocultos das equipes de marketing ocultos são encarregados de simularem que o investimento da empresa em publicidade é um *benefício* para as mulheres ao invés de uma *violência contra os seus direitos fundamentais*. Como exemplo dessa violência simbólica é possível citar o artigo “*Tudo que rolou por aqui na 1ª parte de 2023*”, publicado em 31 de julho de 2023 pelo monopólio oligárquico do país e direcionado para as trabalhadoras da plataforma. O texto *simula* explicar como funcionam os investimentos de *marketing* da empresa a partir da exposição da imagem das mulheres em *sites* pornográficos. A narrativa é feita de modo que a violência *ilegal* da exposição vitalícia e não-remunerada da mulher em *sites* adultos pareça o seu oposto, isto é, uma grande estratégia de *marketing* digital, excelente para a empresa e para a mulher individualmente:

*Xvideos*¹⁶ e Parceiros: Mensalmente, **investimos muito em divulgação** do Câmera Privê **em sites de tube e voltados para o público adulto**, naquele clássico formato de *pre-roll* ao estilo “*Oi, eu sou a Emme White e estou te esperando no CameraPrive.com!*”, ou seja, **vídeos curtos de anúncio exibidos antes do vídeo escolhido pelo usuário**. Neste primeiro semestre, **batemos o recorde em investimentos nessas plataformas, aumentando em 22% o capital investido nessas campanhas** em comparação ao mesmo período do ano passado. Somente em cadastros feitos a partir dessas campanhas tivemos um salto de 13% de novos usuários e, em recargas, o valor chegou a ficar 15% maior do que no mesmo período em 2022. Nosso objetivo é superar os 20.000 usuários conquistados apenas com **esse tipo de publicidade** em 2022 e superar a marca de 30.000 novos clientes até dezembro! A ótima notícia é que já estamos chegando quase na marca de 18.000 novos clientes conquistados em 2023, rumo à meta!

15 Como exemplo é possível citar as páginas “Testosterona” (<https://www.testosterona.blog.br/category/camera-privé>) e “ThePornDude.com” (<https://theporndude.com/pt/1580/cameraprive>). Esse tipo de página é um trabalho financeiramente remunerado. Acesso em 29/08/2023.

16 Site disponível pelo *link*: <https://www.xvideos.com/>. Acesso em 1º/09/2023.

Observa-se que a manipulação do submundo pela capatazia implica em adormecer a consciência crítica da mulher, manipulando-a por meio das seguintes violências simbólicas:

- I. Da narrativa simulada de que a exibição da imagem feminina em *sites* adultos sem qualquer ônus é “investimento em campanhas de *marketing* digital”;
- II. Da narrativa desonesta de que a mulher é mediatizada nos outros *sites* adultos como “*top model*”, quando, em verdade, ela é completamente degradada.

No caso da mencionada publicidade, essas observações (em torno da violência), aparentemente genéricas e abstratas, remetem, ao contrário do que sua semântica sugere, à imagem de mulheres objetificadas e desumanizadas para fins de comércio pelos *sites* adultos. Cronicamente esparramada pela rede, o discurso infantilizado e romantizado atravessa todos os anúncios publicitários direcionados para as mulheres. O tópico a seguir revela como a mulher, de fato, é apresentada no *Xvideos* e *sites* parceiros para consumo dos homens.

Direcionamento da publicidade da capatazia para o público masculino: violência explícita contra a mulher

Conforme visto no exemplo acima, o artigo da empresa de *webcamming* tem a intenção de manipular as trabalhadoras, fazendo-as acreditar que sua imagem é utilizada como recurso de publicidade positiva para a mulher. Entretanto, os *sites* pornográficos veiculam vídeos, fotos e *gifs* dessas mulheres em associação a textos nos quais elas estão sendo humilhadas e degradadas, anunciadas como mercadoria gratuita para consumo do homem heterossexual. Tendo em vista que o objetivo da pesquisa é demonstrar como o sistema de capatazia do submundo opera, as vítimas não são expostas na argumentação — apenas os *sites* que são cúmplices desta violência e os textos do comercial. Para efeito de comprovação da violência, a pesquisa menciona *exclusivamente* os anúncios do Câmera Prive no *Xvideos* e parceiros:

Todos Os Anúncios Do Câmera Prive Do Xvideos! Putas amadoras, o melhor está aqui!

Veja agora mesmo os melhores **vídeos pornôs de Casadas Putas!** Esperamos que você esteja gostando e aproveitando muito os nossos maravilhosos **vídeos de esposas putas**, todos nossos vídeos de sexo tem a intenção de proporcionar o melhor prazer para você, espero que você caro usuário esteja gostando dos nossos **vídeos de mulheres de corno**. Por isso que pedimos para que você aperte CTRL+D no seu teclado, salve nosso *site* nos favoritos e volte sempre!¹⁷ — casadasputas.net

Sua esposa vai odiar este *site*. Basta enviar uma mensagem e pedir para foder. Sem cartão de crédito! Sem inscrição! Sexo rápido! Sem Tretas! Ver imagens!¹⁸

— xvideosbuceta.blog

¹⁷ Anúncio e vídeos disponíveis pelo *link*: <https://casadasputas.net/todos-os-anuncios-do-camera-prive-do-xvideos>. Acesso em 31/08/2023.

¹⁸ Anúncio e vídeos disponíveis pelo *link*: <https://xvideosbuceta.blog/porno/camera-prive-anuncio/>. Acesso em 31/08/2023.

Putinhas deliciosas sentando e fazendo putaria deliciosa Câmera Privê.

Assista agora esse bellissimo video amator delicioso com essas safadinhas deliciosas metendo gostoso com bastante malandragem e **muita cachorrada grátis**¹⁹ — xvideosfoda.com

Câmera Privê - vizinha gostosa caiu na nef fodendo escondido. Essa bela putinha do Câmera Privê estava com muita vontade de transar²⁰ — xvideo.vlog.br

Câmera Privê - bucetuda gostosa toda meladinha de tesão²¹ — pornoprive.xxx

Câmera Privê gostosas na putaria em menage bom aonde as mulheres gemem alto sendo fodidas todinhas²². — xvideos10.blog.br

Câmera Privê modelo peituda em putaria bem boa com o macho que esta fodendo a cachorrona assanhada no sexo²³. — xvideos10.blog.br

Vadia safada do Câmera Privê levando grande cacete²⁴. A putona bem linda na transa esta com o cacete do macho em sexo lhe comendo todinha em uma medida com calor aonde a putona nua adora poder ter a rola do macho a comendo todinha. — xvideos10.blog.br

A metodologia utilizada para encontrar os anúncios se deu a partir de uma busca nos anúncios *Google*, digitando “*CâmeraPrivê + Xvideos*”. Essa busca obteve aproximadamente 11.600 resultados. A opção por destacar somente 8 anúncios entre os resultados se dá pela suficiente demonstração do conteúdo encontrado através desta amostra.

No intuito de desvelar quais *sites* adultos da rede são parceiros do *Xvideos*, foi preciso pesquisar seu agente de tráfego. No canto inferior da página oficial do *Xvideos* há a seção “publicidade”. Ao clicar nesta seção²⁵, o *site* informa que a empresa *TrafficFactory* é a única responsável por seus anúncios:

TRAFFIC FACTORY PREMIUM AD NETWORK

Deseja anunciar no XVIDEOS.com?

Trafficfactory é o único *xvideos ad network* no mundo. Como uma rede de anúncios sabemos que, oferecendo aos anunciantes as ferramentas para segmentar usuários corretamente, eles podem alcançar o maior *ROI* possível.

Inscreva-se agora!

Registre-se conosco hoje e experimente um excelente serviço ao cliente, mais fácil de gerenciar campanhas e maiores resultados.

19 Anúncio e vídeos disponíveis pelo *link*: <https://xvideosfoda.com/putinhas-deliciosas-sentando-e-fazendo-putaria-deliciosa-com-os-safados-camera-privel/>. Acesso em 01/09/2023.

20 Anúncio e vídeos disponíveis pelo *link*: <https://xvideo.vlog.br/amadoras/>. Acesso em 29/08/2023.

21 Anúncio e vídeos disponíveis pelo *link*: <https://pornoprive.xxx/camera-privel/>. Acesso em 29/08/2023.

22 Anúncio e vídeos disponíveis pelo *link*: <https://xvideos10.blog.br/camera-privel-gostosas-na-putaria-em-menage/>. Acesso em 01/09/2023.

23 Anúncio e vídeos disponíveis pelo *link*: <https://xvideos10.blog.br/camera-privel-modelo-peituda-em-putaria-bem-boa/>. Acesso em 01/09/2023.

24 Anúncio e vídeos disponíveis pelo *link*: <https://xvideos10.blog.br/vadia-safada-da-camera-privel-levando-grande-cacete/>. Acesso em 01/09/2023.

25 Seção disponível pelo *link*: <https://main.trafficfactory.biz/xvideos-signup>. Acesso em 01/09/2023.

Utilizando a mesma metodologia de busca com o novo componente (*CâmeraPrivê + Xvideos + TrafficFactory*), foi possível encontrar os *affiliates* (parceiros) da *TrafficFactory* associados ao *Xvideos*, e, conseqüentemente, ao *Câmera Privê*. A busca no *Google* resultou em aproximadamente 115.000.000 resultados. Segue a lista de alguns dos *sites* que reproduzem — sem consentimento — as imagens das mulheres cadastradas na plataforma de *webcamming* *Câmera Privê* em *sites* pornográficos:

1. <https://pt.pornhub.com/video/search?search=camera+prive>
2. <https://www.xvideos.com/?k=camera+prive>
3. <https://xvideosfoda.com/?s=camera+prive>
4. <https://casadasputas.net/todos-os-anuncios-do-camera-prive-do-xvideos>.
5. <https://xvideosbuceta.blog/porno/camera-prive-anuncio/>
6. <https://xvideosbuceta.blog/porno/camera-prive-gostosas/>
7. <https://xvideo.vlog.br/?s=camera+prive>
8. <https://xxxvideos.blog/camera-prive/>
9. <https://pornoprive.xxx/camera-prive>
10. <https://www.musasporno.com/?s=camera+prive>
11. <https://xvideosbr.blog/?s=camera+prive>
12. <https://xxxvideos.blog/?s=camera+prive>
13. <https://xvideos-tv.com/?s=camera+prive>
14. <https://https://xvideosbr.blog/?s=camera+prive>
15. <https://pornogratias.tv.br/?s=camera+prive>
16. <https://xvideos10.blog.br/?s=camera+prive>
17. <https://pornobrasileiro.tv/?s=camera+prive>
18. <https://sexogratias.blog/?s=camera+prive>
19. <https://videosexo.blog.br/?s=camera+prive>
20. <https://pornogratias.tv.br/?s=camera+prive>
21. <https://xvideos5.com.br/?s=camera+prive>
22. <https://www.xvideosbrasil.com/?s=camera+prive>
23. <https://xvideos-net.com/?s=camera+prive>
24. <https://xvideos-hd.blog/>
25. <https://xvideospornor.com/?s=camera+prive>

Neste momento, é fundamental deixar claro que a presente pesquisa mapeou apenas os *sites* de pornografia — *Xvideos* e seus parceiros — que foram mencionados pelo site de *webcamming* — *Câmera Privê* — como seus afiliados no setor. O efeito é de

demonstração da teoria descrita. Lembra-se, portanto, que *o sistema de capatazia da indústria adulta digital inclui coligação entre todas as empresas do oligopólio cibercultural e a falácia do empoderamento da mulher.*

A ativista canadense Laila Mickelwait²⁶ dedica-se à denúncia do sistema de capatazia completo da empresa *MindGeek/PornHub*, suas outras marcas adultas (*Xvideos, Xtube, YouPorn, RedTube, Brazzers*) e demais parceiros de mercado. Seu trabalho de investigação resultou no projeto “*Justice Defense Fund*” e no movimento global “*TraffickingHub*”, que atualmente soma 2.2 milhões de assinaturas em 192 países, ao longo de mais de uma década de investigação. O foco dos projetos de Mickelwait é provar a relação entre tráfico humano e submundo adulto, além de denunciar vídeos eróticos nos quais há exploração de menores de idade e estupro de mulheres.

O impacto das denúncias de Mickelwait sobre o panorama do submundo internacional é massivo. Com essa iniciativa, 194 vítimas sentiram-se encorajadas a denunciar a empresa e 8 processos foram movidos nos Estados Unidos e Canadá. Em 2020, o escândalo nas redes sociais foi tamanho que o *PornHub* foi permanentemente banido das principais redes sociais (*Instagram, Youtube, TikTok*), com exceção do *Twitter*²⁷.

Em vídeo divulgado em 13 de setembro de 2023, a jornalista infiltrada Arden Young²⁸, em parceria com o projeto *TraffickingHub*, expõe conversa com o capataz oculto, Mike Farley, responsável pelo gerenciamento dos produtos da marca *PornHub*. O capataz reconhece que o fator fundamental é gerar receita para o *site*. No momento em que Young inicia o questionamento sobre tráfico humano, Farley não se esquivava em dizer que “claro que os *content partners* estão envolvidos nisso, mas essa é uma decisão do *VIP department*”. No decorrer da entrevista, a jornalista também pergunta se ele tem medo do governo (canadense) descobrir as operações sigilosas da empresa. O capataz diz que não dá a mínima porque “são todos burros e não sabem de nada”. Não à toa, Laila Mickelwait classifica o *Pornhub* como uma “cena de crime”, visto que não há verificação da idade ou consentimento dos envolvidos para *upload* dos vídeos nesta plataforma.

De acordo com a reportagem “Por que o *site* pornô *Pornhub* é ameaçado de fechamento em petição que alega conteúdos criminosos?”²⁹, publicada na revista *Rolling Stone Brasil*, em 16 de junho de 2020, o *site* recebe 115 milhões de visitas e ultrapassou 40 bilhões de acessos em 2019. Segundo o próprio capataz entrevistado, há uma década atrás, a empresa tinha apenas 6 funcionários, e hoje dispõe de mais de 300 indivíduos em sua equipe.

Conforme percebido, o segmento avança vorazmente e os capatazes ocultos cumprem importante função na reprogramação do imaginário social, que vai desde

26 O *site* oficial da ativista canadense Laila Mickelwait pode ser acessado pelo *link*: <https://lailamickelwait.com/>. Acesso em 13/09/2023.

27 O vídeo pode ser acessado pelo *link*: <https://www.instagram.com/p/CommandKQqK-7/>. Acesso em 13/09/2023.

28 O vídeo pode ser acessado pelo *link*: <https://soundinvestigations.com/>. Acesso em 13/09/2023.

29 Reportagem disponível pelo *link*: <https://rollingstone.uol.com.br/noticia/por-que-o-site-porno-pornhub-e-ameacado-de-fechamento-por-conteudos-criminosos/>. Acesso em 13/09/2023.

confundir as vítimas sobre a atividade laboral até degradá-las nos anúncios publicitários para consumo do público masculino. Neste ponto da argumentação, chama-se atenção para o seguinte aspecto: os anúncios direcionados ao público masculino demonstram que *os homens acessam sites adultos para consumo da violência contra a mulher, e não para conexão com a mulher*. A oposição é completa em relação à narrativa cínica da publicidade empresarial direcionada para a vítima.

Abrangendo essas preocupações, é possível constatar que a principal mercadoria do submundo *não* é o trabalho sexual, a monetização do corpo feminino na rede, e/ou a interação do homem com a mulher (nua ou não) na rede em tempo real. O produto dos *sites* adultos é a violência contra a mulher e a dominação ideológica dos sujeitos, que coaduna na reprogramação do imaginário social. Não sem motivo, o consumo de experiências verticais, assimétricas e desumanizadas é estimulado em detrimento de relações horizontais, simétricas e humanizadas. Diante dessas colocações, é possível deduzir que o processo de alienação desemboca na domesticação (reprogramação) do imaginário social para aumento das práticas de consumo cuja intenção é a manutenção do *status quo*: a dominação do homem sobre a mulher.

Capatazes evidentes

Mapeando este horizonte temático compatível com época em curso, a interatividade ocupa eixo prioritário nas profundas mudanças experimentadas em todos os aspectos da vida cotidiana (TRIVINHO, 2007). Conforme justificado, os mandantes das empresas adultas não medem esforços para ocultar a sua identidade e dissuadir *fake news* com a finalidade de reprogramar o imaginário social. Para tanto, as empresas procuram por indivíduos majoritariamente do gênero feminino para divulgarem as narrativas fabricadas pelos capatazes ocultos. Essas mulheres são objetos de anúncios publicitários empregadas com o objetivo de legitimar a violência contra as vítimas. Desatinadas pela visibilidade *mediática*, utilizam os meios de comunicação (interativos³⁰, mistos³¹ ou de massa³²) para defender que a perda de todos os direitos à privacidade e à proteção de dados (fotos, vídeos e apelido) para o resto da vida de uma mulher é equivalente ao “empoderamento feminino”, à “liberdade” e ao “empreendedorismo”. Nessa órbita de fatores, importa diferenciar a vítima do submundo desses indivíduos do gênero feminino nomeados como “capatazes em evidência”:

30 Tratam-se de casos envolvendo a parceria entre submundo e influenciadoras com perfil em redes sociais, tais como *Instagram, Twitter, Facebook, TikTok, etc.*

31 Tratam-se de casos envolvendo a parceria entre submundo e influenciadoras em meios híbridos, tais como *Youtube, Podcasts, etc.*

32 Tratam-se de casos envolvendo influenciadoras com participação em meios de comunicação de massa, tais como *reality shows* na televisão (aberta ou a cabo).

- I. As “capatazes em evidência” são vítimas da visibilidade mediática — que reveste o modelo de mundo em curso, esteio do capitalismo atual —, mas não do submundo. As capatazes estão cooperando com o submundo, visto que representam as empresas mediante remuneração financeira para tal.
- II. A vítima do submundo é a mulher que está sendo reprogramada pelos anúncios das empresas, que são mediatizados pelas capatazes evidentes, e, assim, assinam o contrato de renúncia dos direitos autorais do seu conteúdo íntimo.

Uma vez compreendida a diferença crucial entre os termos-conceituais, a presente pesquisa mapeou três categorias distintas de capatazes em evidência: (i) *representantes dos sites adultos*, (ii) *influenciadoras digitais*, e (iii) *coaches*.

Representantes dos sites adultos

As representantes das empresas enquadram-se no nível médio de laçaios do sistema de capatazia feminino. Essas mulheres são treinadas para darem entrevistas em nome das empresas representando os mandantes ocultos. Vale lembrar que os homens se protegem enquanto expõem as mulheres, portanto, as mulheres assumem cargos de “CEO”, mas apenas reproduzem as narrativas dos mandantes ocultos. Essas mulheres são responsáveis por treinar vassalos de nível inferior da cadeia hierárquica do submundo: as capatazes-*influencers* e as *coaches*, que, por sua vez, exercem a função de recrutar as vítimas para participarem do jogo mortífero do submundo. Como demonstração de operação da capatazia na tipificação “evidente” intitulada “representantes dos sites adultos” podemos citar a entrevista³³ publicada em 07 de dezembro de 2021, da COO (*Chief Operating Officer*) do *camsite* americano *Chaturbate*³⁴, Shirley, que é quem patrocina a 8ª edição do evento “*Live Cam Awards*” (LCA), dirigido pela romena Alexandra Georgia:

EN: LCA – *What is our mission and purpose as a company?*

SHIRLEY: *Chaturbate's mission and purpose is to be the industry-leading interactive streaming platform that offers the entire CB community an accepting space for their fantasies, kinks, and connections.*

PT: LCA — Qual é a missão e o propósito da empresa?

SHIRLEY: A missão e o propósito do *Chaturbate* é ser a plataforma de *streaming* interativa líder da indústria que oferece a toda a comunidade do CB [*Chaturbate*] um espaço de aceitação para suas fantasias, perversões e conexões.

33 A entrevista completa da COO (*Chief Operating Officer*) do *camsite* *Chaturbate* (<https://chaturbate.com/>) Shirley, foi publicada em 07/12/2021 na página oficial do evento *Live Cam Awards* (LCA) e está disponível pelo *link*: <https://bitly.com/GWdWu> Acesso realizado em 10/12/2021.

34 *Chaturbate* (<https://chaturbate.com/>) é um *camsite freemium*, fundado em 2011, precursor das principais atrocidades humanas cometidas pelo setor, atualmente principal dominante do mercado. Isto é, principal patrocinador de todos os eventos, feiras, convenções e revistas da indústria adulta em todo o mundo. Os patrocinadores são quem, de fato, determinam os vencedores das “premiações”, pois são quem financiam, e, portanto, controlam todos os acontecimentos deste segmento de mercado.

EN: LCA – *What are your company's current goals?*

SHIRLEY: *Chaturbate's mission is and always has been to provide an accepting platform for users to explore themselves and their sexuality. Our goal is to empower broadcasters to be successful, healthy, and happy. (...) Chaturbate is also committed to continuing to be a technology leader.*

PT: LCA – Qual é o objetivo atual da sua empresa?

SHIRLEY: A missão do *Chaturbate* é e sempre foi missão fornecer uma plataforma de aceitação para que os usuários explorem a si mesmos e sua sexualidade. Nosso objetivo é empoderar as profissionais para que sejam bem-sucedidas, saudáveis e felizes (...) *Chaturbate também é comprometido em continuar sendo líder em tecnologia.*

O trecho da entrevista de Shirley comprova que o foco da empresa é estimular a perversão nos consumidores por meio da tecnologia cinicamente anunciada como “interação” e “conexão”. Trata-se, portanto, de um exemplo claro e nítido da perspectiva teórica de Trivinho (2021) sobre o funcionamento do submundo: “há muito se sabe que a barbárie escreve cru na contraface o que a civilização, com toneladas de positivismo mediático, escamoteia no averso”³⁵.

*Influenciadoras digitais*³⁶

Considerando a *visibilidade mediática* como parte intrínseca do processo civilizatório vigente, a proposta do submundo consiste em utilizar os meios de comunicação como cúmplices da barbárie. Assim, as influenciadoras digitais do submundo são contratadas para afirmar — na primeira pessoa do singular — que se sentem “empoderadas” ao entregar o direito vitalício das suas imagens aos proprietários invisíveis dos *sites* adultos, bem como para postar “*selfies*” com camisetas que tenham o *logo* do *site* adulto. Nesses casos, quanto maior for o nível da reprogramação da influenciadora digital (busca por “engajamento”, seguidores” e “curtidas”), maiores são as chances dessa mulher não perceber a manipulação à qual estão sendo submetidas.

Sobre a temática, Ruth Breslin (2023), Pesquisadora líder do Programa “*The Sexual Exploitation Research Programme*”³⁷ da *College University* (Irlanda), exemplifica a manobra:

35 Artigo publicado na Revista *Cult*, “*Magmas do Submundo*”, em 20 de dezembro de 2021. Acesso disponível pelo link: <https://revistacult.uol.com.br/home/magmas-do-submundo>. Acesso realizado em 22/12/2021.

36 A crítica da pesquisa refere-se *especificamente* ao descalabro do submundo contra os direitos humanos e não à atividade profissional de uma influenciadora digital.

37 O artigo completo da pesquisadora está publicado no *site* “*Beyond Exploitation*” e está disponível em língua inglesa pelo link: <https://www.beyondexploitation.ie/guest-blog/guest-blog-the-insidious-dangerous-nature-of-only-fans/?fbclid=IwAR21OgPOHrGp2GbiwyksYsIf2Tk7ikUM7wFo78MLikcSmmH2G6-8vb9rC7E>. Acesso em 18/01/2023.

O fluxo constante de títulos midiáticos que chamam atenção para histórias sobre criadoras de conteúdo se tornando milionárias faz parte da narrativa pensada para normalizar e propagar o *OnlyFans*. Mas a realidade é que apenas 300 de seus 1.5 milhões de criadores (ou seja, 0.02%) realmente ganhou toda essa quantidade de dinheiro, com os top 1%, perfis com um imenso e usualmente pré-existente seguidores nas mídias sociais, representando 1/3 de todo o dinheiro gerado. Em óbvio contraste à esses milhões, na média uma criadora de conteúdo ganha menos de 145 dólares por mês (aproximadamente 780 reais na conversão atual)³⁸.

Observa-se a importância da contratação das capatazes evidentes: confundir as vítimas sobre a possibilidade de ganhos e encobrir a violência contra a mulher. Neste vídeo (Mais que 8 minutos #069) de 28 de maio de 2021³⁹, o apresentador declara que o quadro é patrocinado pelo *site* adulto Câmera Privê: “Este vídeo é um oferecimento de: Câmera Privê, onde você pode bater... Um papo”. Assim, a entrevistada logo se apresenta defendendo a plataforma do proprietário oculto e deixando claro que o trabalho dela é o de divulgar o *site* em que aparece em anúncios publicitários, gravando as narrativas em primeira pessoa do singular dizendo que se apresenta sem calcinha na plataforma e que espera pelo usuário. A moça explica que a relação entre todos os envolvidos é comercial, intencionalmente fabricada com o objetivo de prosperar o discurso da empresa para a superfície. Cabe pontuar que o exemplo citado demonstra a teoria descrita para o corpo científico. Não há julgamento moral, tampouco há intenção de ofender a honra dos participantes do vídeo. O foco da pesquisa é desvelar o *modus operandi* do submundo adulto de tal sorte que não restem dúvidas sobre a reprogramação do imaginário social.

Coaches

Em continuidade aos delírios do submundo contra os direitos humanos, as “*coaches*”, são indivíduos sem qualquer formação acadêmica, que se auto intitulam “mentoras” e “professoras” em busca de “alunas”. O objetivo dessa atividade profissional consiste em recrutar novas vítimas para os *sites* adultos mediante remuneração financeira pela venda de cursos *online* e aliciamento por *affiliate links*.

No que tange o efeito das *coaches* sobre as vítimas, a matéria “Tive *burnout* como *camgirl* e precisei aprender a viver em minha personagem”⁴⁰, publicada no UOL, em 05 de junho de 2023, revela depoimento de *camgirl* do Câmera Privê. No corpo do texto, a vítima declara ter sido instruída pela *coach* sem formação acadêmica: “*Não tá na merda? Então tenta*”. Nas palavras da vítima:

38 O texto foi traduzido e publicado para a língua portuguesa pela página “*Recuse a clicar*” em 18.jul.2022 e está disponível pelo *link*: <https://www.instagram.com/p/CgKv4o3MBMm/>. Acesso em 18/01/2023.

39 A entrevista completa está disponível no *link*: <https://www.youtube.com/watch?v=jKK4yB5YZ10>. Acesso em 29/01/2023.

40 O artigo “Tive *burnout* como *camgirl* e precisei aprender a viver em minha personagem”, publicado no UOL, em 05.jun.2023, está disponível pelo *link*: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2023/06/05/tive-burnout-como-camgirl-e-precisei-aprender-a-viver-em-minha-personagem.htm>. Acesso em 05/06/2023.

Foi um processo de *burnout* e, aos poucos, fui perdendo completamente o tesão de me arrumar, ficar gata e logar pra conversar. Fui ficando de saco cheio mesmo. Muita gente sem educação, muita gente que passa completamente do limite com você. Sem nem estar te pagando”, conta ela, explicando que parte da interação com os clientes do *site* **é grátis - brindes e papos exclusivos são pagos à parte.**

Neste momento da argumentação, é imprescindível reconhecer os elementos que diferenciam as vítimas das capatazes. A reportagem da revista Gama intitulada “Da pornografia às *camgirls*: liberdade sexual ou novas prisões”⁴¹, redigida pelo jornalista Leonardo Neiva, publicada em 18 de junho de 2023, traz o seguinte depoimento:

A *camgirl* [que prefere não se identificar] confessa a Gama que a atividade que desempenha não tem nada a ver com liberdade sexual. Pelo contrário, está ligada à realidade cada vez mais precária do trabalho contemporâneo.

Observa-se o cuidado das trabalhadoras em não se identificarem ou se preservarem quando o assunto é expor o sofrimento. Já os depoimentos das influenciadoras e *coaches* remuneradas pelos *sites* caminham da direção contrária: são canais de *Youtube*, *TikTok*, *Instagram* e afins com **publicidades pagas**, nas quais as capatazes publicam inúmeras *selfies*, gravam *stories*, defendem as empresas, têm milhares de seguidores e estão desatinadas pela visibilidade *mediática*.

A somatória dos seguintes fatores: (i) abandono do poder judiciário internacional, (ii) contrato violento de prestação de serviços contra as vítimas e (iii) sistema de capatazia bem delineado apontam, inevitavelmente, para o manejo cauteloso do objeto de estudo, sem, no entanto, deixar de trazer para a zona da visibilidade a violência do submundo. Tamanha violência estrutural tem escala mais alargada e preocupante: para essa engrenagem sistêmica, o pensamento crítico é uma ameaça.

Em suas obras, a filósofa Hannah Arendt (1978, 1999, 2015) questiona o papel da mulher na sociedade, a violência e o poder. A filósofa defende que a massificação da sociedade fabricou uma multidão domesticada, subserviente a ordens ilógicas, que objetivam a manutenção do patriarcado. Aplicando o recurso teórico ao objeto de estudo, todos os monstros do submundo não são percebidos como mandantes e capatazes (ocultos e evidentes), mas como “funcionários zelosos” (ARENDR, 1999). Trata-se do “idealismo furioso do sentido” (BAUDRILLARD), isto é, uma experiência de vida na qual toda informação qualificada é deliberadamente destruída pelos *media* e transformada em simulacro publicitário.

Nessa linha argumentativa, Chauí (1984) afirma que quem está no topo da pirâmide do controle social não se preocupa com quem está embaixo. Nessa lógica, vale tudo — inclusive confundir aprisionamento vitalício da mulher aos mandantes ocultos de um cartel com empoderamento da mulher. Neste ponto da argumentação, importa considerar que a

41 A reportagem completa pode ser lida pelo *link*: <https://gamarevista.uol.com.br/semana/voce-e-livre/pornografia-cam-girls-liberdade-sexual-novas-prisoas-onlyfans/>. Acesso em 13/08/2023.

reflexão debruça-se sobre o abuso de poder da classe dominante. Não há dúvidas de que o ator social responsável pela elaboração do contrato e das cláusulas inquestionáveis é quem está no poder. Constatase que a violência contra a mulher é inerente à atividade profissional, isto é, uma imposição do submundo sobre a vítima. Diante dessas colocações, *é dever da ciência situar-se de modo crítico contra a regressão histórica dos direitos fundamentais e da violência contra a mulher que permeia o modus operandi do submundo cibercultural.*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme constatado, os *sites* adultos são bases tecnológicas, regidas por proprietários ocultos, cujos efeitos incontroláveis e danosos, no Brasil e no mundo, estão diretamente implicados na violência contra a mulher. Até o presente momento, as discussões sobre o oligopólio cibercultural do submundo e suas negligências empresariais inaceitáveis são escassas. Entre as negligências empresariais inaceitáveis está o contrassenso entre a violência contraconstitucional do contrato de prestação de serviços e a violência invisível e simbólica dos anúncios publicitários dissuadidos pela capatazia do setor. A gravidade do fato está acima de qualquer questionamento. A desinformação sobre o contrato de prestação de serviços associado ao simulacro publicitário espalha risco de confundir aprisionamento vitalício com empoderamento feminino e liberdade da mulher. Não há liberdade em um modelo de negócios predatório que condiciona a mulher a cessão da sua imagem à proprietários ocultos, bem como a impede de denunciar os seus agressores, independentemente da violência moral, patrimonial e sexual que sofra nas plataformas digitais. Tratamos, aqui, de um retrocesso histórico inconcebível contra os direitos sociais e civis das mulheres articulados por meio de um sistema de capatazia. Sendo assim, podemos concluir que defender o Estado Democrático de Direito significa posicionar-se contra o submundo da cibercultura.

Com a razão desdobrada, conclui-se que o submundo da cibercultura é plagiador de vários procedimentos capitalizadores da miséria humana. O império da dominação ideológica dos sujeitos por grandes oligopólios conquistado a partir do cálculo frio de métricas de consumo, não é invenção do submundo. A novidade desta pesquisa debruça-se sobre o desvelar de uma engrenagem sistêmica violenta específica — e invisível — que até então não foi sequer mapeada. O processo de tomada de consciência do passo-a-passo das operações deste mercado aponta para o desvelar de ambientes de criação de conflitos que impactam o rumo do processo civilizatório pela reprogramação do imaginário social (reconfiguração programada por algoritmos do sistema de símbolos que compõe o imaginário em prol da sua substituição por simulacros de base ideológica patriarcal).

Considerando a fração conhecida do fenômeno, entende-se que há necessidade de se iniciar o debate sobre como as empresas que detém o controle deste mercado

sejam responsabilizadas pelas atrocidades cometidas contra os direitos humanos — especialmente sobre a violência contra a mulher — em ampla proporção. Tendo em vista que o avanço tecnológico é exponencial e inevitável, considera-se que a falta de legislação contribui para a ascensão dos vetores cada vez mais violentos da indústria adulta digital.

Do ponto de vista da defesa dos direitos humanos, não é crível a ausência de uma regulamentação jurídica, abarcando a responsabilização cível e criminal dos responsáveis por gerir um mercado que degrada sobremaneira a mulher. Conclui-se que a temática deve ser pautada pelos órgãos públicos, especialmente o poder legislativo na intenção de conter os danos descritos ao longo deste trabalho de pesquisa.

Do ponto de vista das ciências da comunicação, aponta-se que o fenômeno em questão depende do canal *mediático* para a sua reprodução em contexto tecnocultural. A relevância de trazer as operações sigilosas do submundo para a alfândega universitária é a possibilidades de leitura dos discursos *mediáticos* do setor com a devida consciência. Desse modo, fica claro que a indústria adulta digital é um objeto de estudo de significativa relevância para as teorias críticas da comunicação e da sociofenomenologia dos processos invisíveis da cibercultura

REFERÊNCIAS

ARENDRT, H. **O sistema totalitário**. Lisboa: Dom Quixote, 1978.

_____. **Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

BAITELLO JR., N. **Corpo e imagem: Comunicação, ambientes, vínculos**. In: RODRIGUES, D (Org). **Os valores e as atividades corporais**. São Paulo: Summus, 2008.

BAUDRILLARD, J. **Simulacros e simulação**. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.

_____. **A ilusão vital**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

BORDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, Distrito Federal: Presidência da República. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 04.dez.2023

CASTORIADIS, C. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

CHAUÍ, M. **O que é ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____. **Participando do debate sobre mulher e violência**. In: **Perspectivas Antropológicas da Mulher**. São Paulo: Zahar Editores, 1985.

_____. **Cultura e democracia**. São Paulo: Cortez, 1989.

_____. **O que é ideologia? Aula magna com transmissão** no dia 07 de abril de 2023. Disponível em: <https://event.webinarjam.com/t/click/m193lanzu2w9u03xprs9yvz5c6v79xc465hg>.

Acesso em 07.abr.2023.

_____. **Para que filosofia? Aula magna com transmissão** no dia 31 de agosto de 2023. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=R2m1Bf_URPE. Acesso em 31.ago.2023

LE BRETON, David. **Adeus ao Corpo**. São Paulo: Papyrus Editora, 2003.

MAGOSSI, P. G. **Reprogramação no ciberespaço**: um estudo sobre a gradativa reprogramação psicoafetiva e sexual da civilização tecnológica atual e seus efeitos sociais. In: **II Encontro Virtual da ABCiber**, 2021. Disponível em: <https://abciber.org.br/simposios/index.php/virtualabciber/virtual2021/paper/viewFile/1581/757>. Acesso em 23.ago.2022.

_____. **Vigilância algorítmica e reprogramação do imaginário social**: códigos invisíveis do submundo. In: **XIV Simpósio Nacional da ABCiber**, 2021. Disponível em: <https://abciber.org.br/simposios/index.php/abciber/abciber14/paper/view/1708/819>. Acesso em 23.ago.2022.

_____; MIKLOS, J. **Masculinidade tóxica e masculinidade flácida**: o homem reprogramado pelo submundo do ciberespaço. In: **III Encontro Virtual da ABCiber**, 2022. Disponível em: <https://abciber.org.br/simposios/index.php/virtualabciber/Vitual2022/paper/viewFile/1825/845>. Acesso em 10.fev.2023.

_____. **Vítimas internas do submundo**: Reprogramação algorítmica e ideológica do imaginário feminino. In: **XV Simpósio Nacional da ABCiber**, 2022. Disponível em: <https://abciber.org.br/simposios/index.php/abciber/abciber15/paper/view/1854/895>. Acesso em 17.mai.2023.

MARCUSE, H. **A ideologia da sociedade industrial**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

MORIN, E. **Cultura de massas no século XX**: o espírito do tempo: necrose. vol. 2. São Paulo: Forense, 1986.

_____. **O homem e a morte**. Portugal: Europa-America, 1988.

TRIVINHO, E. **A dromocracia cibercultural**: lógica da vida humana na civilização mediática avançada. São Paulo: Paulus, 2007.

_____. **Espaço público, visibilidade mediática e cibercultura**: obliteração estrutural da esfera pública no cyberspace. São Paulo: cópia reprográfica e digital, 2009.

_____. **Visibilidade mediática, melancolia do único e violência invisível na cibercultura**: significação social-histórica de um substrato cultural regressivo da sociabilidade em tempo real na civilização mediática avançada. In: **XIX Encontro Nacional da COMPÓS**, 2010. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/biblioteca_287.pdf. Acesso em 25 ago.2021.

_____. **O híbrido perverso**. In: **Revista Cult**, 18 de maio de 2021. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/o-hibrido-perverso/>. Acesso em 08.jan.2023.

_____. **Magma do Submundo**. In: **Revista Cult**, 20 de dezembro de 2021. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/magma-do-submundo/>. Acesso em 13.set.2023.

_____. **O suspeito silêncio dos intervalos factuais**. In: **Revista Cult**, 28 de agosto de 2023. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/silencio-intervalos-factuais/>. Acesso em 31.ago.2023.

ZUBOFF, S. **A Era do capitalismo de vigilância**: a luta por um futuro humano na nova fronteira de poder. Rio de Janeiro: Intrínseca. 2021.

OS BTMs E O ADVENTO DA PANDEMIA

Data de aceite: 03/06/2024

Euclides Barboa Moreira Neto

Mestre em Comunicação (MINTER:UFF-UFMA-UNIVIMA); doutorando no Programa de Pós Graduação em Comunicação, Linguagem e Cultura (UNAMA)
<http://lattes.cnpq.br/1050807927658848>

Trabalho apresentado como conclusão da disciplina "Tópicos Especiais" (ministrada pelos Professores Doutores Edgar Chagas Júnior, Paulo Nunes e Vânia Maria Torres Costa) do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagem e Cultura da Universidade da Amazônia (UNAMA), no primeiro período de 2023.

RESUMO: Análises e relato de como os grupos da manifestação cultural Blocos Tradicionais do Maranhão (BTMs) se relacionaram e enfrentaram o período mais atuante da chamada pandemia da corona vírus 19, o qual atingiu todo o planeta de forma avassaladora. Este artigo usou como principal motivação investigativa os depoimentos dos gestores, praticantes e

produtores dos grupos BTMs referentes à crise de relacionamento com os Órgãos dos poderes públicos locais e a tese de tribos urbanas defendidas nos estudos de Michel Maffesoli convergindo para o conceito de aura aplicada no campo cultural. Desse modo expõem-se os conflitos existentes no campo da cultura popular na região metropolitana da capital maranhense, São Luís.

PALAVRAS-CHAVE: Blocos Tradicionais do Maranhão, Carnaval, Gestão Cultural e Pandemia.

BTMs AND THE ADVENT OF THE PANDEMIC

ABSTRACT: Analysis and report on how the groups of the cultural manifestation Blocos Tradicionais do Maranhão (BTMs) related to and faced the most active period of the so-called corona virus 19 pandemic, which reached the entire planet in an overwhelming way. This article used as its main investigative motivation the testimonials of managers, practitioners and producers of BTM groups referring to the relationship crisis with local public authorities and the thesis of urban tribes defended in Michel Maffesoli's studies converging to the

concept of aura applied in the cultural field. In this way, existing conflicts in the field of popular culture in the metropolitan region of the capital of Maranhão, São Luís, are exposed.

KEYWORDS: Traditional Blocks of Maranhão, Carnival, Cultural Management and Pandemic.

BTM Y EL VENIMIENTO DE LA PANDEMIA

RESUMEN: Análisis y reportaje sobre cómo los grupos de la manifestación cultural Blocos Tradicionais do Maranhão (BTMs) se relacionaron y enfrentaron el período más activo de la llamada pandemia del coronavirus 19, que llegó de manera abrumadora a todo el planeta. Este artículo utilizó como principal motivación investigativa los testimonios de directivos, profesionales y productores de grupos BTM que se refieren a la crisis de relación con las autoridades públicas locales y las tesis de las tribus urbanas defendidas en los estudios de Michel Maffesoli convergiendo al concepto de aura aplicado en el campo cultural. . De esta manera, se exponen los conflictos existentes en el ámbito de la cultura popular en la región metropolitana de la capital de Maranhão, São Luís.

PALABRAS CLAVE: Bloques Tradicionales de Maranhão, Carnaval, Gestión Cultural y Pandemia

INTRODUÇÃO

Antes de concluir a investigação SOBRE OS Blocos Tradicionais do Maranhão (BTMs) surgiu um fenômeno que atingiu todo o planeta de forma avassaladora – a pandemia da corona vírus 19. Esse fato constitui-se em uma espécie de catástrofe que afetou não somente a cidade de São Luís, mas todos os lugares do mundo, o que provocou a decretação de medidas restritivas por parte das autoridades constituídas, incluindo inclusive a proibição de eventos comunitários e culturais, causando grandes transtornos na sociabilidade dos BTMs e demais grupos socioculturais da região.

Foi um período nebuloso que afetou não somente os grupos culturais, mas todos os cidadãos que tiveram que adequar-se a novas práticas de convivência comunitária, sanitária, trabalhista e sociais. Essas práticas restritivas deixaram marcas que ainda não foram totalmente mensuradas pelos agentes sociais atingidos, mas já é possível elencar uma série de medidas desenvolvidas a partir do período que foi decretada oficialmente o estado de pandemia pela Organização Mundial de Saúde.

Além disso, antes mesmo da decretação oficial da pandemia a rede criativa dos BTMs entrou em rota de colisão por causa dos resultados dos concursos oficiais ocorridos nos últimos anos na capital maranhense (2009 a 2019, especialmente), que segundo afirmações dos gestores dos grupos filiados a Academia dos Blocos Tradicionais do Estado do Maranhão e da Associação Maranhense de Blocos Carnavalescos estava a haver uma prática de favorecimento a determinados segmentos desta categoria, agravada por denúncias de que havia inclusive a cumplicidade protetora de órgãos públicos com a participação de dirigentes desses equipamentos da estrutura oficial e de parte de gestores dos grupos culturais.

PRÁTICAS OSCURAS DO CAMPO CARNAVALESCO

As reclamações dos coordenadores descontentes e significativa parcela dos participantes dos grupos BTMs eram relacionadas às comissões Julgadoras, que, segundo os reclamantes, havia membros convocados de forma mal intencionadas para prejudicar determinados grupos (geralmente aqueles grupos considerados de ponta que já tinham reconhecimento e legitimidades para conquistar premiações) e da mesma forma em uma espécie de mão contrária esses integrantes do júri de forma “infiltrada” beneficiavam determinados BTMs, ou seja, antes do(s) desfile(s) e da abertura dos envelopes com as referidas notas em julgamento já se sabia quem iria ganhar o concurso de carnaval local para esse segmento.

A situação nesse período que antecedeu a pandemia era tão gritante com insatisfações da maioria dos grupos que na última temporada carnavalesca antes da decretação oficial da pandemia, os desfiles dos BTMs foram divididos em dois circuitos: um desfilou na estrutura da Passarela do Samba montada pela Prefeitura de São Luís, e, outra, que foi composta pela maioria dos grupos que desfilou em outro espaço alternativo, no bairro do Monte Castelo. Resultado: o carnaval de 2020 para a categoria dos BTMs - conforme os estudos de Benjamim (1986) e Mafesoli (2010) - foi considerado um fracasso nos dois circuitos – tanto no oficial quanto no alternativo – sem a “aura” mágica da competição que faz os participantes, gestores e apreciadores se envolver na construção fantasiosa proporcionada pelos desfiles carnavalescos.

Para piorar a situação, os desfiles foram prejudicados por fortes chuvas que afastaram ainda mais o público apreciador dos referidos desfiles, como pontua o jornalista, produtor cultural e pesquisador Joel Jacinto:

“O Carnaval de Passarela no ano de 2020, o último da administração do Prefeito Edivaldo Holanda Junior, também foi cercado de uma nova crise, onde grande parte dos Blocos Tradicionais dos grupos A e B, disseram não ao concurso oficial de passarela, preferindo por um desfile alternativo no bairro do Monte Castelo, puxado pelo empresário Juninho Loung e o deputado Adriano Sarney. Esgotadas todas as discussões entre as entidades representativas (Associação e Academia de Blocos Tradicionais) os grupos não concordaram com a proposta de ajuda financeira e a não participação da escolha dos jurados por parte da Prefeitura de São Luís, via Secretaria de Cultura do Município. Com apenas 10 (dez) Blocos Tradicionais dos Grupos A e B, o concurso de passarela ocorreu no sábado gordo de carnaval. E a sexta-feira, foi ocupada por trios e grupos de samba convidados, fato que até então não tinha ocorrido na história da Passarela do Samba”. (JACINTO, depoimento concedido em 17.12.2022 e enviado por Whatsapp).

O pesquisador Jacinto destaca ainda que os grupos estavam insatisfeito também com a ajuda oficial da Prefeitura de São Luís, fato que agravou ainda mais a situação, além disso, percebe-se que houve também ingerência de interesses políticos e o Circuito alternativo teve o apoio promocional de um empresário e do político Adriano Sarney,

pertencente ao clã oligarca da família Sarney, que comanda os destinos políticos do Estado do Maranhão há cerca de cinco décadas. Até aquele ano, os desfiles dos BTMs ocorriam em dois dias distintos, sendo que o grupo B desfilava na sexta-feira e o grupo A, que reúne os principais grupos, desfilava no sábado.

Veja quem participou do Concurso Oficial de Passarela 2020, promovido pela Secretaria Municipal de Cultura, em uma única noite, no sábado, 22.02.2022 ao contrário de duas noites como era a prática dos últimos anos. **Desfile dos Blocos Tradicionais do Grupo B:** 19h30 às 19h50 – Alegria do Ritmo; 19h55 às 20h15 – Tradicionais do Ritmo; 20h20 às 20h40 – Os Fanáticos do Ritmo; 20h45 às 21h05 – Os Indomáveis; 21h10 às 21h30 – Os Guerreiros do Ritmo; 21h35 às 21h55 – Dragões da Liberdade; e **Desfile dos Blocos Tradicionais do Grupo A:** 22h00 às 22h20 – APAE (não concorre); 22h25 às 22h45 – Vinagreira Show; 22h50 às 23h10 – Tropicais do Ritmo; e 23h15 às 23h35 – Os Apaixonados.

Sobre a manipulação do resultado dos desfiles, motivos do descontentamento de significativa parcela dos atores envolvidos com a categoria BTM são pertinentes observar o que diz parte dos organizadores e brincantes dessa categoria:

“Falando a respeito do Carnaval do Maranhão na categoria de blocos tradicionais episódio do ano de 2020, onde 25 agremiações deixaram de participar do concurso oficial da Prefeitura Municipal de São Luís, devido a irregularidades e manipulações de jurados de quem administrava na época o concurso” (ARAÚJO, Raimundo Melo. Presidente Bloco Tradicional “Os Tremendões”. Enviado por Whatsapp, em 19.12.2022)

“No carnaval de 2020, os Blocos Tradicionais em sua maioria, tanto do grupo A como do grupo B, filiados a Academia de Blocos e a Associação Maranhense de Blocos resolveram não participar do concurso. Por que essa situação chegou a esse ponto? Porque nos anos anteriores devido a Produtora contratada pela SECULT que tinha uma ligação muito próxima com um grupo BTM e ela estava inclusive escolhendo os jurados, fazendo pagamentos desses jurados, construindo a passarela e fazendo esquema para beneficiar os amigos,,, todo mundo sabia disso. Então nós resolvemos não participar do concurso, mas queríamos participar do desfile de forma “hors concurs”¹, mostrando nosso trabalho, mas a Prefeitura de São Luís, mediante o Secretário Marlon Botão não aceitou. Isso aí foi chegado até o Ministério Público. Então resolvemos fazer o nosso próprio desfile no bairro do Monte Castelo com apoio de amigos e outras pessoas que ajudaram” (SALAIÁ, Paulo. Presidente do BTM “Os Feras”. Enviado por Whatsapp, em 19.12.2022).

“Nós estávamos insatisfeitos com algumas coisas que estava acontecendo (). Não queríamos que a empresa contratada não estivesse mais à frente da organização do concurso e o Secretário Marlon Botão não nos deu ouvido.

Então resolvemos não desfilarmos na passarela, pois estava na cara a manipulação que era feita. Todo mundo sabia dos favorecimentos. (...) E aconteceu

1 *Hors concours* é uma expressão de origem francesa, que **significa literalmente “fora do concurso”** ou “fora de competição” na tradução para a língua portuguesa. (...) Na língua portuguesa, o sentido atribuído para esta expressão francesa poderia ser traduzido como “fora de série”, por exemplo. (<https://www.significados.com.br/hors-concours/> - consultado em 20.12.2022).

de a gente não ir. Recebemos um convite para desfilar no Monte Castelo e resolvemos ir e dá o troco e fizemos o nosso carnaval diferenciado. Nós queríamos mostrar que tínhamos força e conseguimos e a passarela ficou esvaziada. Agora em 2023 vamos voltar a Passarela e vamos fazer bonito como sempre, sem os vícios de armações”. (FONTINELLE, Silvana. Presidente do BTM “Os Brasinhas”. Enviado por Whatsapp, em 19.12.2022).

Tentando compreender melhor essa situação, os depoimentos dos depoentes são muito cautelosos e praticamente todos evitam falar o nome da Produtora contratada pela Secretaria Municipal de Cultura da Prefeitura de São Luís, como também evitam falar o nome do empresário que responde pela referida Produtora e o nome do possível grupo BTM que era favorecido. Isso demonstra uma preocupação ética para evitar possível questionamento judicial² e/ou a exposição dos autores junto ao campo de atuação.

Na verdade, o grupo que seria o beneficiário trata-se do BTM “Os Apaixonados”, um dos grupos mais novos do campo de atuação dos BTMs e que teve uma ascensão vertiginosa ganhando quase todos os concursos que participou e o empresário ligado a Produtora trata-se Carlinhos Janot, que já havia sido integrante do referido BTM e mantém vínculo de amizade muito forte com a diretoria de “Os Apaixonados”.

Sem entrar no mérito das denúncias e descontentamento dos demais integrantes dos BTMs, que estavam insatisfeitos e prevendo possível manipulação dos resultados, “Os Apaixonados” tem tido uma atuação exemplar nesse campo cultural, apresentando ações de sustentabilidade inovadora e que garante ao núcleo social ligado ao referido grupo uma qualidade impressionante e, por conseguinte, vitoriosa, fato este que deixam uma pulga atrás da orelha nas direções dos demais grupos. “Os apaixonados” tem a coordenação geral de Flávio Nycolas, um jovem empresário que dá sua versão sobre a crise ocorrida em 2020 e a trajetória do seu grupo cultural – BTM “Os apaixonados”:

“A árvore só é vista quando dá frutos! Enquanto éramos apenas sementes, não éramos concorrência para os veteranos dos blocos tradicionais. Não me causa espanto, essa onda de descontentamento, de quem faz carnaval a anos, perder título para quem é “novo” no ramo. Desde que decidi me envolver nessa cultura genuína, sempre me propus a fazer o melhor, dentro das minhas possibilidades. Observando meu histórico dentro da passarela, em nosso primeiro ano de desfile, passamos incompletos, ali pagamos o preço da inexperiência. (...) Todos sabemos que o valor do prêmio de campeão é simbólico diante do gasto com a fantasia de passarela. (...) As coisas mudam o tempo todo, e nem sempre a experiência vence a ousadia. (...) As críticas sempre irão existir, pois cada um defende seu lado. (...) (NYCOLAS, Depoimento enviado por Whatsapp, em 20.12.2022).

2 Durante o levantamento de dados para fundamentar esta etapa desta investigação, o Coordenador do BTM “Os Apaixonados”, Flávio Nycolas, informa que interpelou judicialmente o Jornalista e Produtor Cultural William Moraes Correa, da diretoria do BTM “Os Foliões”, tendo o mesmo obrigado a se retratar publicamente com pedido de desculpas e a pagar indenização de R\$ 2.000,00 (dois mil reais) de cunho moral, por faltas acusações de que o mesmo estaria envolvido com supostas manipulações dos resultados do concurso oficiais da Prefeitura de São Luís. Este fato é visto como a cautela dos depoentes em falar sobre a crise ocorrida na temporada carnavalesca de 2020, evitando em citar os nomes da Produtora contratada pela SECULT/Prefeitura de São Luís, bem como mencionar o nome do empresário responsável pela referida Produtora e do eventual BTM que seria favorecido naquele episódio.

Sobre a recusa da direção da SECULT em não acolher as reivindicações dos demais grupos BTMs em não desfilar concorrendo, ou seja, passar de maneira “hors concours” foi decisão de foro íntimo de quem estava à frente daquele equipamento oficial. Se essa situação foi falta de habilidade do Secretário Municipal de Cultura à época em negociar ou não negociar, cabe uma melhor análise dos atores envolvidos. (...) Com os fatos consumados em relação ao desfile dos BTMs no ano de 2020, o resultado oficial dos dois grupos que teve apenas dez grupos desfilantes, não confirmou o favorecimento ao BTM “Os Apaixonados”, considerando que o tão sonhado título não se concretizou naquele ano. Segue a classificação final do desfile oficial para a categoria BTM na Passarela do Samba, conforme resultado divulgado pela Prefeitura de São Luís - **BTMs RESULTADO DO CARNAVAL 2020/Grupo A: 1.º**

Tropicais do Ritmo; 2.º Os Apaixonados; 3.º Vinagreira Show; 4.º Os Baratas; e **Grupo B: 1.º Os Indomáveis; 2.º Os Fanáticos do Ritmo; 3.º Os Guerreiros do Ritmo.**

Com um tema em homenagem à Companhia Barrica, o Bloco Tradicional “Tropicais do Ritmo”, do bairro São Cristóvão, foi eleito o campeão do Grupo A do Carnaval 2020 da Passarela do Samba. O segundo lugar foi para o grupo “Os Apaixonados”, seguido por “Vinagreira Show” e “Os Baratas”. No Grupo B, o campeão foi o Bloco Tradicional “Os Indomáveis”, do bairro Liberdade. O segundo colocado foi “Os Fanáticos do Ritmo”, e em terceiro o grupo “Os Guerreiros do Ritmo”. Os três grupos com as melhores notas conseguiram acesso ao grupo A.

OFICIALIZAÇÃO DA PANDEMIA E A DINÂMICA DOS GESTORES

No mês de março de 2020, após a temporada carnavalesca, a OMS decreta a gravidade da pandemia, que é seguida pelo governo brasileiro. Com essa medida estava oficialmente instalado um período de restrições – conforme Santos (2010), no seu estudo “A Teoria da dependência” e a visão etnopoética de Paes Loureiro (2015) - e com ela todas as atividades do campo cultural foram suspensas, prejudicando a dinâmica social, cultural, econômica, política e pessoal de todos os extratos sociais da região, gerando fortes debates sobre essas restrições e cuidados recomendados pelas autoridades do campo da saúde nos níveis municipal, estadual e federativo, gerando também fortes discussões favoráveis e contrárias sobre a pandemia e semeando um desastroso período de incertezas.

Essa situação agrava-se por um período de pelo menos dois anos em meio e nesse contexto, vários grupos inviabilizaram sua continuidade, inclusive muitos gestores e participantes dos BTMs, assim como de outras manifestações culturais, foram vítimas da Corona vírus 19, fato que prejudicou ainda mais os grupos com característica familiar e aqueles que não estavam devidamente estruturados como empresa jurídica.

Para se avaliar melhor por um parâmetro de como essa situação prejudicou esse segmento, no ano de 2019 no concurso oficial da categoria BTM, 19 BTMs participaram do concurso oficial, no grupo A e 15 BTMs participaram do concurso no grupo B, totalizando 34 grupos que desfilaram em dois dias, como era a prática desenvolvida dos últimos dez anos nos concursos oficiais promovidos pela Prefeitura da cidade e com todos os requisitos de uma competição disputadas de maneira lícita, onde os perdedores reclamavam e os vencedores comemoravam entusiasticamente, sem a mácula da prática da roubalheira descarada.

Em 2020 com a crise estabelecida entre os grupos e a Prefeitura de São Luís, a Passarela do Samba contou somente com 6 BTMs no grupo B e 4 BTMs no grupo A, totalizando 10 BTMs, que desfilaram em um único dia, no sábado, enquanto no circuito alternativo, que também ocorreu somente no sábado, desfilaram os outros grupos que não foram para o circuito oficial sem especificar quem era grupo A ou grupo B. Antes da decisão da maioria dos BTMs em não ir para a Passarela do Samba, no sorteio prévio da ordem dos desfiles promovido pelas entidades que representam o segmento, o grupo A contou com 15 BTMs e o grupo B contou com 17 BTMs.

Ainda sobre essa situação ocorrida em 2020, o Jornalista, Pesquisador e Produtor Cultural William Moraes Correa, que, inclusive teria sido questionado judicialmente pelo Presidente do BTM “Os Apaixonados”, Flávio Nycolas, por suas posturas de acusar por meio de ilações, sem comprovar as referidas denúncias, dá sua versão sobre a crise que essa categoria vivenciou naquele período, evitando, também, em citar nome, pois, segundo as informações, ele teria sido intimado a se retratar publicamente. Diz William em depoimento enviado pelo Whatsapp:

“O ano de 2020 foi marcado pela união dos maiores Blocos Tracionais do carnaval maranhense em prol de um bem comum. Um feito inédito, pois junto conseguimos ajudar a tirar da Secretaria Municipal de Cultura uma verdadeira máfia cultural que se apossou não somente das decisões e recursos públicos como também manipulou os resultados dos concursos de passarela. O importante de tudo isso não foi a criação do circuito do Monte Castelo, mas a união dos grupos por um mesmo objetivo. Inadmissível toda a montagem do desfile, construção da passarela, escolha e pagamento dos jurados ficar sob responsabilidade do coordenador de um grupo que participava do concurso e que foi beneficiado por quatro anos em que essa mesma pessoa esteve à frente da organização. O resultado dessa iniciativa corajosa foi o esvaziamento e fracasso o desfile de passarela, situação que foi ainda mais agravada pela existência de dois grandes circuitos de blocos de trio, coordenados pelo Governo do Estado, que “esmagaram” a programação do Anel Viário. Além do principal, que foi desmontar a equipe que manipulava os resultados do desfile de passarela e enfraquecer aquela desastrosa administração da Secult.” (CORRÊA, William Moraes. Depoimento enviado por Whatsapp, em 26.12.2022).

Essa afirmação de Moraes Corrêa pode ser vista pelos estudiosos do carnaval maranhense como política pública que beneficiou o modelo de “Carnaval de Trios”, amplamente difundido pela cultura baiana e que nos últimos anos foi muito naturalizado pelo chamado carnaval fora de época, e que, necessariamente, contrata grupos consolidados pela indústria consumo ligados à massificação cultural de produtos importados de outras regiões, em detrimento aos grupos da cultura popular local.

Desse modo, os dois circuitos mencionados pelo depoente William Moraes Corrêa refere-se aos Circuitos da Beira Mar (localizado ao lado da antiga sede da Rede Ferroviária Federal S/A – RFFSA) e o Circuito do Anel Viário, deixando a Passarela do Samba no meio de ambos, que com a crise dos BTMs e o não acolhimento do gestor da SECULT em não aceitar a proposta dos grupos dessa categoria em desfilarem de modo “hors concours”, teve como consequência o esvaziamento da referida Passarela do Samba nos dias em que os BTMs deveriam ter desfilado, ou seja, sexta e sábado, antes dos desfiles das Escolas de Samba que ocorrem no domingo e segunda-feira de carnaval.

Essa crise evidenciou também uma série de hipóteses por parte dos críticos do carnaval local, que recorrentemente emitem acusações equivocadas de que grande parte das manifestações do culturais do ciclo momesco desenvolvem práticas – de modo mal feitas - de copiar os modelos hegemônicos de carnaval desenvolvido nos grandes centros difusores da cultura brasileira, especialmente os grupos de Escolas de Samba. Com isso ganharam força as hipóteses de que os governos estadual e municipal queriam enfraquecer e/ou até acabar com os concursos carnavalescos.

Com essa postura das autoridades, evidenciavam-se as hipóteses de que os poderes públicos constituídos do Maranhão e da cidade de São Luís queriam enfraquecer os concursos carnavalescos locais para direcionar seus investimentos em outros focos contraturais, assim, ganhavam forças as teses de que de um lado estava o Governo do Estado, que era bem simpático à contratação de grupos de fora do Maranhão e cujos valores eram muitos superiores aos investimentos dos grupos locais, considerando que essas contratações estavam embutidas despesas de passagens aéreas, hospedagem, alimentação, traslado interno, seguranças, pagamentos adiantados de cachês contratados, etc; e de outro lado, estava a Prefeitura de São Luís, que, naquela época, era gerenciada por um Prefeito que professava a religião evangélica e nunca fora aos desfiles oficiais promovidos pela SECULT, na citada Passarela do Samba.

Aquela situação ocorrida no desfile de 2020 verificou-se que o desfile não teve a “aura” mágica que caracterizam as competições, portanto, naquele circuito alternativo os desfiles foram considerados desinteressantes, agravados pelo fato de não haver uma infraestrutura adequada, comprometido pela fraca iluminação, serviços complementares de segurança, gastronomia, banheiro químicos, decoração, cadeiras/arquibancadas, entre outros, lembrando ainda que a categoria já estava com muitas baixas em relação ao ano de 2012, quando naquela época foram registrados 49 grupos de BTMs na região metropolitana de São Luís.

Ressalta-se também que o circuito alternativo desenvolvido em 2020 teve ainda a ingerência de interesse políticos partidários por parte de lideranças pertencentes ao grupo opositor que estava no poder municipal. Assim, os participantes da categoria do campo carnavalesco puderam vivenciar o fenômeno classificado de “proxemia”, quando ficaram estabelecidas as distâncias emocionais que ocorrem entre as pessoas que interagem entre si, como cita Maffesoli (2010) na sua reflexão sobre tribos urbanas.

Nos anos seguintes 2021 e 2022 cidade de São Luís não realizou os concursos carnavalescos sob a alegação que ainda se atravessava o período da pandemia da corona vírus 19. (...) Enquanto essa aura de incertezas era contaminada por expectativas frustradas, os mesmos órgãos públicos moviam suas atividades contratando artistas e grupos culturais considerados “estrelas globais” por altos cachês, pagos adiantados e cheios de regalias contratuais. Tudo isso se transforma em um campo de energia negativo junto aos segmentos populacionais interessados nessa atividade cultural e segundo Paes Loureiro (2015) desconstrói uma prática que era pulsante para as manifestações tradicionais da região amazônica.

A aura negativa citada por este investigador pode se assemelhar a gritaria recorrente junto aos organizadores dos diversos grupos culturais das regiões norte e nordeste que dependem do auxílio financeiro público, que reforça a teoria da dependência, e, que quase sempre não corresponde às expectativas esperadas pelos agentes socioculturais que sonham um dia poder trabalhar com mais folga ao comparar os preços dos materiais disponibilizados no comércio local e a quantia concedida para auxiliar a produção artística dos grupos. (...) Vale ressaltar inclusive, que os grupos BTMs surgiram em meio às famílias ricas, detentora de poses, portanto, sem os vínculos diretos com as práticas afros descendentes com exceção ao ritmo e à sua batucada, que evidentemente é a característica mais próxima e visível desta teoria, embora na atualidade, em 2022, a manutenção desses grupos ocorre nas regiões periféricas à partir de diversas hibridizações e naturalizações que transferiu para o povo pobre e negro essa atividade cultural ocorrida ao longo do tempo, especialmente, nos últimos 50 anos, quando o mundo sofreu uma progressiva transformação no paradigma de relacionamento social.

Nesse período de pandemia e da pós-pandemia essas transformações demonstram que os grupos que sobreviveram aos momentos de catástrofes ainda sonham e tentam interagir entre si, como desenvolveram as práticas dos povos aborígenes (australianos) que se conectam com a magia de um “tempo de sonhos”, através da dança, da musicalidade e da indumentária, portanto, nessa parte da região meio norte do Brasil, essas marcas são simbólicas e iconograficamente respaldadas pelos valores identitários maranhenses construídos cotidianamente.

RETORNADA DA FESTA CARNAVALESCA

Em dezembro de 2022, a SECULT/Prefeitura de São Luís lança o edital para o carnaval 2023 já com muito atraso. O referido edital convoca todas as manifestações envolvidas com o desenvolvimento do carnaval a se inscreverem no período de 19 de dezembro/2022 a 8 de janeiro/2023 para receber o apoio oficial do Poder Público Municipal, fato que deixou a quase totalidade dos segmentos da cadeia produtiva do carnaval bastante frustrados, especialmente pelos valores financeiros anunciados e pela falta de tempo para a produção artística dos grupos interessados.

Abaixo segue parte do Edital de Credenciamento nº 09/2022 para o Carnaval 2023 – SECULT (Regulamento para seleção pública de propostas de atrações artísticas para o carnaval 2023) convocando os grupos da cadeia produtiva do Carnaval a ser desenvolvido pela Prefeitura de São Luís:

“A PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO LUÍS, através da SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA – SECULT, órgão gestor da política cultural, no uso de suas atribuições legais, torna público para conhecimento dos interessados, exclusivamente PESSOAS JURÍDICAS, o presente Regulamento para inscrição, seleção e contratação de Propostas de Atrações Artísticas, para compor a programação do Pré-Carnaval e do Carnaval 2023, promovidos e/ou apoiados pela Secretaria, com o objetivo de democratizar, diversificar, descentralizar e dar transparência, conforme o que segue: 1. DO OBJETO 1.1 Constituem objeto deste Regulamento a inscrição e contratação de atrações artísticas com espetáculos característicos do período pré-carnavalesco e carnavalesco, inseridos nas seguintes categorias: 1.1.2 Agremiações Carnavalescas - criações coletivas de comunidades, fundadas na tradição, com figurino e adereços próprios, sendo estas: Bloco Tradicional, Bloco Organizado,

Escola de Samba, Bloco Afro, Alegoria de Rua, Tribo de Índio, Turma de Samba, Tambor de Crioula e Bloco Alternativo”. (PREFEITURA DE SÃO LUÍS - <https://www.saoluis.ma.gov.br>. – Consultado em 23.12.2022).

Sobre o referido Edital de convocação para o carnaval de 2023, a Liga das Escolas de Samba e demais Agremiações Artísticas, Folclóricas e Culturais do Estado do Maranhão emitiu Nota de Repúdio, sintetizando de forma objetiva o descontentamento dos gestores dos grupos carnavalescos da capital maranhense. Ei la:

Nota de Repúdio ao Edital de Credenciamento N° 09/2022 para o Carnaval 2023 – Secretaria Municipal de Cultura de São Luís / SECULT de 14 de Dezembro de 2022. O Colegiado das Escolas de Samba do Estado do Maranhão - Liga das Escolas de Samba – LIESMA, por meio dessa nota, vem repudiar veemente as normativas do Edital de Carnaval 2023 lançado pela Prefeitura de São Luís / Secretária Municipal de Cultura – SECULT, que vem determinar o valor irrisório de R\$ 75.000,00 (setenta e cinco mil reais) para o segmento das Escolas de Samba, demonstrando assim um ato impertinente de desvalorização das manifestações culturais carnavalescas, visto que por dois anos não vem acontecendo as programações carnavalescas e montagens da Passarela do Samba, de responsabilidade da PMSL(...) São Luís, 19 de dezembro de 2022. Colegiado das Escolas de Samba do Maranhão / LIESMA.

Com relação aos BTMs outro fato acirrou ainda mais o descontentamento dos grupos dessa categoria: trata-se da exigência de que os grupos apresentem o desenho da fantasia que será apresentada no carnaval de 2023. Esse fato foi amplamente refutado por todos os grupos considerando que a fantasia desde o início da sua criação só é revelada no dia do batizado do grupo, que, normalmente ocorre antes do desfile oficial, no dia do referido desfile competitivo, na Passarela do Samba, como ressalta Paulo Salaia (Paulinho Feras):

(...) a Prefeitura de São Luís, no credenciamento do carnaval está pedindo a cópia do figurino que nós vamos apresentar no desfile. Isso não existe. Isso é uma tradição desde a década de 1930 (...) as fantasias dos Blocos Tradicionais são segredo de estado. Só são apresentadas no dia do desfile. Ninguém tem que saber quais as fantasias dos outros. Eles estão pedindo Cara isso não existe. (SALAIA, Paulo. Mensagem enviada por Whatsapp, em 22.12.2022).

Após ampla divulgação dessas informações nas redes sociais e na imprensa local, partes dos representantes de agremiações carnavalescas questionam o edital da Prefeitura de São Luís para o carnaval 2023. Desde que foi lançado, o edital de credenciamento número 09 de 2022 para o carnaval 2023 – da Secretaria Municipal de Cultura de São Luís/SECULT - tem levantado questionamentos e reclamações a cerca de seu conteúdo por parte de representantes das entidades que integram esse processo. Este é o caso da presidente do BTM “Os Brasinhas”, Silvana Fontinelle, que comenta:

(...) Nós temos muito cuidados, muito cuidado mesmo, pedimos as costureiras quando vão fazer as fantasias para não vazarem, nem divulgar..... pedimos aos componentes para não mostrar, nem comentar, Isso é um ponto que até a gente tenta segurar. Essa revelação não tem como, isso é inadmissível.” (FONTINELLE, Silvana. Depoimento concedido ao Jornal Rádio Universidade, da Rádio Universidade FM, 106,9, divulgado em 23.12.2022).

O que existe, segundo os representantes, dessas agremiações é uma tradição que se perpetua desde o início da década de 30, quando esses blocos foram criados no Maranhão. Desde então, o novo figurino só é apresentado durante o desfile oficial.

“Na verdade esse edital foi imposto lamentavelmente e mais uma vez o Prefeito que eu ajudei a eleger, juntamente com outras pessoas, lança um edital que não foi feita nenhuma discussão. Seria bom que todos os Presidentes de grupos não fossem participar, ninguém ir.... assim, nós devíamos deixar o carnaval da Prefeitura pra lá e vamos fazer o carnaval do Estado. Dessa forma, não tem condições. Inclusive, eu falei pra ele qual seria a deles, chamar a gente e discutir, depois apresentava uma proposta ()

Assim que se faz. Depois o Prefeito diria se dá pra fazer ou não dá pra fazer. Era mais decente”. (SANTANA, Basa. Depoimento concedido ao Jornal Rádio Universidade, da Rádio Universidade FM, 106,9, divulgado em 23.12.2022).

Para a categoria dos BTMs o Edital da Prefeitura de São Luís prevê dois tipos de aporte financeiro: O primeiro para os integrantes do grupo A, no valor de R\$ 15.000,00 (quinze mil reais) e o segundo aporte é para os integrantes do grupo B, no valor de R\$ 12.000,00 (doze mil reais) (). Brasa Santana, Presidente da AMBC, chama atenção ainda para a questão do apoio à cultura local com foco na Cadeia Produtiva da Cultura e do Turismo, afirmando que:

“Em todo lugar do Brasil, o carnaval é feito de forma diferenciada, seja no Rio de Janeiro, São Paulo ou Salvador..... todos esses lugares apoiam as manifestações culturais locais com um bom investimento. No carnaval a cadeia produtiva é imensa, é dinheiro pra cidade e é dinheiro pro Estado quando há um planejamento daquelas festas, daqueles eventos”. (SANTANA, Basa. Depoimento concedido ao Jornal Rádio Universidade, da Rádio Universidade FM, 106,9, divulgado em 23.12.2022).

(...) O jogo de cena mencionado envolve um vasto cenário de interesses que as vezes parece ser impossível a convivência dos grupos no mesmo campo de atuação, pois enquanto de um lado ouve-se as queixas que os poderes constituídos tentam enfraquecer os concursos oficiais para implementar ações de cunho corporativos que atendem a interesses privados, camuflado de apelos da maioria da população; de outro lado as escolas de samba lutam para manter a estrutura da Passarela do Samba configurada para receber os grandiosos desfiles competitivos, enquanto parte dos BTMs, por meio de sua Associação num modelo de carnaval de rua, sem o glamour das estruturas físicas que acolha o público de modo mais seguro e confortável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, o segmento carnavalesco da região metropolitana da capital maranhense, sobretudo os BTMs, tenta sobreviver e resistir às dificuldades impostas pela falta de recursos financeiros e de políticas públicas claras que possam revigorar a categoria enquanto manifestação identitária do povo maranhense, não se esquecendo de que as relações conflitantes entre as manifestações genuínas, tradicionais e as novas práticas empreendedoras de ações sociocomunitárias vão continuar a ocupar espaços privilegiados dentro das proposições daqueles que comandam os destinos gestores de qualquer nação, gerando relação de dominação-subordinação que possui aspectos bastante complexos.

Vários fatores não analisados neste estudo também influenciaram de forma determinante a execução das atividades relacionadas com o ciclo carnavalesco na capital maranhense, entre os quais as disputas de poder desenvolvidas pelos gestores governamentais do município e do governo estadual, que, neste caso, são atores antagônicos, portanto, integrantes de grupos partidários que estão no comando dos poderes de ambas as esferas políticas.

Enquanto de um lado, o poder estadual promove os chamados circuitos alternativos de festas carnavalescas, trazendo “atrações nacionais” envolvem altos valores financeiros

e que requerem o pagamento antecipado de cachês previamente contratados, de outro lado, o poder municipal apoia e executa a montagem da estrutura considerada tradicional para os concursos oficiais dos diversos grupos locais, além de promover ações junto aos núcleos periféricos, os quais, quase sempre são indicados por aliados políticos, sem obter a mesma repercussão de audiência massiva daquela praticada pelo governo estadual (...) que põe em risco a própria continuidade dos referidos concursos. Todo esse cenário oferece a oportunidade para que os agentes socioculturais interessados possam estabelecer avaliações de como essas práticas serão mantidas num futuro próximo, ou aquele concreto fortificado propiciado pela aura tribal urbana estará fadada ao declínio total e, o seu conseqüente, desaparecimento.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, W. Magia e técnicas artes e política: Ensaio sobre literatura e história da Cultura. São Paulo, Brasil: Brasiliense. 1986.

PAES LOUREIRO, J.J. Cultura Amazônica – uma poética do imaginário. Belém: Cultural Brasil, 2015.

MENÉNDEZ, E. Modelos, saberes e formas de atenção ao padecimento: exclusões ideológicas e articulações práticas. In: . Sujeitos, saberes e estruturas: uma introdução ao enfoque relacional no estudo da Saúde Coletiva. São Paulo: Hucitec, 2009. p.17-70.

MAFFESOLI, M. O Tempo das Tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2006.

LIESMA. Nota de Repúdio/Redes Sociais da Internet, em 19.12.2022

PREFEITURA DE SÃO LUÍS. Carnaval 2020. em 20.dez.2022. site, consultado em 23.dez.2022.

JACINTO, Joel. Depoimento/Whatsap, em 17.dez.22. FONTINELLE, Silvana. Depoimento/Whatsap, em 19.dez.22.

FONTINELLE, Silvana. Depoimento/Jornal Universidade, Rádio Universidade FM: 106,9, em 23.dez.22.

NYCOLAS, Flavio. Depoimento/Whatsap, em 20.dez.22. CORREIA, William. Depoimento/Whatsap, em 26.dez.22.

SALAIA, Paulo. Depoimento/Whatsap, em 22.dez.22.

SANTANA, Brasa. Depoimento/Jornal Universidade, Rádio Universidade FM: 106,9 em 23.dez.22.

MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO E PRÁTICA EDUCATIVA: CONSTRUINDO PONTES PARA O CONHECIMENTO

Data de submissão: 08/05/2024

Data de aceite: 03/06/2024

**Danielle Fernandes Rezende
Nascimento**

Universidade Federal de Sergipe
São Cristóvão – Sergipe
<http://lattes.cnpq.br/8856761180723642>

Germana Gonçalves de Araújo

Universidade Federal de Sergipe
São Cristóvão – Sergipe
<http://lattes.cnpq.br/5486386468044529>

RESUMO: A vida das pessoas está em crescente conectividade com a tecnologia e sistemas de informação, o que gera uma necessidade crescente de gerenciar a quantidade significativa de dados circundantes diariamente. Nesse contexto, a Mediação da Informação (MI) torna-se essencial para auxiliar na integração das informações, do conhecimento, das habilidades e competências em todo o processo vinculado entre os profissionais que atuam em atendimento e parceria com pessoas, e especialmente no desenvolvimento do trabalho docente, apresentando diversas facetas existentes na relação do ensino-aprendizagem. Na esfera da educação, a MI pode ser compreendida como uma habilidade significativa em todos

os domínios, desde a pesquisa acadêmica até a gestão de negócios, visando auxiliar a tomada de decisões e a avaliação das consequências das escolhas. Segundo autores consultados, a MI é extremamente importante para que os dados acessados sejam compreendidos e interpretados de forma adequada pelas pessoas. A mediação também pode ser exercida por diferentes profissionais, tais como jornalistas, bibliotecários, entre outros, e também tem o papel de desconstruir os estereótipos e preconceitos presentes na sociedade, fornecendo um acesso mais amplo e crítico ao conhecimento. Este artigo foi desenvolvido por meio de pesquisas bibliográficas, em um compilado de informações advindas de artigos e capítulos de livros de autores que tratam da referida temática. Conclui-se, portanto, que o presente trabalho alcançou o seu objetivo de levar informações e gerar reflexões, a partir de sínteses interpretativas dos argumentos expostos, baseados em conceitos e técnicas de diversos especialistas na área de MI e da educação.

PALAVRAS-CHAVE: mediação da informação; ensino-aprendizagem; educação profissionalizante.

INFORMATION MEDIATION AND EDUCATIONAL PRACTICE: BUILDING BRIDGES TO KNOWLEDGE

ABSTRACT: People's lives are increasingly connected to technology and information systems, which generates a growing need to manage the significant amount of surrounding data on a daily basis. In this context, Information Mediation (IM) becomes essential to assist in the integration of information, knowledge, skills and competencies throughout the process linked between professionals who work in care and partnership with people, and especially in the development of teaching work, presenting different facets in the teaching-learning relationship. In the sphere of education, MI can be understood as an important skill in all domains, from academic research to business management, aiming to assist decision-making and evaluating the consequences of choices. According to the authors consulted, MI is extremely important so that the data accessed is understood and interpreted appropriately by people. Mediation can also be carried out by different professionals, such as journalists, librarians, among others, and also has the role of deconstructing the stereotypes and prejudices present in society, providing broader and more critical access to knowledge. This article was developed through bibliographical research, in a compilation of information from articles and book chapters by authors who deal with the aforementioned topic. It is concluded, therefore, that the present work achieved its objective of providing information and generating reflections, based on interpretative syntheses of the arguments presented, based on concepts and techniques from various experts in the field of MI and education.

KEYWORDS: mediation of information; teaching-learning; vocational education.

INTRODUÇÃO

O conceito de Mediação da Informação (MI) tem sido frequentemente abordado em trabalhos acadêmicos no campo da Ciência da Informação (CI). Contudo, seu uso excessivo pode resultar em uma compreensão superficial, deixando de explorar discussões mais aprofundadas sobre suas aplicações, limitações e paradoxos (Almeida, 2007). Nesse contexto, entre as diversas definições de MI, percebe-se que se trata de um mecanismo, seja estratégico ou não, de interação, que permite filtrar e selecionar informações pertinentes em um contexto específico, facilitando a compreensão e interpretação das questões envolvidas pelos usuários.

Pode-se afirmar que, por meio da mediação, as informações são transmitidas de maneira mais clara, permitindo que as pessoas as analisem, interpretem e utilizem o conhecimento de maneira mais eficaz para diversos propósitos. É essencial ressaltar que, ao se propor a ideia de mecanismo como definição para a MI, está-se referindo a uma ampla gama de instrumentos utilizados para intermediar a informação. Conforme discutido por Almeida Junior (2002, p. 17), "Livros, revistas e jornais são veículos de mediação entre a informação e a sociedade em geral".

O livro "A Mediação da Informação e da Leitura" (2007) de Almeida Júnior destaca a importância da mediação do conhecimento não apenas para a disseminação de

informações, mas também para uma educação mais eficaz e inclusiva. O autor argumenta que a mediação é essencial para a construção do saber e a formação de indivíduos capazes de compreender e utilizar informações de maneira crítica e reflexiva. Em suas ideias, o autor enfatiza que a mediação do conhecimento não se limita apenas à transmissão de dados, mas também envolve o estímulo ao pensamento crítico, à análise reflexiva e à capacidade de contextualização das informações.

Ao adotar uma abordagem mediadora, os educadores podem auxiliar os alunos na compreensão dos conteúdos de forma mais significativa, estimulando o desenvolvimento de habilidades cognitivas, fomentando uma aprendizagem mais autônoma e participativa. Dessa forma, a mediação do conhecimento torna-se uma ferramenta essencial para o fortalecimento da educação, contribuindo para a formação de cidadãos mais críticos, conscientes e preparados para enfrentar os desafios do mundo contemporâneo.

Continuando com as ideias de Almeida Júnior (2007), a MI deve ser conduzida de maneira sistemática e intencional, utilizando estratégias que considerem as particularidades dos indivíduos e de seus contextos. Para isso, é essencial desenvolver habilidades como a capacidade de selecionar, avaliar e utilizar fontes de informação de maneira crítica e consciente. Além disso, o autor ressalta a importância da leitura como uma forma privilegiada de MI, contribuindo não apenas para a formação de indivíduos mais capacitados, mas também para o desenvolvimento da imaginação, criatividade e sensibilidade.

Nesse sentido, a leitura deve ser vista, como uma prática social, que envolve não apenas aspectos cognitivos, mas também afetivos e emocionais. Por isso, pode-se considerar que a MI e da leitura é uma prática que deve ser incentivada e valorizada em todos os espaços de formação, incluindo a escola, a biblioteca e a comunidade em geral (Almeida Junior, 2007). Somente dessa forma, será possível garantir o acesso à informação e ao conhecimento de maneira democrática e mais igualitária. Portanto, fazem-se necessários estudos, pesquisas, avaliações contínuas a respeito dessa problemática, a fim de se desenvolver melhorias capazes de solucionar questionamentos relevantes à sociedade.

A perspectiva de Paulo Freire (2003) sobre a leitura como prática social enriquece significativamente a discussão sobre a MI. Para Freire (2003), a leitura transcende a decodificação de palavras, transformando-se em um ato de compreensão do mundo e de transformação da realidade. A MI, alinhada com o pensamento de Freire, deve estimular a leitura crítica, capacitando os indivíduos a questionarem o mundo, identificarem as estruturas de poder e agirem para transformar a realidade. O diálogo horizontal, onde todos os participantes aprendem e ensinam, compartilhando seus saberes e experiências, também deve ser promovido pela MI, assim como a emancipação e a autonomia dos indivíduos, permitindo que se tornem sujeitos ativos e protagonistas de suas próprias histórias.

Ao incorporar as ideias de Paulo Freire (2003), a MI se torna uma ferramenta ainda mais poderosa para a construção de uma sociedade mais justa, consciente e democrática.

Afinal, a leitura crítica e a compreensão profunda do mundo são passos essenciais para a emancipação e a liberdade dos indivíduos, permitindo que se tornem agentes de transformação social.

Nesta perspectiva, o objetivo deste artigo é analisar a MI como uma experiência positiva proveniente de profissionais da área da informação, especialmente no contexto dos educadores do ensino profissionalizante e sua atuação no ambiente de trabalho. Isso aponta para um ciclo contínuo de construção, desconstrução e reconstrução que ocorre constantemente neste notável processo de aprendizado.

Destaca-se a necessidade de ressignificar conceitos atribuídos em determinados momentos históricos, à luz do desenvolvimento tecnológico e dos resultados observados, promovendo novas formas de aprendizagem e aplicação por meio da utilização de diversas ferramentas. Além disso, enfatiza-se a importância de refletir sobre a MI e suas competências no contexto educacional, pelo viés dos docentes.

Para o desenvolvimento do estudo, de natureza descritiva, foi necessário se debruçar na pesquisa bibliográfica, tendo como principais autoras a Elizete Veira Vitorino e Daniela Piantola (2020), que tratam das habilidades, comportamentos, valores necessários para os profissionais da informação, e a Terezinha Azerêdo Rios, a partir da obra intitulada “Compreender e Ensinar – Por uma docência de melhor qualidade” (2006).

Ressalta-se que também se respalda a noção de competência ilustrada por Philippe Perrenoud (2000, p. 15), na qual o termo significa “uma capacidade de mobilizar diversos recursos cognitivos para enfrentar um tipo de situação”. Essa concepção também se alinha ao que Rios (2006, p. 86-87) descreve ao constatar a existência de quatro dimensões relacionadas à “competência dos docentes”: técnica, política, estética e ética. A dimensão técnica, como a primeira, é a base e o cerne da competência, revelando-se na ação dos profissionais, no domínio do conhecimento e nas habilidades para a intervenção prática na realidade. A dimensão política, a segunda, envolve o compromisso político, o engajamento coletivo e social, o exercício de direitos e deveres, e o comprometimento com as necessidades do contexto social. A dimensão estética, terceira, aborda a percepção sensível da realidade, englobando a criatividade, a inovação, as sensações e a apreensão consciente da realidade, além da dimensão afetiva. A dimensão ética, quarta, atua como elemento de mediação entre as demais, garantindo o caráter dialético da relação, pautando-se pelo respeito, solidariedade e bem coletivo.

Espera-se que os resultados deste estudo em andamento possam enriquecer nosso entendimento sobre o papel do mediador da informação, especialmente sob a perspectiva do docente e sua atuação em sala de aula. Pretende-se evidenciar diversas facetas da mediação da informação e seu impacto no processo de ensino-aprendizagem, fornecendo informações e experiências práticas valiosas.

LEITURA, MEDIAÇÃO E DEMOCRATIZAÇÃO DO CONHECIMENTO

Conforme pesquisa da autora e docente da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Henriette Ferreira Gomes (2020), é fundamental ampliar as dimensões da mediação da informação para contextualizá-la de forma mais abrangente como fundamento. Para exercer efetivamente a área, baseada em teorias e conceitos que propõem uma ação mediadora consciente, é essencial considerar suas dimensões dialógica, estética, formativa, ética e política. Isso implica garantir que a apropriação da informação pelos sujeitos envolvidos no processo de mediação ocorra de maneira concreta.

De acordo com Gomes (2020), é imprescindível ampliar a compreensão da mediação da informação, considerando múltiplas dimensões para uma contextualização mais abrangente. Isso implica reconhecer que essa prática vai além da simples transmissão de dados, envolvendo também elementos como diálogo, estética, formação, ética e política. Assim, para que a mediação da informação seja verdadeiramente eficaz, é fundamental contemplar essas dimensões, assegurando uma apropriação concreta e significativa da informação pelos indivíduos envolvidos. Dessa maneira, Gomes (2020) destaca ainda que a mediação consciente, pautada em uma abordagem dialética e fundamentada em teorias sociointeracionistas, representa a forma mais promissora de mediação. Ao adotar os cuidados necessários, há maiores chances de alcançar as cinco dimensões, permitindo que os sujeitos participantes sejam plenamente envolvidos em todo o ciclo de apropriação do conhecimento, assim como os mediadores possam exercer a práxis de maneira eficaz.

Na obra “Mediação da Informação e da Leitura”, de Sueli Bortolin e Almeida Júnior (2007), explora-se não apenas o tema central da mediação da informação e da leitura, mas também tarefa do profissional da informação, suas interações com as pessoas, a importância da reflexão sobre o desenvolvimento nos espaços informacionais e o envolvimento com a tecnologia e os equipamentos informacionais. Destaca-se ainda a necessidade de compreender que os usuários da informação também se tornaram produtores de conhecimento.

Nos textos, de Almeida (2007) e Bortolin e Almeida Júnior (2007), também é enfatizado o quão é arriscado querer concluir esse tema da mediação da leitura e informação com definições herméticas, visto que, a sociedade está em eterno desenvolvimento, seja pela perspectiva individual ou coletiva, e as mudanças, como também as construções, as desconstruções e reconstruções fazem parte da realidade cotidiana de todos. Por isso, para o profissional da informação torna-se relevante continuar estudando e buscando as origens, as causas, os porquês em cada nível acumulado e nunca perder de vista essa humildade e desejo de tentar entender, participar, estar incluso em todo esse processo da mediação da informação e de leitura que enriquece o sujeito como cidadão. Os textos desses autores estimulam a reflexão, com grande valor conceitual, que disponibiliza muitas ideias e ensinamentos substanciais sobre todo o contexto da mediação da informação.

Rasteli e Cavalcante (2014) defendem a mediação da leitura como meio de apropriação da informação e suas interfaces, considerando o uso das tecnologias atuais, as interações com os usuários e os espaços dedicados a esse fim. Eles destacam a importância de uma abordagem tanto individual quanto coletiva no processo de desenvolvimento cultural. Além disso, abordam as demandas informacionais e o comportamento das pessoas em espaços públicos ou privados, não apenas como receptores, mas também como produtores de conhecimento. Exemplos incluem iniciativas de incentivo à leitura e outras expressões culturais, como encontros com autores, exposições de cinema e apresentações de cordel, visando estimular a produção artística e cultural.

Um exemplo inspirador é o estudo das autoras Fernandes e Araújo (2023, p. 69), que descrevem em um artigo a prática de mediação da informação em uma biblioteca prisional. O objetivo era alimentar “o desejo de conhecimento de pessoas privadas de liberdade, oferecendo informações que eram inacessíveis do lado de fora”. O projeto ocorreu em uma biblioteca de um presídio feminino em Sergipe e utilizou múltiplas formas de expressão para abordar temas selecionados pelas próprias detentas. Elas foram expostas a produções audiovisuais, trechos de textos e livros, para estimular discussões sobre assuntos como violência doméstica, feminismo e maternidade. Como apontado pelas autoras, o uso de diferentes recursos informacionais foi fundamental para permitir que as mulheres se familiarizassem primeiro com algo conhecido (informação em vídeo) antes de se sentirem motivadas a explorar o desconhecido (informação através da leitura de um livro).

Outro estudo elucidativo é o de Martha Nunes (2019), que aborda a dimensão estética da mediação da informação sob a perspectiva dos editores de revistas científicas com Qualis B1 ou superior na área de CI. Em seu artigo, a autora nos convida a refletir sobre além da discussão central da mediação da informação no contexto do trabalho dos editores, explorando uma série de interfaces relevantes para o processo, que oferecem insights tanto individuais quanto coletivos para a aquisição de conhecimento. Nunes (2019) também destaca que a mediação na área de CI tem sido cada vez mais influenciada pela interdisciplinaridade com as Ciências Cognitivas. Ela explicita, por meio de um levantamento de dados, os diversos meios de comunicação utilizados entre os envolvidos, incluindo editores, produtores e usuários.

Ampliando as perspectivas, buscou-se aproximar Adorno (1995) e Freire (2003) na Mediação da Informação. Ao incorporar as ideias de Paulo Freire, a MI se fortalece como ferramenta para a construção de uma sociedade mais justa e democrática. A leitura crítica e a compreensão profunda do mundo, estimuladas pela MI, tornam-se caminhos para a emancipação e a liberdade dos indivíduos, permitindo que se tornem agentes de transformação social. Nesse contexto, o diálogo com a perspectiva crítica de Theodor Adorno (1995) enriquece ainda mais a discussão, trazendo reflexões sobre a indústria cultural e atribuição da MI na resistência à massificação e à alienação.

Adorno (1995) alerta para os perigos da indústria cultural, que padroniza e homogeneiza a cultura, limitando o pensamento crítico e a autonomia dos indivíduos. A MI, nessa perspectiva, deve se contrapor à lógica da indústria cultural, oferecendo acesso a informações diversificadas e estimulando a reflexão crítica sobre as mensagens e os valores veiculados pelos meios de comunicação de massa.

A valorização da arte e da cultura, amparada por Adorno (1995), também encontra eco na MI. O educador-mediador pode utilizar diferentes linguagens e expressões artísticas para despertar a sensibilidade estética dos alunos e para uma compreensão mais profunda do mundo. A arte, como forma de resistência à massificação, permite explorar diferentes perspectivas, questionar as normas estabelecidas e imaginar novas possibilidades.

O diálogo entre Freire (2003) e Adorno (1995) na MI destaca a valorização do pensamento crítico e da autonomia, onde ambos os autores enfatizam a importância de desenvolver a capacidade de questionar, analisar e interpretar a realidade de forma crítica e independente.

Em consonância, os autores enfatizam a importância de desenvolver a capacidade de questionar, analisar e interpretar a realidade de forma crítica e independente. Ambos convergem na concepção da educação como uma prática libertadora, na qual ela deve ser um instrumento de emancipação e transformação social, capacitando os indivíduos a atuarem de forma crítica e consciente no mundo. Tanto Freire (2003) quanto Adorno (1994) alertam para os perigos da indústria cultural e da homogeneização da cultura, defendendo a necessidade de impulsionar a diversidade e o pensamento crítico. Em resumo, essa sinergia entre as visões dos autores realça a percepção da Mediação da Informação como um agente de mudança social.

O EDUCADOR COMO MEDIADOR: ABRINDO ESPAÇOS PARA A LEITURA E O CONHECIMENTO NO ÂMBITO DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Em um cenário marcado pela crescente complexidade do acesso e uso da informação, a Ciência da Informação assume missão fundamental na compreensão e aprimoramento dos processos de ensino e aprendizagem. Sob essa égide, é relevante discutir o lugar do educador como mediador, um profissional que não só transmite conhecimentos de forma sistemática, mas também utiliza a informação como ferramenta essencial em sua prática educativa. Destaca-se que, nesse contexto, o educador não apenas estimula a leitura e exhibe conceitos, mas também incentiva o interesse dos alunos por novas descobertas, colaborando na construção e reconstrução de significados.

A Ciência da Informação, com seus conceitos e ferramentas, oferece embasamento para essa prática mediadora, contribuindo para a criação de ambientes de aprendizagem significativos e transformadores, onde a leitura se torna uma porta de entrada para o conhecimento e para a participação ativa na sociedade, contribuindo significativamente

para a formação de cidadãos conscientes da sua função na sociedade. Carol Kuhlthau (1993) ressalta a importância da mediação humana na busca, acesso e uso da informação, o que facilita sua aquisição pelo usuário.

O educador, como um arquiteto do conhecimento, abre espaços para que estudantes de diversas idades possam explorar o universo da leitura. Mais do que simplesmente fornecer acesso aos livros, o educador atua como um mediador, estimulando a interação plural e o diálogo entre os alunos. As ferramentas disponíveis, sejam elas tradicionais ou tecnológicas, tornam-se instrumentos para a construção de conhecimento, permitindo que os estudantes mergulhem em temas de diferentes gêneros, desde a ética e a filosofia até a ciência e a informação.

Nesse processo de mediação, o educador interfere de forma estratégica, guiando os alunos em sua jornada de aprendizagem. Seja em uma sala de aula ou em uma biblioteca prisional, o ambiente de ensino-aprendizagem deve ser um espaço que estimule o engajamento e a geração de conhecimento. A interação com diferentes perspectivas e a troca de ideias propiciam o pensamento crítico e a capacidade de análise, permitindo que os estudantes se tornem protagonistas de sua própria construção de saber. A mediação, portanto, vai além de simplesmente transmitir informações. É um processo dinâmico e interativo que envolve a escuta ativa, o estímulo à reflexão e a valorização das diferentes vozes e experiências. Ao criar pontes entre os alunos e o conhecimento, o educador contribui para a formação de cidadãos críticos, conscientes e preparados para enfrentar os desafios do mundo contemporâneo.

O educador que está envolvido com a formação profissionalizante, chamado geralmente de instrutor, assim como outros em ambientes educacionais diversos, também orienta atividades teóricas e práticas, previstas no plano de curso, acompanha os resultados das tarefas desenvolvidas, gera situações de aprendizagem que propiciem a cooperação, união, organização e resolução de problemas.

Na esfera de integração à equipe de coordenação pedagógica, o educador fornece informações e subsídios quanto aos assuntos específicos da formação que ele está envolvido. Precisa manter-se atualizado de acordo com sua área de atuação, acompanhando a evolução do mercado de trabalho. Ele também colabora na elaboração do material didático, de sua área ou afins, compreendendo como os fluxos informacionais podem estar agregados a diferentes linguagens. Registra em ambiente virtual ou em documentos físicos a participação dos alunos, obedecendo o calendário escolar, elabora relatórios, referente a sua área de conhecimento, presta assistência nos assuntos relativos ao seu campo de atuação, colabora em processos seletivos, participa de projetos e ou eventos promovidos pela instituição, assina e encaminha documentos às empresas parceiras, e executa atividades previstas no cargo, de acordo com as particularidades e necessidades do local de trabalho.

O instrutor em desenvolvimento de sua atividade e como mediador da informação, ainda, colabora com a formação dos alunos pela perspectiva das relações interpessoais, trabalhando ética profissional, comunicação, trabalho em equipe, assiduidade, marketing pessoal, construção de currículo, corroborando assim, no desenvolvimento global do estudante.

Cabe aqui mencionar a perspectiva de Lev Vygotsky (2007) para enriquecer a compreensão do processo de aprendizagem, destacando a importância da interação social no desenvolvimento do indivíduo. Para Vygotsky (2007), o conhecimento não é construído de forma isolada, mas sim através da relação com o outro e com o mundo que nos cerca. Nesse sentido, o educador assume a atribuição fundamental de mediador entre o indivíduo e o conhecimento, guiando o estudante em sua jornada de descoberta e aprendizado.

Um conceito central na teoria de Vygotsky (2007) é a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), que representa o espaço entre o que o sujeito já conhece e o potencial de conhecimento que pode vir a ter. O educador, como um descobridor da ZDP, identifica as capacidades e habilidades do aluno, bem como suas potencialidades ainda não exploradas. Através de intervenções pedagógicas planejadas, o educador auxilia o aluno a transpor a distância entre o que sabe e o que pode aprender, alcançando o seu desenvolvimento cognitivo e social.

Compreende-se que a interação com os outros, seja com o educador, com colegas ou com membros da comunidade, é essencial nesse processo. Ao participar de atividades colaborativas e interagir com diferentes perspectivas, o estudante amplia seus horizontes e desenvolve habilidades essenciais, como a comunicação, a cooperação e o pensamento crítico.

A visão de Vygotsky (2007) ressalta a importância de um ambiente de aprendizagem estimulante e interativo, onde o aluno é protagonista de sua própria construção de conhecimento. O educador, como mediador e facilitador, oferece suporte e orientação, criando oportunidades para que o estudante explore suas potencialidades e alcance seu verdadeiro potencial, a saber:

[...] a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar por meio da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado por meio da solução de problemas sob orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes (VYGOTSKI, 2007, p. 58).

Olga Pombo (2008), afirma que nas “práticas de importação”, que significa agregar conceitos e experiências em áreas diferentes, há uma associação de trabalhos, metodologias, linguagens que até já estão consolidadas em outras disciplinas. Assim, a autora define esse movimento como “interdisciplinaridade centrípeta” (Idem), ou seja, movimento de cooptação de significados e significantes, que agregam valor e experiências no desenvolvimento do trabalho do mediador da informação.

Nesse contexto, entende-se que a CI, em sua busca por compreender e aprimorar os processos de acesso e uso da informação, se beneficia de um diálogo interdisciplinar, incorporando conceitos e ferramentas de outras áreas do conhecimento. A mediação, nesse contexto, emerge como um campo fértil para essa troca, trazendo contribuições valiosas para a prática educativa.

O trabalho do educador como mediador em sala de aula se configura como uma complexa teia de saberes e ações. Vai além do simples domínio de conteúdos e envolve um conjunto de conhecimentos, atitudes e habilidades que permitem ao professor criar um ambiente de aprendizagem significativo e estimulante. Ferramentas pedagógicas, apoio emocional, desenvolvimento de relações interpessoais baseadas na confiança e o incentivo ao desejo por novas descobertas são elementos essenciais dessa prática.

O educador, ao assumir o status de mediador, tece uma complexa teia de saberes e ações que transcendem o simples domínio de conteúdos. Para criar um ambiente de aprendizagem verdadeiramente significativo e estimulante, o professor necessita de um conjunto de conhecimentos, atitudes e habilidades que o capacitem a guiar os alunos em suas jornadas de descoberta (Stekich *et al.*, 2023).

Os autores ainda enaltecem que o conhecimento sólido da área de atuação é fundamental, mas não é suficiente. O educador mediador precisa desenvolver empatia e escuta ativa, para compreender as necessidades e perspectivas dos alunos. A criatividade e a flexibilidade são essenciais para adaptar as estratégias pedagógicas aos diferentes estilos de aprendizagem e aos desafios do contexto educacional. A comunicação eficaz, utilizando diferentes linguagens e recursos, garante que a informação seja transmitida de forma clara e envolvente (Stekich *et al.*, 2023). Além disso, o educador mediador precisa estar atento às constantes mudanças e conjecturas socioculturais da contemporaneidade. Afinal, a educação não ocorre em um vácuo, mas sim em um contexto social dinâmico e em constante transformação. O professor precisa ser capaz de adaptar suas estratégias e abordagens pedagógicas às novas realidades e necessidades dos alunos, colaborando com uma educação inclusiva e relevante para o mundo atual.

Torna-se necessário que o educador mediador também domine um repertório diversificado de ferramentas pedagógicas, que vão desde metodologias ativas de ensino-aprendizagem até recursos tecnológicos. Para Sekwyn (2019), a escolha dessas ferramentas deve ser estratégica, considerando os objetivos de aprendizagem, as características dos alunos e o contexto específico da aula. Para o autor, além do aspecto cognitivo, o apoio emocional é decisivo para a construção de um ambiente acolhedor e seguro, onde os alunos se sintam à vontade para expressar suas dúvidas, opiniões e sentimentos (Sekwyn, 2019). A promoção de relações interpessoais saudáveis, baseadas na colaboração, no respeito e na empatia, contribui para a criação de uma comunidade de aprendizagem onde todos se sintam valorizados.

O educador mediador deve despertar a curiosidade e o interesse dos alunos pelo conhecimento, incentivando-os a buscar novas descobertas e a explorar diferentes áreas do saber. A paixão pelo conhecimento e a busca constante por aprendizado são elementos essenciais para a formação de cidadãos críticos, engajados e preparados para os desafios do mundo contemporâneo.

Por fim, o educador mediador, ao tecer essa teia multifacetada, transforma a sala de aula em um espaço de descoberta, de construção coletiva do conhecimento e de desenvolvimento integral dos alunos.

A CI, portanto, contribui para a compreensão do educador como mediador, oferecendo ferramentas e perspectivas que enriquecem a prática pedagógica e a construção de um ambiente de aprendizagem significativo e transformador.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

No que concerne aos procedimentos técnicos, foi conduzida uma pesquisa bibliográfica e uma revisão descritiva de artigos científicos e capítulos de livros. Essas fontes forneceram a base necessária para a contextualização deste trabalho. Assim, os dados utilizados nesta pesquisa foram extraídos de categorias científicas previamente abordadas por diversos autores em suas obras publicadas e devidamente registradas.

Compreende-se que “a pesquisa descritiva observa, registra, analisa e correlaciona fatos e fenômenos (variáveis) sem manipulá-los” (Bervian, 2002, p. 66). Por intermédio dessa pesquisa, pode-se ainda estudar características de um ou mais grupos, fazer comparativos, utilizar dados, identificar variáveis, estabelecer reflexões e estudos acerca da multi e da interdisciplinaridade existente em áreas diferentes, observar as contribuições possíveis e relevantes entre elas, favorecendo assim, a análise, o crescimento, desenvolvimento e aplicabilidade em seu respectivo meio de trabalho (Bortoloti, 2015).

Além disso, ressalta-se que a pesquisa de revisão bibliográfica fornece uma visão abrangente e aprofundada sobre o estado atual do conhecimento em determinado campo, permitindo a análise crítica de estudos anteriores e a identificação de lacunas que necessitam de investigação adicional.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados e discussões deste trabalho foram construídos em duas etapas de análise. Primeiramente, explorou-se os conceitos e principais abordagens mostradas na seção “Leitura, Mediação e Democratização do Conhecimento”. Identificou-se a importância da leitura como prática social, seu protagonismo na construção do conhecimento e sua relação com a democratização da informação. Em um segundo momento, investigou-se as discussões presentes na subseção “O educador como mediador: abrindo espaços para a leitura e o conhecimento no âmbito da Ciência da Informação”. Essa análise revelou

como a Ciência da Informação oferece ferramentas e perspectivas valiosas para a atuação do educador como mediador, fortalecendo a conexão entre a leitura e a construção do conhecimento no contexto educacional. Os achados de ambas as etapas se complementam, evidenciando a relevância da mediação da informação na promoção da leitura crítica e na formação de cidadãos conscientes e participativos.

A seção “Leitura, Mediação e Democratização do Conhecimento” apresenta uma série de reflexões e discussões essenciais para compreender a importância e complexidade da mediação da informação. Henriette Ferreira Gomes (2020) destaca a necessidade de ampliar as dimensões dessa mediação, considerando elementos como diálogo, estética, formação, ética e política. A autora enfatiza que uma abordagem consciente e fundamentada em teorias sociointeracionistas é fundamental para garantir uma apropriação concreta e significativa da informação pelos envolvidos.

A obra “Mediação da Informação e da Leitura”, de Sueli Bortolin e Almeida Júnior (2007), complementa essa discussão ao explorar a personificação do profissional da informação e a interação com os usuários, reconhecendo que estes também são produtores de conhecimento. Além disso, os autores ressaltam a importância de não se prender a definições herméticas nesse campo, dada a constante evolução da sociedade e das práticas informacionais.

Rasteli e Cavalcante (2014) corroboram essa visão ao tutelarem a mediação da leitura como meio de apropriação da informação, destacando a importância de uma abordagem tanto individual quanto coletiva no desenvolvimento cultural. Eles sublinham a relevância de iniciativas de incentivo à leitura e outras expressões culturais para estimular a produção artística e cultural. Os estudos das autoras Fernandes e Araújo (2023) e de Martha Nunes (2019) trazem exemplos concretos de como a mediação da informação pode ser aplicada em contextos específicos, como em bibliotecas prisionais e no trabalho dos editores de revistas científicas. Essas pesquisas atestam a importância de considerar uma variedade de interfaces e meios de comunicação para garantir uma mediação eficaz e enriquecedora.

A seção também exhibe exemplos de práticas de mediação da informação, como o projeto em uma biblioteca prisional que utiliza múltiplas formas de expressão para abordar temas relevantes para as detentas, e o estudo sobre a dimensão estética da mediação na perspectiva dos editores de revistas científicas. Esses exemplos demonstram o potencial transformador da mediação da informação, que vai além do ambiente acadêmico e alcança diferentes contextos sociais, favorecendo a inclusão, a construção do conhecimento e o desenvolvimento cultural. A análise da seção revela a importância de uma abordagem multidimensional da mediação, que considere os aspectos sociais, culturais, éticos e tecnológicos, para uma prática efetiva e significativa.

Em suma, as discussões expostas nesta seção destacam a relevância da mediação da informação para facilitar o acesso ao conhecimento de forma democrática e significativa,

ênfatizando a necessidade de uma abordagem reflexiva e adaptável às demandas e contextos específicos.

A subseção “O Educador como Mediador da Informação e do Conhecimento” analisada aprofunda a discussão sobre o encargo substancial do educador como mediador da informação e do conhecimento, especialmente no contexto da Ciência da Informação (CI). É ênfatizado que, em um mundo inundado por informações, o educador transcende a função de mero transmissor de conteúdos, tornando-se um guia que fomenta o pensamento crítico, a autonomia intelectual e o desejo por descobertas nos alunos.

Para Carol Kuhlthau (1993), a mediação da informação facilita a busca, o acesso e o uso da informação pelos usuários, tornando-se essencial no processo de aprendizagem. O educador, como um arquiteto do conhecimento, cria pontes entre os estudantes e o universo da leitura, promovendo a interação plural e o diálogo, independentemente do ambiente de ensino, seja uma sala de aula tradicional ou uma biblioteca prisional.

A Subseção ressalta a importância de ambientes de aprendizagem que estimulem o engajamento e a geração de conhecimento, onde os alunos se tornem protagonistas da sua própria construção de saber. O educador atua como um facilitador, guiando os alunos em sua jornada de aprendizagem, incentivando a reflexão, a troca de ideias e a valorização das diferentes perspectivas.

A atuação do educador como mediador não se limita ao contexto da sala de aula. Ele também desempenha uma função de interesse na formação profissionalizante, orientando atividades teóricas e práticas, acompanhando o desenvolvimento dos alunos e colaborando na elaboração de materiais didáticos. Além disso, o educador mediador contribui para o desenvolvimento das relações interpessoais, incentivando a ética profissional, a comunicação, o trabalho em equipe e outras habilidades essenciais para a vida em sociedade.

A perspectiva de Lev Vygotsky sobre a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) enriquece a compreensão do educador como mediador. O educador, ao identificar o potencial de aprendizagem do aluno, auxilia-o a transpor a distância entre o que já sabe e o que pode aprender, possibilitando o seu desenvolvimento cognitivo e social. A interação com os outros, seja com o educador, com colegas ou com membros da comunidade, é fundamental nesse processo, pois amplia os horizontes do estudante e desenvolve habilidades essenciais como a comunicação, a cooperação e o pensamento crítico.

A Subseção também destaca a importância da interdisciplinaridade na CI, incorporando conceitos e experiências de outras áreas do conhecimento para aprimorar a prática da mediação da informação. Essa abordagem contribui para a construção de um ambiente de aprendizagem mais rico e dinâmico, adaptando-se às constantes mudanças sociais e culturais do mundo contemporâneo. Em suma, a análise da seção comprova que o educador como mediador da informação e do conhecimento contribui fundamentalmente na formação de cidadãos críticos, conscientes e preparados para os desafios do século XXI.

A CI, com suas ferramentas e perspectivas, oferece um suporte imprescindível para essa prática, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa, informada e democrática.

CRUZANDO OS RESULTADOS E DISCUSSÕES: MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO E PRÁTICA EDUCATIVA

Ao cruzar os resultados e discussões das seções analisadas, emergem conexões significativas que fortalecem a compreensão da Mediação da Informação (MI) como ferramenta fundamental na prática educativa. A análise da seção “Leitura, Mediação e Democratização do Conhecimento” revela a importância de ampliar a visão sobre a MI, considerando suas múltiplas dimensões - dialógica, estética, formativa, ética e política - para uma apropriação concreta e significativa da informação pelos indivíduos. Essa perspectiva se conecta diretamente com a discussão sobre “O educador como mediador”, pois valida que o educador vai além da simples transmissão de conhecimento, envolvendo a criação de espaços de diálogo, a valorização da estética, a promoção da formação ética e cidadã, e o estímulo ao pensamento crítico.

A interação entre essas duas seções destaca a importância da leitura como prática social e sua relação com a MI. Os autores Almeida e Bortolin, por exemplo, enfatizam a necessidade de reconhecer os usuários da informação como produtores de conhecimento, o que se alinha com a visão de uma educação emancipatória proposta por Paulo Freire. Essa perspectiva transformadora da leitura se reflete na prática do educador-mediador, que incentiva os alunos a se tornarem protagonistas de sua própria construção de saber, interagindo com diferentes perspectivas e participando ativamente da produção de conhecimento.

A ênfase na interdisciplinaridade, presente em ambas as seções, fundamenta como a CI se enriquece com contribuições de outras áreas do conhecimento, como a Pedagogia, a Sociologia e a Filosofia. Essa abertura para o diálogo interdisciplinar fortalece a prática mediadora do educador, permitindo que ele utilize diferentes ferramentas e abordagens para atender às necessidades dos alunos e aos desafios do contexto social.

A seção sobre o educador como mediador também traz à tona a importância da formação docente, destacando a necessidade de o profissional se manter atualizado e desenvolver habilidades para lidar com as novas tecnologias e com as mudanças socioculturais. Essa formação deve contemplar não apenas o domínio de conteúdos específicos, mas também a compreensão das diferentes dimensões da MI e sua aplicação na prática educativa.

Ao cruzar os resultados e discussões das seções analisadas, fica evidente que a MI e a prática educativa estão intrinsecamente ligadas. O educador, como mediador da informação e do conhecimento na formação de cidadãos críticos, conscientes e capazes de

participar ativamente da sociedade. A CI, com suas ferramentas e perspectivas, oferece um suporte valioso para essa prática, contribuindo para a construção de uma educação mais significativa, inclusiva e transformadora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo explorou o conceito de Mediação da Informação (MI) no contexto da atuação docente, enfatizando o profissional da informação como mediador do conhecimento. A pesquisa bibliográfica realizada permitiu analisar as diferentes dimensões da MI e sua contribuição para a formação de cidadãos críticos e conscientes.

A figura do mediador emerge como um elo fundamental entre os espaços informacionais e as pessoas, especialmente em um mundo marcado pela competitividade e pelo excesso de informações. As novas tecnologias, apesar dos desafios que revelam, oferecem ferramentas valiosas para o trabalho do mediador, permitindo o acompanhamento de descobertas, estudos e pesquisas, além de facilitar a troca efetiva entre mediador e usuário.

É importante destacar que o usuário da informação não é mais um mero receptor passivo, mas sim um agente ativo na construção do conhecimento. Ele compartilha, ressignifica e participa de ciclos contínuos de absorção, desconstrução e reconstrução do saber. Nesse processo, a atuação do mediador, seja consciente ou inconsciente, exerce uma influência significativa.

O educador, como instrutor-mediador, auxilia não apenas o conhecimento técnico, mas também a consciência crítica acerca da empregabilidade e do contexto social. A MI, ao estimular a reflexão crítica no processo de geração de conhecimento, contribui para a construção de uma sociedade menos desigual.

Ao considerar as dimensões dialógica, estética, formativa, ética e política da informação, a MI potencializa a consciência cidadã dos estudantes-aprendizes, capacitando-os para a participação ativa na sociedade. Os autores estudados evidenciam a importância de uma abordagem holística da mediação, que vá além da simples transmissão de dados e promova a construção de conhecimento de forma crítica e significativa.

Conclui-se que a Mediação da Informação, exercida por educadores conscientes e preparados, se configura como uma poderosa ferramenta de transformação social, contribuindo para a formação de cidadãos críticos, participativos e capazes de enfrentar os desafios do mundo contemporâneo.

Pode-se reconhecer algumas limitações nesta pesquisa, ou seja, ao se concentrar em uma revisão bibliográfica, o estudo não aborda a complexidade da prática da MI em contextos específicos, como escolas, bibliotecas ou ambientes de educação não formal, mais traça um percurso metodológico mais generalista. Pesquisas futuras poderiam explorar a aplicação da MI em diferentes realidades educacionais, investigando as

estratégias utilizadas pelos educadores-mediadores, os desafios enfrentados e o impacto dessas práticas no desenvolvimento dos alunos.

Outra lacuna identificada é a necessidade de aprofundar a discussão sobre o uso das tecnologias na MI. Embora a pesquisa tenha mencionado a importância das ferramentas digitais no trabalho do mediador, seria relevante investigar mais a fundo as potencialidades e os desafios do uso da tecnologia na promoção da leitura, na construção do conhecimento e no desenvolvimento do letramento digital.

Apesar dessas limitações, a pesquisa apresenta contribuições relevantes para o campo da MI e da educação. Ao destacar o educador como mediador e as diferentes dimensões da MI, o estudo oferece subsídios para a reflexão sobre práticas pedagógicas inovadoras e para a formação de profissionais da informação mais conscientes das suas atribuições.

A pesquisa aponta para novos caminhos de investigação, que podem contribuir para o aprimoramento da MI e para a construção de uma sociedade mais justa, informada e democrática. Pesquisas futuras poderiam ser sugeridas, a saber: A aplicação da MI em diferentes contextos educacionais, considerando as especificidades de cada realidade; O uso das tecnologias na MI, investigando suas potencialidades e desafios para a aprendizagem e o letramento digital; A formação de educadores-mediadores, desenvolvendo suas habilidades e competências para atuar de forma crítica e reflexiva e, O impacto da MI no desenvolvimento de habilidades socioemocionais, como a empatia, a colaboração e a resolução de conflitos.

A MI, como campo de estudo e prática em constante evolução, demanda investigações contínuas e interdisciplinares que contribuam para a sua consolidação e para o seu potencial transformador na educação e na sociedade.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Teodor. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ALMEIDA JUNIOR, Oswaldo Francisco de. Mediação da informação: ampliando o conceito de disseminação. *In*: VALENTIM, Marta Lígia Pomim. (Org.). **Gestão da informação e do conhecimento no âmbito da Ciência da Informação**. São Paulo: Polis: Cultura Acadêmica, 2008. p. 41-54

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco. Profissional bibliotecário: um pacto com o excludente. *In*: BAPTISTA, Sofia Galvão; MUELLER, Suzana Pinheiro Machado (org.). **Profissional da informação: o espaço de trabalho**. Brasília: Thesaurus, 2004. p.70-86. (Estudos avançados em Ciência da Informação, 3).

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco; BORTOLIN, Sueli. **Mediação da informação e da leitura**. Janeiro.2007.

ALMEIDA JUNIOR, Sato. **Mediação da Informação**. São Paulo:Polis,2002. p.17

BELLUZZO, Regina Célia Baptista. **Educação de usuários de bibliotecas universitárias: da conceituação e sistematização ao estabelecimento de diretrizes**. 1989. 107f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.

BELLUZZO, Regina Célia Baptista; SANTOS, Camila Araújo dos; ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco. A Competência em Informação e sua avaliação sob a ética da informação; reflexões e aproximações teóricas. **Inf. Inf.**, Londrina, v. 19, n. 2, p. 60 - 77, maio. /ago. 2014. <http://www.uel.br/revistas/informacao/>

BORTOLOTTI, Karen Fernanda. **Metodologia da pesquisa**. Rio de Janeiro: SESES, 2015. 192 p.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

FACHIN, Juliana. Mediação da Informação na sociedade do conhecimento. Biblos: **Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, v. 27, n. 1, p. 25-41, jan./jun. 2013.

FERNANDES, Raquel Gonçalves da Silva de Araújo; ARAUJO, Germana Gonçalves de. Biblioteca e presídio: um ambiente físico de acolhimento social para as mulheres do PREFEM/SE. *In*: NUNES, Marta Santana Cabral; PAIXÃO, Pablo Boaventura Sales. **Estudos interdisciplinares em Ciência da Informação e em Gestão da Informação e do Conhecimento**. São Cristóvão: Editora UFS, 2023. E-book. p. 68–84.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 44. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

GOMES, Henriette Ferreira. Mediação da informação e suas dimensões dialógica, estética, formativa, ética e política: um fundamento da ciência da informação em favor do protagonismo social. **Inf. & Soc.: Est.**, João Pessoa, v.30, n.4, p.1-23, out./dez.2020

KUHLTHAU, Carol. **Roles of mediators in the process of information seeking. Seeking meaning**. Norwood: Ablex, 1993.

LIMA, Miriam Bastos Reis Maia; GUERREIRO, Elaine Maria Bessa Rebello. Perfil do professor mediador: proposta de identificação. **Revista Educação**, Santa Maria, v. 44, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reveducacao>. Acesso em: 06 de jul. 2023.

NASCIMENTO, Natália Marinho de; MORO-CABERO, Maria Manuela; VALENTIM, Marta Ligia Pomim. Mediação da informação em ambientes empresariais com enfoque nos fluxos de informações. *In*: ENCONTRO DE PESQUISA EM INFORMAÇÃO E MEDIAÇÃO, 2., 2015, Marília. **Anais [...]** Marília: UNESP, 2015.

NUNES, Martha. Suzana Cabral. Mediação editorial e dimensão estética em revistas científicas da ciência da informação. *In*: Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação, ENANCIB, 20, 2019. **Anais [...]**, Florianópolis: ANCIB, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/123905>. Acesso em: 26 maio. 2023.

PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artmed,2000.

POMBO, Olga. Epistemologia da interdisciplinaridade. // **Ideação - Revista do Centro de Educação e Letras**. Foz do Iguaçu. 10:1.2008. 9-40.

RASTELI, A.; CAVALCANTE, L. E. Mediação cultural e apropriação da informação em bibliotecas públicas. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 19, n. 39, p. 43-58, 2014. DOI: 10.5007/1518-2924.2014v19n39p43 Acesso em: 27 jun. 2023.

RIOS, Terezinha Azerêdo. **Compreender e ensinar**: Por uma docência de melhor qualidade. Cortez, p.86-87.2006.

SANTOS, Jussara Pereira (org.). Leitura, mediação e apropriação da informação. *In.*: **A leitura como prática pedagógica na formação do profissional da informação**. Rio de Janeiro: Fund. Biblioteca Nacional, 2007. 168p. p.33-45.

SELWYN, N. **Is technology good for education?** Polity Press, 2019.

STEKICH, Cassia Danielle Lonardoni do Nascimento *et al.* O papel do professor como mediador e facilitador no ambiente de aprendizagem. **Revista Ilustração**, Cruz Alta,RS, v. 4, n. 2, p. 109-115, maio/ago. 2023. Disponível em: <https://journal.editorailustracao.com.br/index.php/ilustracao/article/view/162/107>Acesso em: 20 abr. 2024.

VITORINO, Elizete Vieira; PIANTOLO, Daniela. Conceituando a competência em informação. *In.*: PIANTOLO, Daniela; VITORINO, Elizete Vieira. **Competência em informação**: conceito, contexto histórico e olhares para a ciência da informação. Florianópolis: Editora da UFSC, 2020. p. 57-96. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/212553> Acesso em: 06 mar. 2023.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 7. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2007. 182 p. (Psicologia e Pedagogia).

PROMOÇÃO DA SAÚDE EM MÍDIA TELEVISIVA

Data de submissão: 19/04/2024

Data de aceite: 03/06/2024

Eliane Teruel Gouveia Teixeira

Centro Universitário Adventista de São Paulo
Mestrado em Promoção da Saúde
São Paulo – SP
<http://lattes.cnpq.br/7950949759856702>

Danilo André de Souza Rosa

Centro Universitário Adventista de São Paulo
Mestrado em Promoção da Saúde
São Paulo – SP
<http://lattes.cnpq.br/2369214206541388>

Gina Andrade Abdala

Centro Universitário Adventista de São Paulo
Mestrado em Promoção da Saúde
São Paulo - SP
<http://lattes.cnpq.br/2625918532308242>

Natália Cristina de Oliveira

Centro Universitário Adventista de São Paulo
Mestrado em Promoção da Saúde
São Paulo - SP
Universidade Guarulhos
Mestrado e Doutorado em Enfermagem e Saúde
Guarulhos - SP
<http://lattes.cnpq.br/1111264593873867>

Maria Dyrce Dias Meira

Centro Universitário Adventista de São Paulo
Mestrado em Promoção da Saúde
São Paulo - SP
<http://lattes.cnpq.br/1865929445082579>

RESUMO: Introdução: ter um estilo de vida saudável está cada vez mais na pauta das pessoas que buscam maior qualidade de vida. Um importante meio de informação sobre saúde para boa parte das pessoas é a mídia televisiva. Governos, profissionais de saúde e outros especialistas se utilizam dela para transmitir mensagens à população, propondo mudanças de comportamento, destacando as causas sociais, econômicas e políticas que importam para boa saúde. **Objetivo:** analisar a percepção de telespectadores quanto à contribuição do programa de televisão Vida e Saúde para a adoção de hábitos saudáveis. **Método:** trata-se de um estudo descritivo exploratório com abordagem qualitativa. Amostra intencional, com entrevistas semiestruturadas, nas quais os participantes relataram suas percepções a respeito da influência cotidiana do programa Vida e Saúde. O

conteúdo das entrevistas foi analisado com base na técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) e teve como suporte teórico a Teoria das Representações Sociais. **Resultados:** participaram do estudo 50 telespectadores, com predomínio de mulheres, idade entre 25 e 59 anos, em sua maioria evangélicos, com ensino fundamental e médio completo. A análise do conteúdo das entrevistas permitiu a construção de sete DSC e respectivas Ideias Centrais. Sobre a influência do programa, houve uma representação preponderante quanto às dicas de estratégias para “ser mais saudável” (58%) e sobre as sugestões do que gostaria de ver no programa se destaca que a maioria dos participantes “Não tem sugestões” (46%) seguido da ideia na qual sugerem que deveria haver um “tempo maior para a programação e inclusão de mais temas” (40%). **Considerações Finais:** no geral, os telespectadores do Vida e Saúde percebem que há uma contribuição efetiva em sua proposta de promover saúde por meio da teledifusão. Em suas representações, eles reconhecem que há um compromisso social implícito da emissora em utilizar estratégias diversificadas de maneira didática e atraente. **PALAVRAS-CHAVE:** Estilo de Vida Saudável; Promoção da Saúde; Mídia de Teledifusão.

HEALTH PROMOTION IN TELEVISION MEDIA

ABSTRACT: Introduction: Having a healthy lifestyle is increasingly on the agenda of people looking for a better quality of life. An important means of health information for most people is television media. Governments, health professionals and other experts use it to transmit messages to the population, proposing changes in behavior, highlighting the social, economic and political causes that matter for good health. **Objective:** To analyze the perception of viewers regarding the contribution of the television program *Vida e Saúde* to the adoption of healthy habits and the promotion of well-being. **Method:** This is an exploratory descriptive study with a qualitative approach and non-probabilistic sampling with semi-structured interviews, in which participants reported their perceptions regarding the daily influence of the *Vida e Saúde* program. The content of the interviews was analyzed based on the technique of the Collective Subject Discourse (DSC) and had the Theory of Social Representations as theoretical support. **Results:** 50 viewers participated in the study, predominantly women, aged between 25 and 59 years old, mostly evangelicals, with complete primary and secondary education. They reported regular physical health (46%), and good mental health and quality of life (40% and 44% of participants, respectively). Analysis of the content of the interviews revealed that, among the Central Ideas, the following stood out with greater representation: the motivation to seek more knowledge about health was “to have a better quality of life” (48%); regarding the influence of the program, there was a preponderant representation regarding strategy tips for “being healthier” (58%); Among the most difficult healthy habits to adhere to was “practicing physical activity” (34%). **Conclusions:** Viewers were familiar with health concepts and, for the most part, felt motivated to practice healthy habits because they perceived better health conditions, well-being and quality of life. **KEYWORDS:** Healthy Lifestyle; Health Promotion; Broadcast Media.

INTRODUÇÃO

Viver bem tendo boa saúde é o sonho de muitas pessoas atualmente - não só aquela vida sem doenças, mas uma vida próspera sem as misérias da pobreza; fruto de um trabalho digno que vá além de fonte de renda, uma atividade que traga realização e alegria, encontrando no aprendizado e na educação significados para a vida. Tudo isso vivido sem discriminação, com justiça e segurança (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2017).

Uma importante fonte de informação sobre saúde para boa parte das pessoas é a mídia televisiva. Governos, profissionais da saúde e especialistas se utilizam dela para transmitir mensagens à população, propondo mudanças de comportamento, destacando as causas sociais, econômicas e políticas que importam para boa saúde (SCHIAVO, 2007; CORTES *et al.*, 2018).

Em 2020, segundo dados divulgados pelo Instituto de Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população brasileira era de aproximadamente 211.755.692 milhões de pessoas (BRASIL, 2020) e existia ao menos um aparelho de TV para 70.159.000 domicílios, conforme apontamentos do “Mídia Dados Brasil” (GRUPO DE MÍDIA SÃO PAULO, 2020). Mesmo com a internet, no Brasil, a TV ainda seguia sendo o maior veículo de comunicação em massa, ainda que este cenário tenha passado por transformações com o advento das mídias digitais. Estudo realizado pela “Mídia Dados Brasil” em 2020, apontou que 88% da população brasileira assistia TV aberta mensalmente, contra 87% de acesso à mídia digital e 39% à TV por assinatura (GRUPO DE MÍDIA SÃO PAULO, 2020).

A Organização Mundial da Saúde (OMS) traz uma definição de Estilo de Vida, como sendo um “conjunto de hábitos e costumes que são influenciados, encorajados ou inibidos pelo processo de socialização. Esses hábitos e costumes incluem o uso de substâncias tais como o álcool, fumo, chá ou café, hábitos alimentares e de exercício” (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2004, p. 37 - tradução livre). De forma resumida, a Biblioteca Virtual da Saúde apresenta o EV como “modo típico de viver que caracteriza um indivíduo ou grupo”. O EV saudável, por sua vez definido como um “padrão de comportamento que envolve escolhas de estilo de vida que garantem uma saúde ideal”. A plataforma cita como exemplos: “comer bem, manter o bem-estar físico, emocional e espiritual e tomar medidas preventivas contra doenças transmissíveis” (DESCRITORES EM CIÊNCIAS DA SAÚDE, 2023).

A promoção da saúde é uma responsabilidade que não pode ser atribuída somente ao setor de saúde ou à gestão pública. A imprensa, a mídia, a comunidade científica e outras entidades coletivas e particulares podem contribuir para que o acesso às informações de saúde avance. Esse aspecto é fundamental para que as pessoas possam ser estimuladas a tomar decisões que possam contribuir para mudar seus hábitos e ter uma saúde melhor (BRASIL, 2002).

Nesse contexto, destaca-se o Programa Vida e Saúde (PVS), exibido diariamente, desde 2010, no canal de televisão Novo Tempo que tem como objetivo divulgar informações sobre saúde integral, focando no bem-estar físico, mental e social, a fim de estimular o desenvolvimento de habilidades e atitudes pessoais favoráveis à saúde em todas as etapas da vida.

Visando o aprimoramento e maior efetividade da programação apresentada na TV Novo Tempo, esta pesquisa teve o objetivo de analisar a percepção de telespectadores quanto à contribuição do Programa Vida e Saúde para a adoção de hábitos saudáveis.

METODOLOGIA

Trata-se de um recorte de uma pesquisa maior desenvolvida em duas etapas sendo uma quantitativa e outra qualitativa. Em seu escopo geral, ela buscou avaliar a influência do PVS, veiculado pela TV Novo Tempo.

Esta pesquisa foi autorizada pelo Comitê de Ética em Pesquisas do Centro Universitário Adventista de São Paulo (CEP/UNASP) sob parecer número: 5.054.460 de 22/10/2021. A população da pesquisa foi constituída por telespectadores do PVS que participaram da primeira etapa da pesquisa em uma amostra intencional (GIL, 2019), envolvendo aqueles que voluntariamente acessaram o link disponibilizado durante o programa e que, devido à sua familiaridade, podiam opinar com maior propriedade quanto ao potencial do conteúdo apresentado e sobre as estratégias utilizadas. A amostra constituiu de 50 pessoas que aceitaram o convite para a entrevista.

Como critério de inclusão, foi levado em conta: telespectadores de ambos os sexos, maiores de 18 anos, que assistiam o PVS com frequência mínima de três vezes por semana; que sabiam ler e escrever, com domínio no uso de tecnologias para acessarem e responderem as questões propostas na pesquisa. Não foram incluídos os participantes que não responderam a totalidade das questões apresentadas na primeira etapa da pesquisa.

Neste recorte, a pesquisa foi desenvolvida em abordagem qualitativa (GIL, 2019; MINAYO, 2015; 2017; MINAYO; COSTA, 2019), com base na técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) (LEFÈVRE e LEFÈVRE, 2014) e fundamentada na Teoria da Representação Social (TRS) (MOSCOVICI, 2012).

O Programa Vida e Saúde da TV Novo Tempo

O público do PVS é composto por 85,8% de mulheres e 14,2% de homens, com idade média que varia entre 35 e 60 anos, das classes sociais A/B (26,42%), C1 (5,78%), C2 (36,7%) e D/E (31,1%) (IBOPE/NT¹, 2020). Cada episódio do PVS tem duração média de 51 minutos e aborda, de maneira didática, a importância do EVS como fator determinante para promoção da saúde. Dedicar atenção também para diagnóstico precoce e a necessidade de acompanhamento médico ou da intervenção de um profissional de saúde.

¹ Dados oficiais da TV Novo Tempo, coletados *in loco*.

O formato do programa pode variar, mas em geral, começa com uma entrevista com um especialista de saúde convidado. Os convidados, que em geral dominam o assunto de saúde do dia, são orientados a não utilizarem termos técnicos ou rebuscados demais em suas orientações. Eles são incentivados a apresentar seus pontos de vista de maneira democrática, para que o público tido como “leigo” (neste caso, os que não possuem nenhum tipo de formação em saúde), entenda o assunto.

As temáticas incluem um amplo catálogo de assuntos que abrangem desde anormalidades e disfunções dos órgãos e sistemas do corpo (doenças de pele, menopausa, câncer, obesidade, problemas oculares, técnicas invasivas como redução de estômago, lesões na boca...) como mudança de comportamento e tratamento (alcoolismo, sedentarismo, tabagismo, automedicação, dicas alimentares para emagrecer, ansiedade e depressão...). O audiovisual reforça aspectos da prevenção, sintomas, diagnósticos, tratamentos e convivência e / ou cura da doença e condições de saúde que seja o tema em questão.

Tamanha variedade de assuntos mostra que o PVS adota o conceito positivo de saúde, instituído a partir da 8ª Conferência Nacional de Saúde ao lançar os fundamentos ideológicos do Sistema Único de Saúde (SUS) (BRASIL, 1986). As orientações sobre saúde integral veiculadas no PVS contribuem não só para a longevidade, mas também para a percepção e compreensão das doenças, reconhecimento dos riscos envolvidos, promovendo prevenção e, conseqüentemente, menor incidência delas e motivação para as mudanças de hábitos (GOMES, 2018; SILVA *et al.*, 2021; BUETTNER, 2009).

Coleta de dados

Foi utilizado um formulário contendo dados sociodemográficos e um roteiro semiestruturado, com questões orientadoras para a condução da entrevista.

Mediante e-mails disponibilizados na primeira etapa e após contato prévio, alguns participantes foram convidados a colaborar na entrevista qualitativa por meio de dispositivo eletrônico. Como a amostragem nesta fase é reduzida, a escolha dos participantes foi feita aleatoriamente.

A entrevista aconteceu mediante aplicação de roteiro semiestruturado entre 13 de novembro e 08 de dezembro de 2022. As respostas foram gravadas em aparelho de áudio digital e posteriormente transcritas na íntegra para possibilitar o processamento e análise dos dados.

Análise dos dados

A análise do conteúdo discursivo seguiu as orientações da técnica do DSC (LEFÈVRE e LEFÈVRE, 2014), que por sua vez tem como suporte teórico a Teoria das Representações Sociais (TRS), na sua vertente psicológica (MOSCOVICI, 2012). As entrevistas foram transcritas de forma literal e em seguida as respostas de todos os sujeitos foram agrupadas por questões. Os dados foram transportados para o Software DSCsoft 2.0, que auxilia no reagrupamento das expressões chaves para a construção dos DSC (LEFÈVRE e LEFÈVRE, 2019).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram do presente estudo 50 telespectadores, com predomínio do sexo feminino (94%), idade entre 25 e 59 anos (70%), evangélicos (60%), casados (48%) com ensino médio (42%) e renda familiar predominante em até R\$ 2.862,00, juntando-se a primeira e segunda classificação (60%) (TABELA 1).

VARIÁVEL	n	%
Gênero (n 50)		
Masculino	3	6
Feminino	47	94
Idade (n 50)		
25 a 59	35	70
60 a 79	15	30
Religião (n 50)		
Evangélica	30	60
Católica	8	16
Espírita	1	2
Nenhuma	4	8
Outra	7	14
Estado civil (n 50)		
Casados	24	48
Solteiros	17	34
Viúvos	4	8
Separados	5	10
Escolaridade (n 50)		
Fundamental	4	8
Ensino médio	21	42
Graduação	18	36
Pós-Graduação	6	12
Mestrado	1	2
Renda familiar mensal (n 50)		
Entre R\$ 0 e R\$ 1.908,00	15	30
Entre R\$ 1.909,00 e R\$ 2.862,00	15	30
Entre R\$ 2.863,00 e R\$ 5.724,00	12	24
Entre R\$ 5.725,00 e R\$ 9.540,00	5	10
Entre R\$ 9.541,00 e R\$ 14.310,00	3	6

Tabela 1 - Caracterização sociodemográfica da população participante.

Fonte: dados da pesquisa, São Paulo, 2023.

Entre os telespectadores que participaram da pesquisa, a maioria conheceu o programa pela TV (78%), assistia o programa há mais de um ano (34%) e assistia pela TV (62%). Para eles, a seção menos atraente é a que orienta sobre atividade física (44%), enquanto as que mais atraem são: entrevista com o especialista, receita saudável e saúde mental com o psiquiatra (32% cada), como apresentado na Tabela 2.

VARIÁVEL	n	%
Como Conheceu (n 50)		
TV	39	78
Internet	6	12
Indicação	4	8
Igreja	1	2
Frequência (n 50)		
1 ou 2 vezes na semana	1	2
3 ou 4 vezes na semana	35	70
5 vezes ou mais	14	28
Há quanto tempo assiste (n 50)		
0 a 6 meses	10	20
7 a 11 meses	9	18
12 a 24 meses	17	34
25 meses ou mais	14	28
Por onde assiste (n 50)		
TV	31	62
Internet	9	18
TV e Internet	10	20
Seção que menos atrai (n 50)		
Atividade física	22	44
Entrevista com o especialista	9	18
Receita saudável	11	22
Saúde mental com psiquiatra	8	16
Seção que mais atrai (n 50)		
Atividade física	2	4
Entrevista com o especialista	16	32
Receita saudável	16	32
Saúde mental com psiquiatra	16	32

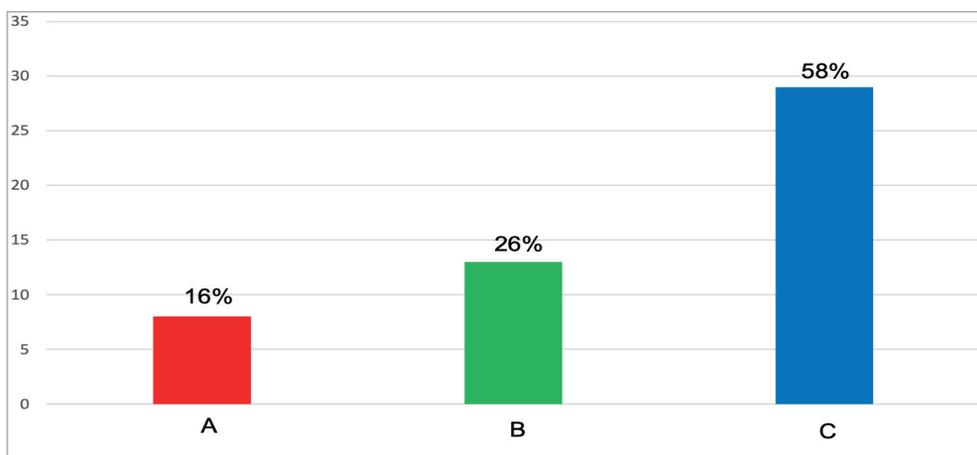
Tabela 2 - Caracterização do vínculo de audiência ao programa Vida e Saúde.

Fonte: dados da pesquisa, São Paulo, 2023.

A análise dos depoimentos possibilitou a construção de sete DSC que são apresentados a seguir com as representações das respectivas Ideias Centrais (IC) e Expressões-Chave (EC) abstraídas do conteúdo discursivo de cada participante em resposta às perguntas que nortearam a entrevista nesse recorte.

Pergunta 1 - Como o Vida e Saúde influencia você a ser mais saudável?

A análise das respostas apresentadas para a questão dois identificou três IC, com destaque para a IC C, na qual os telespectadores ressaltam a importância das dicas de saúde oferecidas durante o programa. A seguir tem-se a representação numérica das IC (Gráfico 1) e respectivos DSC, produzidos a partir das EC extraídas do conteúdo das entrevistas.



IC A - Sim, influenciou por meio das receitas de culinária saudável (9 EC)

IC B - Influenciou em todos os sentidos (13 EC)

IC C - Sim. Influenciou por meio das dicas de saúde em geral (29 EC)

Gráfico 1 - Representação das Ideias Centrais (IC) da primeira pergunta (n=50)

Fonte: dados da pesquisa, São Paulo, 2023.

IC A - Sim, influenciou por meio das receitas de culinária saudável (16%)

DSC - Sim, me lembro. Ah, eu gosto bastante da parte de alimentação, me ajuda bastante. Eu gosto muito da parte de receitas das comidinhas da apresentadora, acho muito interessante também aquela primeira parte de explicações. A própria apresentadora mesmo me dá ânimo. Eu gosto muito do programa dela. Gosto de cozinhar. Estou fazendo alguns pratos veganos, diminuindo a quantidade de consumo de carne em casa também. E eu gosto de acompanhar pelo Instagram também.

É praticamente impossível pensar em saúde integral sem avaliar a questão alimentar. Neste DSC a máxima consagrada no senso comum “você é aquilo que come” aparece discretamente, mas aparece! A busca pela mudança de hábito alimentar fica explícita nesse DSC quando o sujeito declara: “Gosto de cozinhar. Estou fazendo alguns pratos veganos, diminuindo a quantidade de consumo de carne em casa também”. Os conhecidos efeitos positivos da dieta vegetariana sobre o melhor controle do diabetes, colesterol, diminuindo riscos cardiovasculares, hipertensão e obesidade, entre outros estão a motivar intenção dietética neste DSC (MATSUMOTO, 2019; ALRABADI, 2012, MERRILL; ALDANA, 2008).

IC B - Influenciou em todos os sentidos (26%)

DSC - Nossa, oh meu Deus, ajuda muito! Eu amo o programa. Ele influencia em todos os sentidos: espiritual, emocional e físico. Abrange tudo aquilo que o ser humano precisa. Ele ajuda a gente a continuar praticando aquilo que está certo, mudar hábitos que estão errados por hábitos melhores. Eu estou sempre na TV Novo Tempo! Todos os dias, todas as manhãs. O programa traz uma receita e eu já vou para cozinha e já quero fazer tudo.

O programa como um todo contribui bastante para que a gente procure estar o mais saudável possível. Tem entrevistas com profissionais, ensina comida mais saudável, tem o psiquiatra que eu gosto bastante. Às vezes você tá triste e até uma frase falada (o pensamento do dia) no começo do programa ajuda muito!

Antes eu achava que comia saudável, mas não estava comendo. Então, hoje eu ainda não sou 100%, mas estou no caminho. Olha, não tem nem o que não ajuda, até o cenário é muito bonito. Do começo ao fim só vou ter elogios, gosto de tudo nesse programa. Para mim ele é muito inspirador.

Nesse DSC, percebe-se que o sujeito coletivo não sente necessidade de se apegar a apenas um ou dois pontos a fim de operar mudanças em áreas específicas. Ao observar falas como: “o programa como um todo contribui” e “gosto de tudo nesse programa”. A primeira parece se tratar de um telespectador pouco crítico do PVS. Porém, ao pontuar que o programa faz os telespectadores se sintam motivados “continuar praticando aquilo que está certo” e a “mudar hábitos que estão errados por outros melhores”. Nesse sentido, ressalta-se que os temas variados, apresentados no programa por meio estratégias diversificadas e atraentes, gera conscientização e motivação para melhorar as escolhas quanto à adoção de hábitos saudáveis que podem promover uma melhor qualidade de vida.

Emboava e Rocha (2017) enfatiza que a televisão (TV), como tecnologia cultural, dispõe de métodos que ensinam habilidades com facilidade aos seus telespectadores, por figurar na intimidade do lar. Por meio de seus programas de saúde, a TV produz um discurso instituído do risco à saúde como um recurso para adquirir e coordenar técnicas que podem gerir vários aspectos da vida do telespectador. O indivíduo, impressionado pelo que vê a cada dia nas telas, acaba moderando-se a si mesmo em busca da qualidade de vida; estimulado pelo discurso dos especialistas e por meio da adoção de hábitos saudáveis, ele passa a desejar o autocuidado.

Destaca-se que, mesmo detalhes como “o cenário”, considerado agradável ao telespectador, e a frase motivacional apresentada nos primeiros minutos de cada programa, despertam a disposição do sujeito coletivo que declara: “para mim ele é muito inspirador”.

IC C - Sim. Influenciou por meio das dicas de saúde em geral (58%)

DSC - Ah, influencia muito! Tem dicas de receitas, o exercício físico que pode ser feito em casa, na sala, na cozinha, na cadeira. E pra quem está acima do peso, ela (a profissional) dá opções. Tem a substituição dos alimentos, para fazer as trocas por outros mais saudáveis. Mostra como diminuir o consumo de carne, ter uma alimentação mais saudável e esse tipo de coisa. Sempre tem novidades, médicos e dicas muito importantes pra gente. Todos os dias eu assisto. É como se fosse um despertador pra fazer você pensar bem como você está comendo, o que você está comendo, como você está gastando com o seu tempo. É um lembrete pra você ver o que está fazendo de errado e pensar o que vai mudar. Na questão da alimentação por exemplo, foi ali que eu descobri a questão da lactose e o que ela causa na gente.

Às vezes eu faço as receitas, ontem mesmo eu assisti o programa e foi muito bom, eu gostei bastante do assunto. Gosto da parte de orientação do início, do psiquiatra, ele é ótimo. Ele não é 10, ele é 1000! Eu aprendi a me alimentar com o Vida e Saúde. Aprendi a fazer bastante coisa, a comer bem, fazer exercício, dormir bem. As pautas do programa são interessantíssimas, muito válidas! Os profissionais que vão ali, os médicos, nutricionistas... mostram que aquilo que é apresentado ali é verídico. Tinha coisa que eu achava que era certo e não era. Depois que eu descobri o programa, minha alimentação mudou bastante. E eu tenho feito mais exercícios também, então, o programa é sensacional.

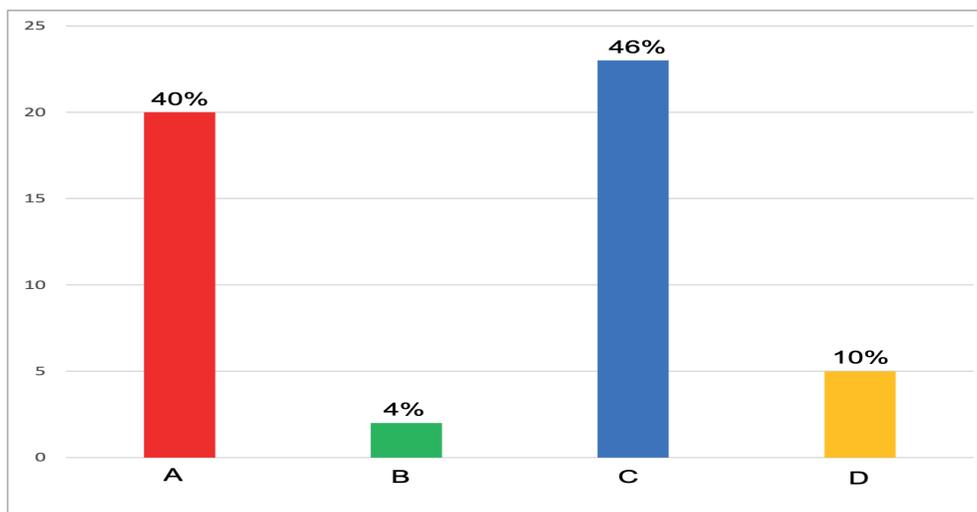
Observa-se que uma parcela importante dos entrevistados representa a IC descrita nesse DSC. Repetidas vezes é mencionada a importância do trabalho multidisciplinar oferecido aos telespectadores do PVS por meio das “pautas... que são interessantíssimas, muito válidas”, das “novidades, médicos e dicas”, das “receitas e o exercício físico que pode ser feito em casa, na sala, na cozinha, na cadeira”. O conjunto de hábitos que proporcionam melhorias na saúde são bem conhecidos entre pesquisadores (MORTON *et al.*, 2014; BUETTNER, 2009), e esse DSC revela o quanto o programa VS proporciona oportunidades de transformação ao telespectador. Quando esse o sujeito coletivo diz: “Aprendi a fazer bastante coisa, a comer bem, fazer exercício, dormir bem” e julga que “os profissionais que

vão ali, os médicos, nutricionistas... mostram que aquilo que é apresentado ali é verídico” atestam que é seguro e vale a pena agir segundo o que acompanham no programa.

Um outro destaque desse DSC é o “lembrete” que o PVS traz ao telespectador, funcionando mesmo como um “despertador” “para fazer pensar em como e o que se come, como se está gastando o tempo... e ver o que está fazendo de errado e pensar o que vai mudar”. De acordo com Pavão; Werneck e Campos (2013, p. 732), a autopercepção em saúde tem uma função muito valiosa para o indivíduo, pois pode ajudá-lo na identificação precoce de problemas de saúde que só seriam percebidos tardiamente. Isso torna a utilização de serviços de saúde de forma oportuna. Por outro lado, “a percepção negativa do estado de saúde exerce uma influência na decisão do indivíduo de procurar um médico ou um serviço de saúde”, acarretando um aumento na demanda pelos serviços de saúde.

Pergunta 2 - Você tem sugestões ou ideias do que gostaria de ver no programa?

A representação dos Telespectadores do PVS, referente a essa questão versou sobre as ações que, segundo a opinião dos participantes, poderiam ser implementadas no âmbito da programação rotineira. Destaca-se nas IC que a maioria dos entrevistados não conseguia ver como poderiam ser aplicadas melhorias para tornar a programação mais atraente, dando a entender que o PVS atende as suas expectativas (Gráfico 2).



IC A - Tempo maior e inclusão de mais temas na programação

IC B - Mais Exercício físico

IC C - Não tem sugestões

IC D - Receitas mais simples

Gráfico 2 - Representação das Ideias Centrais (IC) da segunda pergunta (n=50)

Fonte: dados da pesquisa, São Paulo, 2023.

IC A - Tempo maior e inclusão de mais temas na programação (40%)

DSC - Eu queria que o programa fosse mais comprido. Uma hora passa muito rapidinho. Se possível, poderia aumentar meia hora de programa. Vejo que às vezes o tempo tá corrido e não dá pra terminar direito o tema. Daí tem várias sugestões:

- Colocar mais entrevistas e mais receita.
- Ter um dia da semana para reproduzir o programa à noite.
- Acho que poderia falar para as mulheres que estão na menopausa, pra gente perder peso é complicado. Receitas mais pra essa faixa de idade.
- Poderia ter no programa alguma orientação que falasse sobre educação dos filhos - que abordasse comportamental, emocional, a educação, abrangendo toda a família, eu acho que poderia ajudar muita mãe, pai e edificaria muito pra gente... uma parte do psicólogo ou terapeuta. Acho que ganharia mais peso ainda.
- Poderia ter um lado específico na área da beleza, algo voltado para mulher, autocuidado. as mulheres se sentem muito bem quando cortam o cabelo, fazem uma coloração e se cuidam. Elas ficam muito felizes com o resultado.
- Acho que deveria ter mais interação, ideias, alguma coisa envolvendo as crianças, a família toda para fazer. Eu sei que sempre tem uma reflexão, mas eu acho que deveria trazer mais a palavra do senhor também.
- Olha, incluir notícias gospel, sinceramente eu não sei como falar. Mas esses dias eu estava assistindo a (nome da apresentadora) e pensei: Meu Deus do céu, a (nome da apresentadora) fala de forma tão profissional, ela passa tanta positividade, tem uma postura, talento mesmo! Ela poderia falar um pouco dela, trazer testemunhos, trazer um pensamento.
- A parte da receita é muito rápida. A gente acaba nem vendo ela comer direito... eu gosto de ver cortando e mostrando.
- Falar sobre HIPERTIREOIDISMO. Eu vejo muito falando sobre o HIPO. Eu queria saber mais sobre isso.
- Seria interessante ter mais interação com as pessoas na rua, o dia a dia, a rotina das pessoas. Essa questão de acompanhar como aplicar os 8 remédios, uma casa mostrando como é a alimentação, o exercício...
- Explicar por que não se deve comer muita carne? É uma dificuldade pra substituir por raízes, plantas. Mostrar os motivos pra não comer certas coisas,
- Trazer mais receitas com cascas, com talos dos alimentos que a gente jogaria fora, mas que dá pra gente utilizar.

Destaca-se que houve uma representatividade abrangente nesta IC, pois apresenta várias possibilidades de inclusão e abordagem de temas com ideias interessantes, segundo os variados interesses apresentados na construção desse DSC. Observa-se aqui mais um DSC que indica o anseio por saúde de maneira integral, conforme a aponta a OMS (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2020; 2022a,b). Essa integralidade, na perspectiva

do Sujeito coletivo deveria ser trabalhado em um programa um pouco mais longo, que pudesse explorar um pouco mais os assuntos apresentados de maneira a demonstrar mais enfaticamente o que se propõe, bem como o que motiva em cada programa.

Destaca-se também, nesse discurso, a curiosidade de ver a aplicação das recomendações do PVS na vida das pessoas corriqueiramente em seu cotidiano (talvez na modalidade de reality show), insinuando o desejo de averiguar quanto do que se recomenda, durante as programações, é possível de ser praticado.

Outra importante sugestão, que pode ser observada nesta IC, é quanto a necessidade de trazer mais da realidade do povo, das regionalidades e das ruas para o contexto do PVS. O sujeito coletivo sente necessidade de identificação e isto precisa ser levado em conta.

IC B - Mais Exercício físico (4%)

DSC - No meu ponto de vista, se tivesse os exercícios mais vezes na semana, se tivesse durante a semana toda seria muito bom. Outras amigas comentaram que gostam de fazer ali junto com a (nome da educadora física) e com a (nome da apresentadora) também. E daí, o horário do exercício eu acho que de manhã seria melhor.

A companhia de um profissional de educação física, com instruções cuidadosas e de maneira gratuita, parece indicar a motivação que faltava para a prática regular de atividade física expressa nesse DSC. Krug; Lopes e Mazo (2015) destacam que alguns dos principais facilitadores da prática de atividade física regular são: socialização, exercícios adequados, sentir os benefícios da atividade física e ter orientação e acompanhamento de um profissional capacitado.

IC C - Não tem sugestões (46%)

DSC - Pra mim tá tudo certo, eu acho que o programa já é completo, tem bastante variedades, aborda assuntos diferentes, pra mim tá ótimo! Eu acho que nem tem como melhorar mais, eu gosto muito! É uma programação muito bem planejada, cada dia tem um tema novo. As explicações são ótimas, "muito didáticas". O programa sempre me surpreende porque ele sempre vem com um assunto que eu nem imaginava que vocês fossem colocar em pauta. Só elogios! Acho tudo muito interessante, inclusive a postura da (nome da apresentadora), como profissional e como ser humano.

Esse DSC revela contentamento com a variedade, a programação, os convidados, as explicações fornecidas pelos convidados e a maneira como são transmitidas ("muito didáticas"), tudo colaborando para o aproveitamento do PVS. Emboava e Rocha (2017) descreve como programas de saúde pela TV têm o objetivo de ensinar de maneira descontraída, utilizando imagens e recursos didáticos para ilustrar processos que nem sempre são visíveis. E isso se dá pela utilização de exemplos do cotidiano para ajudar o telespectador a gerenciar sua própria vida e a de sua família. Todas essas estratégias visam capacitar os indivíduos a desempenhar um papel ativo na criação de um futuro melhor, como imaginado. Desta maneira, os telespectadores acabam gerenciando a si mesmos em nome da melhora na qualidade de vida.

IC D - Receitas mais simples (10%)

DSC - Eu gosto da ideia de substituição dos alimentos práticos do dia a dia. Comida de verdade para todo mundo, porque assim você alcança um público com menos poder aquisitivo, enfim... Comida mais prática, mais rápida, porque às vezes, tem coisa muito elaborada. Olha, eu penso assim: A realidade do Brasil é muito diferente. Eu vejo que o programa Vida e Saúde está para uma classe mais alta social. Vamos falar da realidade: nem todo mundo pode ter uma cozinha como a deles. Me sinto um pouco agredida porque a classe pobre aqui do Brasil é muito, muito, muito, muito pobre. Então, para atingir todas as classes, eu penso que tem receita muito cara, que as pessoas não têm como comprar, coisas veganas, leite vegano. Me desculpa, eu não tenho a intenção de ofender, eu estou apenas dizendo como vejo pelos meus olhos. Precisa ter comida simples. Castanhas são caríssimas. Tem que descer um pouco o padrão, que seja mais acessível para todo mundo. Eu acho é que as receitas levam muitas coisas. Tinha que ser mais simples, levar menos coisas. Não é nem dificuldade de encontrar, é que custa caro. Deveria ter também mais receita sem a adição de glúten, sem lactose para as pessoas que tem intolerância.

A IC apresentada nesse DSC expõe uma crítica sobre a ideia de que comer saudável é para classes mais instruídas e com maior poder aquisitivo, sendo impraticável ao cidadão mais simples. Verly Junior; Oliveira e Sichieri (2021, p. 2) observam que ao contrário de outros países, no Brasil os alimentos *in natura* são, em média, mais baratos que os processados. No entanto, a maior inclusão de frutas e hortaliças na alimentação acaba levando a um provável aumento no custo total da dieta, o que pode ser combatido se as frutas e hortaliças substituírem alimentos de baixo valor nutricional e maior preço. Mas, tudo isso depende da cultura local e, mais precisamente, da capacidade das pessoas em tolerar mudanças em seus hábitos alimentares usuais. Existe relação entre a tolerância às mudanças alimentares e o custo de uma dieta saudável. Os autores reforçam que: “quanto mais mudanças na alimentação forem toleradas, mais barata se torna a alimentação”

Nesse DSC a diversidade brasileira é reconhecida (VERLY JUNIOR; OLIVEIRA E SICHIERI, 2021), mas o sujeito não a aceita como justificativa para as receitas elaboradas (talvez com muitas etapas) e que faz uso de “muitos ingredientes [...]”, talvez tendo que “levar menos coisas!” para se adequar à realidade. O sujeito coletivo aqui também, se declara “agredido” e talvez de certa forma diminuído, pelo cenário do PVS que apresenta um espaço físico da cozinha diferenciado, com muitos recursos, que acabam por não ser representativo da realidade de muitos deles.

Essas questões são verdadeiros ruídos na comunicação desta importante dimensão para o PVS, pois o afastam até mesmo do imaginário do sujeito coletivo a possibilidade de preparar refeições mais saudáveis e práticas que sejam compatíveis com o seu poder aquisitivo. E pior ainda, podem gerar aversão, ranço ou completa rejeição à culinária saudável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com a narrativa dos telespectadores, participantes desta pesquisa, o programa Vida e Saúde se apresenta como uma excelente oportunidade de promoção da saúde para a população. Por sua frequência diária e longevidade, o programa tem a possibilidade de abordar diversos temas de saúde que abrangem as mais variadas esferas da vivência humana.

Observou-se nos discursos produzidos que o PVS influencia esses telespectadores, que relatam estar atentos ao conteúdo veiculado e perceptivos aos benefícios da adoção dos hábitos saudáveis em seu estilo de vida. Eles desejam evitar e combater doenças e se preocupam com a qualidade de vida, expressando o desejo de ter um envelhecimento saudável e mais autônomo. O PVS se mostra relevante ao contribuir para a adoção de hábitos saudáveis quando o telespectador absorve uma explicação do especialista de saúde, ou acompanha o preparo de uma receita saudável, ou talvez reflita sobre os vários aspectos psicológicos que impactam sobre sua vida, ou ainda experimenta levantar-se do sofá e fazer exercício físico junto com o profissional da TV. Esse telespectador tem a oportunidade de vivenciar, ou pelo menos vislumbrar, sua vida mais saudável de onde estiver, com aquilo de que dispõe.

Com base nos discursos, sugere-se que o PVS realize algumas adequações para atender as expectativas da população mais frequente do programa (mulheres 60+). As pautas de exercícios físicos precisam encontrar maneiras de cair no gosto do povo, e devem ser trabalhadas de forma que venham a se encaixar na rotina das pessoas de forma sistemática. Vale a pena dedicar mais empenho também em pautas como menopausa, alimentação adequada e relação custo-benefício da alimentação saudável para a família, por exemplo.

REFERÊNCIAS

ALRABADI, N. I. The effect of lifestyle food on chronic diseases: a comparison between vegetarians and non-vegetarians in Jordan. **Global journal of health science**, v. 5, p. 65–69, 2012. <https://doi.org/10.5539/gjhs.v5n1p65>

BALBINOTTI, M. A. A.; BARBOSA, M. L. L.; BALBINOTTI, C. A. A.; SALDANHA, R. P. Motivação à prática regular de atividade física: um estudo exploratório. **Estudos de Psicologia** v. 16 p. 99-106. Natal, 2011. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2011000100013>

BRASIL. Ministério da Saúde. Ministério da Previdência Social. **8ª Conferência Nacional de Saúde: relatório final** [Internet]. Brasília, DF, 1986. 21 p. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/8_conferencia_nacional_saude_relatorio_final.pdf. Acesso em: 19 abr. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Projeto Promoção da Saúde. **As Cartas da Promoção da Saúde**. Ministério da Saúde, Secretaria de Políticas de Saúde, Projeto Promoção da Saúde. Brasília, DF, 2002, 56 p. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cartas_promocao.pdf. Acesso em: 19 abr. 2024.

BRASIL. Ministério da Economia. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Portaria nº PR-254, de 25 de agosto de 2020. Divulga as estimativas da População para Estados e Municípios com data de referência em 1º de julho de 2020. **Diário Oficial da União**, Brasília, 2020, n.165, Seção 1, p. 71.

BUETTNER, D. **The Blue Zones: Lessons for Living Longer from the People Who've Lived the Longest**, 2. ed. Washington, DC. National Geographic Society, 2009.

CORTES, T. P. B. B.; NUNES, M. F. H.; ERNESTO, T. S.; MARTINS, A. O.; SOUZA, C. H. M. A importância da comunicação para a Promoção da Saúde na sociedade do conhecimento. **Temas em Saúde**, v. 18, n. 4, p. 122-142, 2018.

DESCRITORES EM CIÊNCIAS DA SAÚDE: DeCS. ed. rev. e ampl. São Paulo: BIREME / OPAS / OMS, 2023. Disponível em: <http://decs.bvsa.lud.org>. Acesso em: 19 abr. 2024.

DROZEK, D.; DEFABIO, A.; AMSTADT, R.; DOGBEY, G. Y. Body Mass Index Change as a Predictor of Biometric Changes following an Intensive Lifestyle Modification Program. **Advances in preventive medicine**, 8580632, 2019.

EMBOAVA, M. N.; ROCHA, S. M. Saúde na televisão e a modernização do poder pastoral. **RECIIS - Rev Eletron Comun Inf Inov Saúde**. v. 11, n. 4, 2017.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

GOMES, E. P. **Análise da Associação entre Vegetarianismo e aterosclerose subclínica em população adulta no Estado de São Paulo**. Tese (Doutorado em Cardiologia). Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

GRUPO DE MÍDIA SÃO PAULO. **Mídia Dados Brasil 2020 para todxs**. Brasil. 2020. Disponível em: <https://www.todxs.org>. Acesso em: 19 de abr. 2024.

KOTEKAL, D.; WORLEY, M.; PATEL, H.; JENSEN, L.; DOGBEY, G. Y.; DROZEK, D. Effect of Participation with Accompanying Household Member in the Complete Health Improvement Program in Appalachia. **Adv Prev Med**. n. 9648926, 2019.

KRUG, R. D. R.; LOPES, M. A.; MAZO, G. Z. Barreiras e facilitadores para a prática da atividade física de longevos inativos fisicamente. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte** n. 21 p. 57-64, 2015. <https://doi.org/10.1590/1517-86922015210101673>

LEFÈVRE, F.; LEVÈFRE, A. M. C. O sujeito coletivo que fala. **Interface – Comunic. Saúde, Educ.** v.10, n. 20, p. 517-524, 2006.

LEFÈVRE, F.; LEVÈFRE, A. M. C. Discurso do Sujeito Coletivo: Representações Sociais e Intervenções Comunicativas. **Texto Contexto Enfermagem**. Florianópolis, v. 23, n. 2, p. 502-507, 2014.

LEFÈVRE, F.; LEVÈFRE, A. M. C. **DSCsoft 2.0**. Software para o desenvolvimento de pesquisas qualitativas através da metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo. Tolteca Informática, 2019. Disponível em: <https://jornal.usp.br/institucional/press-release/software-ajuda-a-fazer-pesquisa/#:~:text=Ajudar%20pesquisadores%20a%20organizarem%20e,o%20objetivo%20do%20software%20Qualiquantsoft>. Acesso em: 19 abr. 2024.

MATSUMOTO, S.; BEESON, W. L.; SHAVLIK, D. J.; SIAPCO, G.; JACELDO-SIEGL, K.; FRASER, G.; KNUTSEN, S. F. Association between vegetarian diets and cardiovascular risk factors in non-Hispanic white participants of the Adventist Health Study-2. **Journal of Nutritional Science**, v. 8, n. e6, 2019. <https://doi.org/10.1017/jns.2019.1>

MERRILL, R. M.; ALDANA, S. G. Cardiovascular risk reduction and factors influencing loss to follow-up in the coronary health improvement project. **Med Sci Monit**. v. 14, n. 4, p. 17-25, 2008. Disponível em: <https://medscimonit.com/abstract/index/idArt/850307>. Acesso em: 19 abr. 2024.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2015.

MINAYO, M. C. S.; COSTA, A. P. **Técnicas que fazem uso da palavra, do olhar e da empatia**: pesquisa qualitativa em ação. 1 ed. Ludomedia. Aveiro, Portugal, 2019.

MORTON, D.; RANKIN, P.; KENT, L.; DYSINGER, W. The Complete Health Improvement Program (CHIP): History, Evaluation, and Outcomes. **American journal of lifestyle medicine**, v. 10, n. 1, 64-73, 2014.

MOSCOVICI, S. **Representações Sociais**: investigações em psicologia social. 7ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Vozes, 2012.

SCHIAVO, R. **Health communication**: from theory to practice. 1a. ed. John Wiley & Sons, 2007.

SILVA, M. F. F.; ABDALA, G. A.; ANDRADE, E. A.; MACHADO, A. S.; MEIRA, M. M. D. Percepção de pacientes hipertensos sobre a doença e motivação para mudança de hábitos. **Interação em Psicologia**, v. 25, n. 2, p. 155-167, 2021.

VERLY JUNIOR, E.; OLIVEIRA, D. C. R. S.; SICHIERI, R. Custo de uma alimentação saudável e culturalmente aceitável no Brasil em 2009 e 2018. **Rev Saúde Pública**. v. 55 p. 1-7, 2021. <https://doi.org/10.11606/s1518-8787.2021055003329>

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **A glossary of terms for community health care and services for older persons**. Kobe, Japan: WHO Centre for Health Development. 2004. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/handle/10665/68896> Acesso em: 19 abr. 2024.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO) A. **Promoting health**: Guide to National Implementation of the Shanghai Declaration. Geneva: World Health Organization, 2017. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/260172/WHO-NMH-PND-18.2-eng.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2024.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Information note on COVID-19 and NCDs**. Geneva: World Health Organization; 2020. Disponível em: <https://www.who.int/publications/m/item/covid-19-and-ncds>. Acesso em: 19 abr. 2024.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **World health statistics 2022**: monitoring health for the SDGs, sustainable development goals. Geneva, World Health Organization; 2022a. Disponível em: <https://www.who.int/data/gho/publications/world-health-statistics>. Acesso em: 19 abr. 2024.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Toolkit for developing a multisectoral action plan for noncommunicable diseases. Overview**. Geneva, World Health Organization; 2022b. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/9789240043596>. Acesso em: 19 abr. 2024.

A RELAÇÃO ENTRE COMUNICAÇÃO INTERNA, ERROS DE COMUNICAÇÃO E CONFLITOS ORGANIZACIONAIS

Data de aceite: 03/06/2024

Ana Paula Alves Dias Teófilo

RESUMO: Esta pesquisa teve como objetivo geral avaliar a percepção dos funcionários de uma empresa em Lajinha sobre a relação da comunicação interna, os erros de comunicação ou equivocada e gerenciamento de conflitos na organização. Tal cadeia compromete o processo se não for gerida adequadamente, sobre interferência de pessoas despreparadas, clima organizacional deficiente e colaboradores descontrolados pode ser um veneno na corporação. Apresenta-se no referencial teórico da pesquisa, o processo de comunicação na empresa, os canais e tipos, os fatores que influenciam a comunicação, como ocorrem os processos de comunicação, a comunicação empresarial, também sobre as barreiras, dificuldades, erros e conflitos gerados pela ineficácia da mesma. Constata-se assim que o processo da comunicação empresarial é de fato ferramenta para resultados eficazes. A identificação dos conflitos gerados na empresa, as origens e vertentes, quando bem administrados pode-se extrair aspectos e pontos positivos

e efetuar uma mediação de sucesso. Os resultados desta pesquisa evidenciaram que dentre os benefícios propostos por uma boa gestão de comunicação na empresa e administração de conflitos proporcionam na visão dos funcionários um ambiente saudável e produtivo. Tal ferramenta pode ser favorável na empresa, melhorando ambiente de trabalho o clima organizacional e a imagem positiva da empresa no contexto geral.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação. Conflitos. Gestão.

ABSTRACT: This research aimed to evaluate the overall perception of a company's employees in Lajinha on the relationship of internal communication, communication errors or communications mistaken and the generation and management of conflicts in the organization. This chain undertakes the process if not managed properly, to Interference of people unprepared in the organizational climate and uncontrolled employees can be a poison in the corporation the theoretical research showed, the process of communication in business, channels and types, the factors that influence communication as processes of communication, business communication,

also on the barriers, difficulties, errors and conflicts generated the ineffectiveness of the same. It appears that the process of business communication is indeed a tool for effective results. The identification of conflicts generated by the company, the origins and strands, when well managed can extract aspects and strengths points and make a successful mediation. Our results showed that among the benefits provided by a good management of communication in the company and provide conflict management in view of employees a healthy and productive environment. This tool can be favorable in the company, improving the work environment and organizational climate positive image of the company in the general context.

KEYWORDS: Communication, conflicts e management.

INTRODUÇÃO

A comunicação é essencial no comportamento humano, o processo de comunicação é tão natural, como respirar, comer e beber. É a força que movimenta a vida das pessoas, sem ela não existe capacidade para resolução de questões simples. No meio empresarial também se torna ferramenta essencial para exercer as atividades profissionais.

De acordo com Chiavenato (1999), a comunicação pode ser vista como uma ponte que liga esse algo de uma pessoa para outra ou de uma empresa para outra. No meio empresarial também se torna ferramenta essencial para exercer as atividades profissionais. Conforme descreve Matos (2009, p. 80):

Da mesma forma que a falta de comunicação leva o ser humano ao isolamento estéril e a alienação, para a empresa ela representa a perda de competitividade, produtividade e de qualidade. No mundo dos negócios é unânime o reconhecimento da comunicação empresarial como função estratégica de resultados.

Dentro das organizações pode-se observar a criação de conflitos e divergências de informações devido à falta de comunicação correta, sendo que estes conflitos podem levar a grandes desgastes e danos irreversíveis se não forem bem administrados. A comunicação interna desenvolvida de forma correta promove resultados positivos nas áreas administrativas, mercadológica e econômica, consequentemente tornando o ambiente de trabalho mais produtivo. Quando a comunicação ocorre de forma clara os transtornos podem ser evitados, pois é a falta de comunicação correta que ocasiona estes problemas, conforme Matos (2009, p103) afirma:

"Na maioria das empresas a falta de relacionamento entre as áreas é um dos principais problemas, sendo que a falta de comunicação é um dos fatores responsáveis. Além disso, a comunicação é instrumento de transmissão da cultura organizacional e facilitadora dos processos de mudança."

Questiona-se então a seguinte problemática: Há possibilidade da boa comunicação ser utilizada como ferramenta para redução de conflitos organizacionais internos? No mundo empresarial a comunicação é função estratégica de resultados. De acordo com Rugguero (2002), não basta gerir uma equipe de grandes talentos e motivados se os

integrantes não se comunicam adequadamente, não terá possibilidades de potencializar a força humana da empresa.

Espera-se que com este estudo o processo de comunicação possa ser aprimorado dentro do contexto empresarial e que os conflitos originados por ruídos ou negligências por parte do transmissor e do receptor sejam reduzidos ou exterminados.

FUNDAMENTOS TEÓRICOS E CARACTERÍSTICAS DA COMUNICAÇÃO EM RELAÇÃO A GESTÃO, CLIMA E RESULTADOS

Comunicação empresarial

A comunicação é fundamental nas necessidades de construção dos seres humanos. Desde a antiguidade os indivíduos necessitavam da comunicação, para que houvesse entendimento e compreensão entre eles para dar continuidade à sua cultura de modo que não fossem esquecidos diante das atuais civilizações. Comunicar significa participar, fazer, saber, tornar comum, comunicação, comunhão, comunidade são palavras que têm a mesma raiz e estão relacionadas à mesma idéia de algo compartilhado. Conforme Pimenta (2006) o processo de comunicação tem o objetivo de informar, ou seja, tornar comum a todos da organização os planos, objetivos e metas, para que todos possam se envolver de forma ativa integrando-se para o alcance destes alvos propostos pela organização.

Considerar-se a comunicação como um sistema, analisando a interação e influência que as pessoas exercem uns sobre os outros pela comunicação e transmissão de idéias, para alcançar esse objetivo é preciso que a comunicação seja eficiente. Segundo Matos (2009, p. 11).

É a comunicação que possibilita a administração tornar comum a missão, os valores, os objetivos e as metas da empresa. É a comunicação interna que tornam eficazes as mensagens e ações destinadas a motivar incentivar, orientar, promover, desenvolver e integrar as pessoas de uma organização.

Comunicação interna e canais de comunicação

A comunicação interna é um dos principais elementos para o bom andamento de qualquer instituição onde se deve prevalecer a qualidade de informações, o fluxo e o público envolvido. Nesse processo encontram-se vários fatos que discutem a realidade do andamento da comunicação interna para obter um bom resultado, objetivos e metas para seu resultado eficaz.

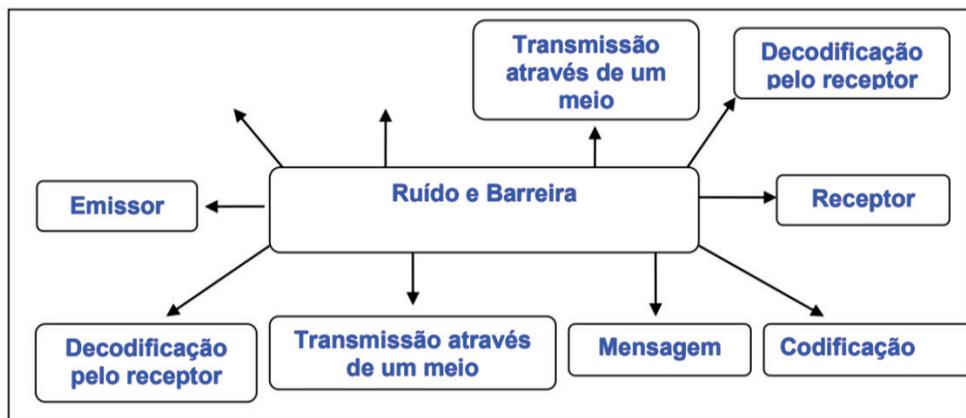
Transmitir uma informação ou uma decisão, ouvir opiniões, tornar um produto conhecido, avaliar a satisfação do cliente e inúmeros outros. Mas estes não são os verdadeiros objetivos do processo de comunicação. A comunicação não é somente um processo de transmissão de informações; é um processo de interação humana, em que alguém procura estabelecer determinada influência no comportamento do outro. (ARANTES, 1998 pág. 265).

Por meio dos canais de comunicação as organizações delimitam ou ampliam a ligação entre os colaboradores, criando linhas de comunicação positivas ou negativas. Estes canais influenciam a eficácia, pois as distâncias entre as pessoas aumentam devido ao tamanho da organização, deve-se manter canais formais que evitem falhas no processo como a disseminação de boatos. No contexto organizacional existem dois tipos de redes de comunicação: a formal e a informal. Na rede formal as mensagens são enviadas de forma estruturada, ou seja, através de memorandos, e-mails, e outros meios que oficializam a comunicação, em contra partida a rede informal é enviada de forma não oficial de forma verbal, algo não oficializado na empresa, conforme afirma PIMENTA (2002, p.68).

“Na primeira circulam mensagens oficiais e legitimadas pela estrutura da empresa utilizando os canais (veículos) formais. Na segunda, conhecida como radio peão ou radio corredor, circulam todas as mensagens consideradas inadequadas para circulação na primeira”

Processos de comunicação

A comunicação de modo geral nas organizações seja ela interna ou externa, está sujeita a interferências cotidianas desde a sua emissão até a sua recepção, isso ocorre devido a vários ruídos que podem ocorrer neste contexto, sendo este processo de comunicação imprescindível para a organização. O fato de existir uma comunicação organizacional formalizada ameniza tais problemas. O resultado positivo ou fracasso na comunicação é considerado somente a um fator que no processo de comunicação tem como mediador de vários elementos fundamentais como: emissor, codificação, mensagem, canal, decodificação e receptor. Segundo BERLO (1999, pág. 33), “Um dicionário, pelo menos, define ‘processo’ como qualquer fenômeno que apresente contínua mudança no tempo, ou qualquer operação ou tratamento contínuo”. Esse processo de comunicação é um cíclico, ou seja, não possui início ou final, e possui movimentação constante.



Quadro 01: Modelo perceptual de comunicação

Fonte: Adaptado pela autora de: (Kreitne e Kinicki, 1998, pág.429).

As barreiras da comunicação

Muitas vezes os colaboradores não comunicam o que pretendem decorrente da sua falta de habilidade, que se torna uma barreira para a comunicação eficaz, bem como as diferenças de linguagem, os ruídos, as emoções, as inconsistências entre comunicações verbais e não verbais. “Ficamos comprometidos no pensar, no fazer e no viver, somos incapazes de nos relacionar, compreendermos e nos socializarmos” (Matos 2009, pag.30).

Existem barreiras pessoais que correspondem às interferências entre limitações, como emoções e valores humanos individuais. Barreiras como à falta de motivação e interesses baixos, reações emocionais e desconfiança podem limitar ou distorcer as comunicações com os outros colaboradores.

A comunicação organizacional constitui o processo específico através do qual a informação se movimenta e é intercambiada entre as pessoas dentro de uma organização. Algumas comunicações fluem na estrutura formal e informal, outras descem ou sobem ao longo da hierarquia, enquanto outras se movimentam na direção lateral ou horizontal. Modernamente, com a tecnologia do computador, os fluxos de comunicação, estão se intensificando em todos os sentidos. (CHIAVENATO 1999 p.54)

O processo da comunicação é a informação que se pode agir em diversas direções dentro da organização, grupos e indivíduos, pois as pessoas precisam umas das outras para se comunicar é impossível viver sem diálogo.

Conflitos X Comunicação Interna

Segundo MATOS (2006, pág.117), “A comunicação é a arte e a ciência de escutar, falar e dar *feedback*, de maneira clara e simples. A boa comunicação evita desentendimento, conflitos, bate-boca, mal - entendidos, reuniões improdutivas e negociações frustradas”.

Todo o processo de conflito pode ser amenizado e combatido através de uma boa comunicação, ser claro e conciso objetivando o entendimento das mensagens e com foco na realização dos objetivos da organização é uma das ferramentas que possibilita a existência da boa comunicação nas corporações.

Conflitos são divergências de ideias, uma vez que o papel por desempenhar afronta-se com os princípios de outras pessoas. É praticamente impossível eliminar os conflitos, pois fazem parte da nossa condição humana.

Conforme Galo (2005) “O homem conflita consigo mesmo, procurando superar-se”. Cada pessoa possui características, comportamentos e valores diferentes personalidades. De acordo com Faria (2006, p.03), a origem dos conflitos pode vir de três dimensões: “Percepção: Quando os desejos e necessidades são incompatíveis com as outras pessoas; Sensação: Quando reagimos emocionalmente frente a situação, com sentimentos medo, tristeza, amargura; Ação: Quando tornamos explicito para outra parte que discordamos ou sentimos.”

No momento em que os gestores conseguem estabelecer um clima de confiança entre os colaboradores, as crises e obstáculos podem se tornar ferramentas e união e motivação. Os conflitos enfrentados pelos colaboradores por fatores emocionais, como: raiva, amor, autodefesa, ódio, ciúme, medo e vergonha, podem interferir no modo de compreensão da mensagem, e refletir no desempenho. Então a organização precisa cultivar na relação com os funcionários: transparência, honestidade e ética, pois são alguns fatores fundamentais para o sucesso do processo.

Consiste basicamente na forma como lidamos com conflitos, brigas e divergências e permite com que as pessoas melhorem seu processo de comunicação e atinjam o consenso. A mediação é um processo complexo, que pode abranger conceitos de resolução de conflitos, acordos, comunicação e transformação. Conforme Barbosa (2006), a definição de mediação também se enquadra como espaço de criatividade pessoal e social, um acesso à cidadania. A mediação encontra-se num plano que aproxima, sem confundir, e distingue, sem separar.

De acordo com Breitman, (2001), pode ser entendido como um processo orientado a conferir às pessoas nele envolvidas a autoria de suas próprias decisões, convidando-as à reflexão e ampliando alternativas. É um processo não adversarial dirigido à desconstrução dos impasses que imobilizam a negociação, transformando um contexto de confronto em contexto colaborativo. É um processo confidencial e voluntário no qual um terceiro imparcial facilita a negociação entre duas ou mais partes onde um acordo mutuamente aceitável pode ser um dos desfechos possíveis. Analisa-se que além de proporcionar meios de mediação a comunicação pode-se modificar dependendo da cultura relacionada às pessoas ou ambiente que se comunicam. Observa-se a importância em identificar a origem que permeia a comunicação analisada, conforme descreve ROBBINS (1994, pág. 43).

“mais adiante de prestar atenção no envio de mensagens claras, convém ponderar também os significados simbólicos, sendo que os hábitos de comunicação variam de uma cultura para outra, e isso pode gerar enormes conflitos. O significado simbólico atua nas atitudes e na escolha das palavras que são usadas. Como as línguas costumam ter múltiplas definições para cada palavra, pode-se pensar num significado (gíria, por exemplo) e mandar mensagens que estão sendo recebida por alguém que usa para aquelas palavras, e tendo outra definição (formal, por exemplo).”

O processo de comunicação pode contribuir de forma ativa para várias ações dentro da organização conforme a definição de Matos (2006): A comunicação pode muito em seus efeitos, desde atingir o receptor até mudar a estrutura cultural e clima organizacional da empresa.

Clima organizacional

O clima organizacional é a percepção do ambiente interno da organização que considera-se positivo sempre que há uma cultura própria na empresa e uma boa aceitação das diferenças de cada indivíduo.. Trata-se da comunicação no sistema de trabalho, no que se diz respeito em ouvir e apreender com cliente interno ou externo, com objetivo de visar à imagem corporativa. Visto que a empresa quer criar, manter uma excelente imagem junto ao público.

A imagem é o patrimônio da empresa. O planejamento da imagem deve ser pensado em longo prazo, avaliando os pontos fracos e fortes. “A Comunicação Empresarial é responsável pela formação da imagem institucional, o que é considerado pelos grandes gurus do marketing como o principal patrimônio de uma empresa, uma entidade e até mesmo de um profissional” (Matos, 2004, p.97). “Ao englobar a atividade e as políticas de emissão e captação de informações, a comunicação empresarial solidifica a cultura (crença e valores), as filosofias e as estratégias de ação de uma organização” (Matos, p.97).

MÉTODO DE PESQUISA

Pesquisa quantitativa com aplicação de questionário, objetivando detectar a comunicação interna da empresa em questão o qual será entregue a todos os funcionários. Os pesquisados encontram-se na cidade de Lajinha em Minas Gerais. A mesma será realizada de forma quantitativa, para se verificar o ponto de vista geral dos colaboradores na organização. Com relação à coleta será com aplicação de um questionário com 12 questões onde se analisa a percepção da comunicação, as relações interpessoais, ferramentas da comunicação, falha na comunicação e conflitos existentes.

O presente questionário obteve formulação conforme o assunto tratado no artigo no ambiente de convivência dos colaboradores da empresa, no qual as responsáveis pela mesma solicitaram sigilo sobre a identidade da empresa. Os questionários foram entregues a dezesseis pessoas, sendo elas três gerentes administrativos, um supervisor e doze colaboradores operacionais, a área de pesquisa será em um escritório de contabilidade situado no município de Lajinha-MG com representantes de todos os setores (Fiscal, Contábil, Pessoal e Administrativo), onde os colaboradores preencheram a pesquisa no período de 13/03/2014 à 15/03/2014. Após aplicação foi tabulado para análise de resultados de acordo com as definições estabelecidas por Matos 2009, sobre a importância da comunicação interna, e erro de comunicação podendo causar conflitos.

ANALISE DE DADOS

Os resultados apurados com a tabulação dos questionários direcionaram o estudo com relação aos impactos das falhas no processo de comunicação com os resultados da gestão.

No primeiro questionamento aos colaboradores sobre o tempo em que fazem parte do corpo de colaborativo da organização, verificou-se que 56,25% trabalham de um a dois anos, 37,50% de dois a três anos e 6,25% de quatro a cinco anos. Na questão dois, a comunicação foi considerada por 43,75% da equipe como boa, e 37,50% consideraram regular e apenas 18,75% consideraram ruim.

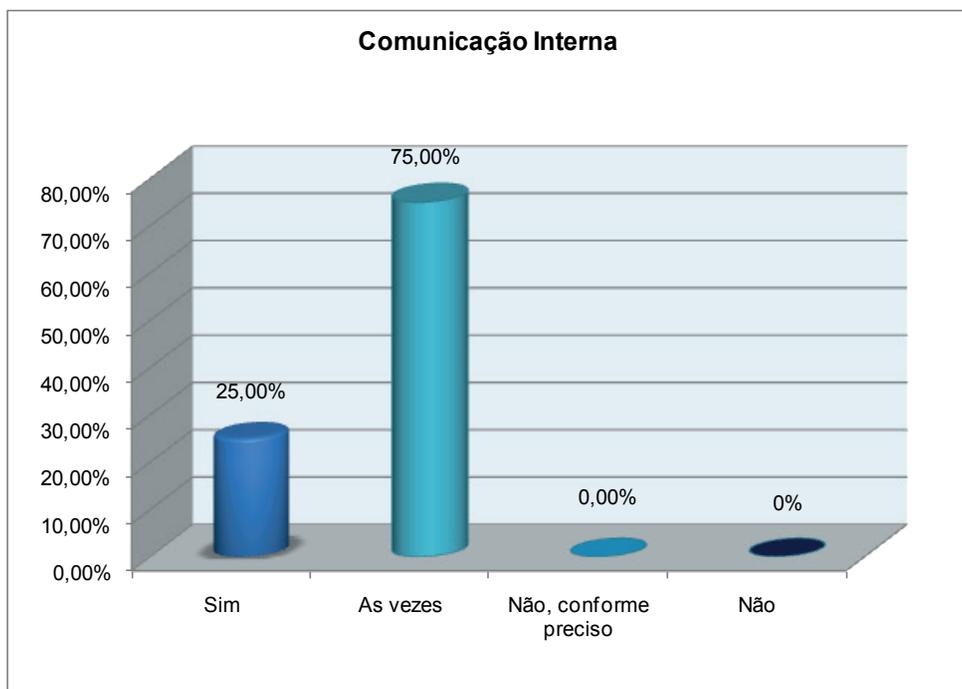


Gráfico 01: Você considera que recebe todas as informações necessárias para realizar seu trabalho?

Com relação à negligência na relação de trabalho a maioria relata que já se comprometeu a atividade por outro profissional que não repassou informação.

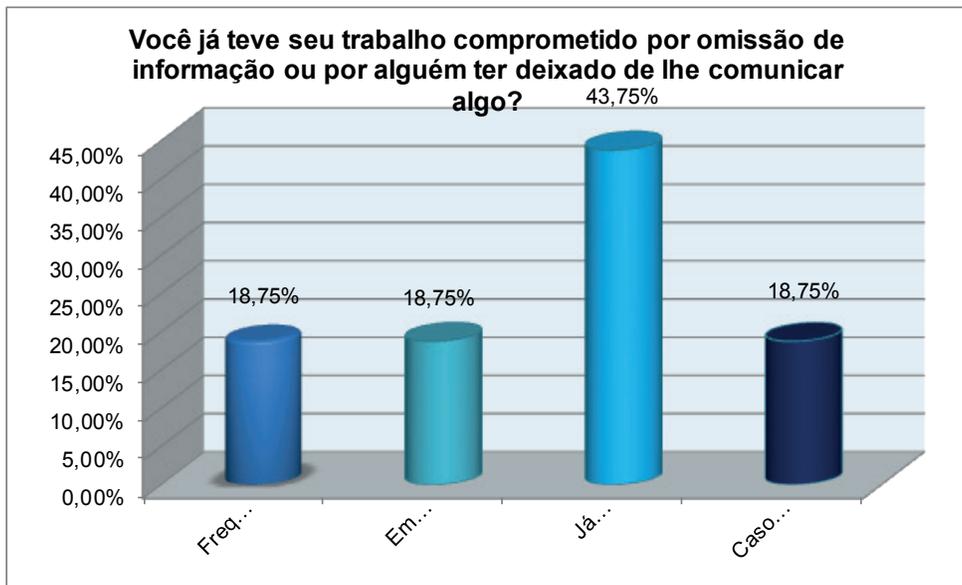


Gráfico 02- Você já teve se trabalho comprometido por omissão de informação?

Quando se trata da clareza das informações na comunicação a maioria declara que ainda precisa melhorar.

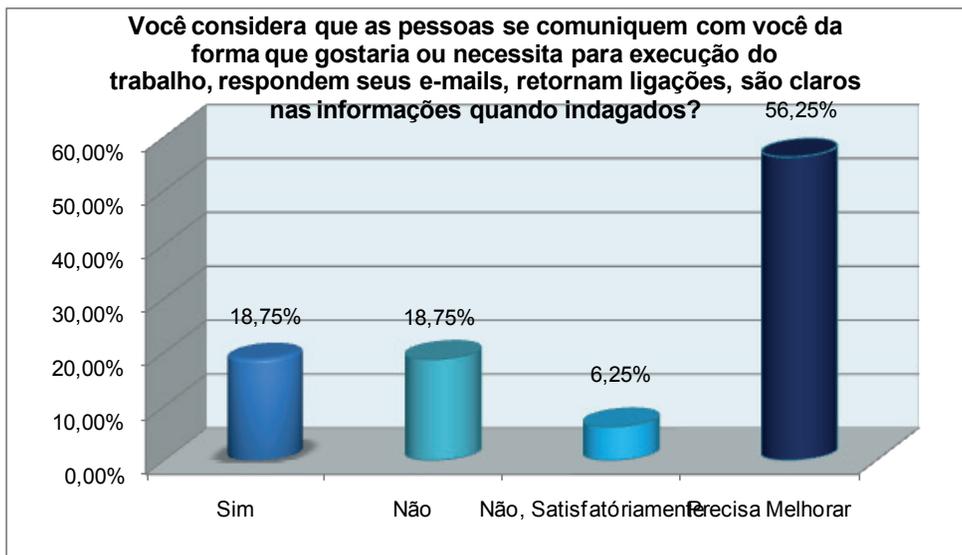


Gráfico 03: Você considera que as pessoas se comunicação de forma que gostaria ou necessita para execução do trabalho?

Na questão da transmissão de informação a maioria considera que o fluxo de informações causou conflitos no relacionamento.

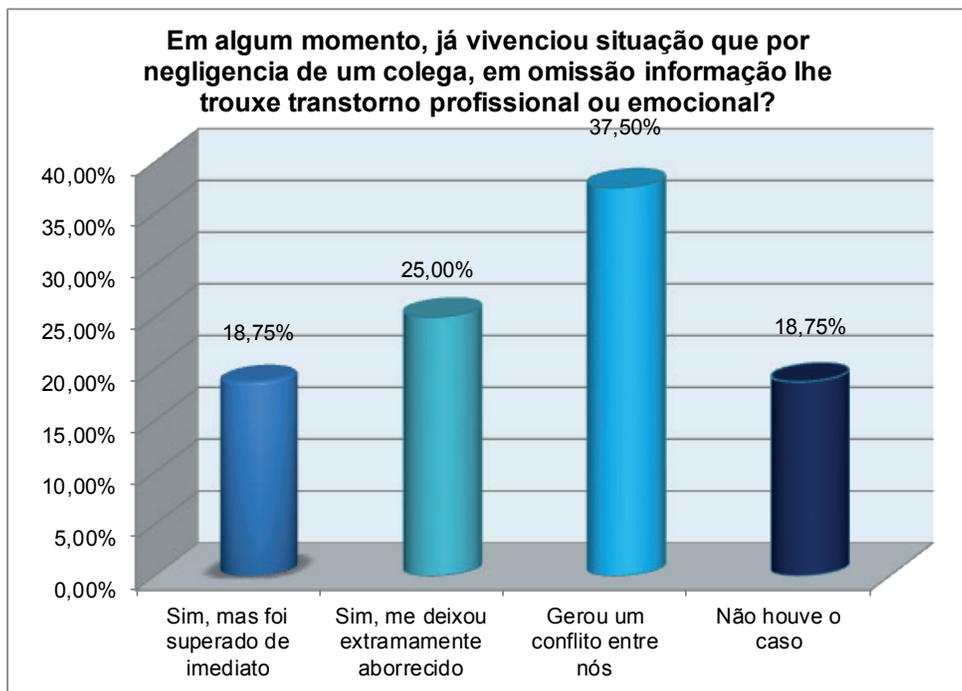


Gráfico 04: Você já teve transtornos devido à negligência de informações no seu trabalho?

Em relação à gestão de conflitos, a maioria declara que já vivenciou, porém mesmo aborrecendo-se não procuraram uma resolução.

As informações equivocadas e ausentes já comprometeram situações no seu meio profissional, quando houve tal situação qual seu posicionamento?



Gráfico 05: Como foi seu posicionamento em relacionamento aos conflitos causados pelo relacionamento de trabalho?

Sobre o tipo de comunicação mais eficiente a grande maioria declara que comunicação direta, entre pessoas é a mais eficaz.

Em sua opinião qual a melhor forma de comunicação na sua empresa?

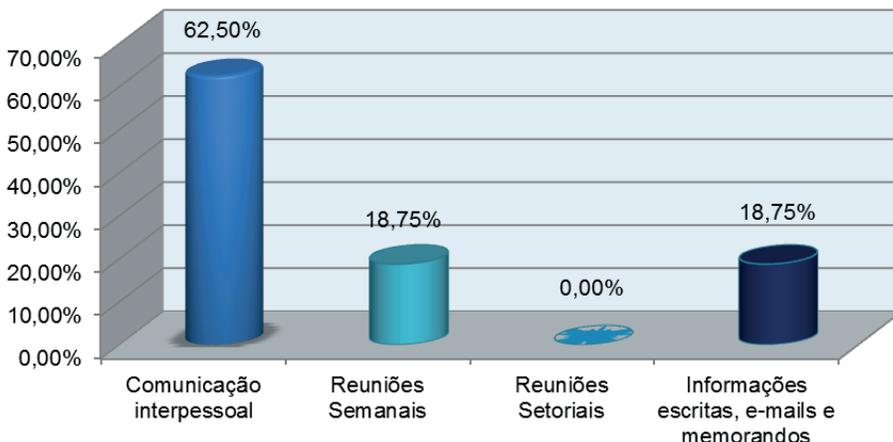


Gráfico 06: Qual a melhor forma de comunicação de informações no seu ambiente de trabalho?

A maioria relata que a boa comunicação e resolução de conflitos influenciam diretamente no clima organizacional.

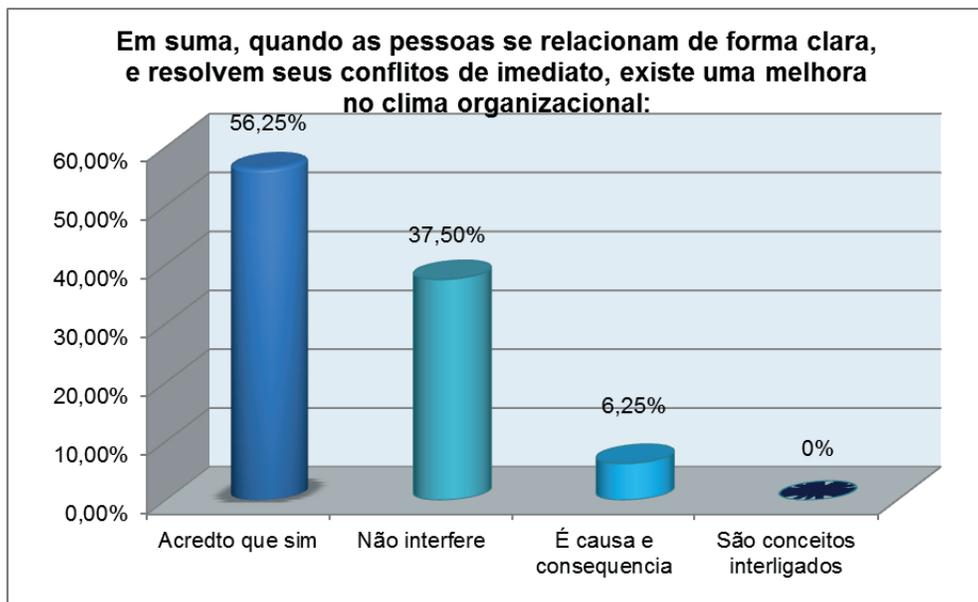


Gráfico 07: Percepção de melhores maneiras para resolução de conflitos na opinião do colaborador?

Em se tratando de consequência de conflitos, inerente a impossibilidade de convivência no trabalho as opiniões dividem-se.

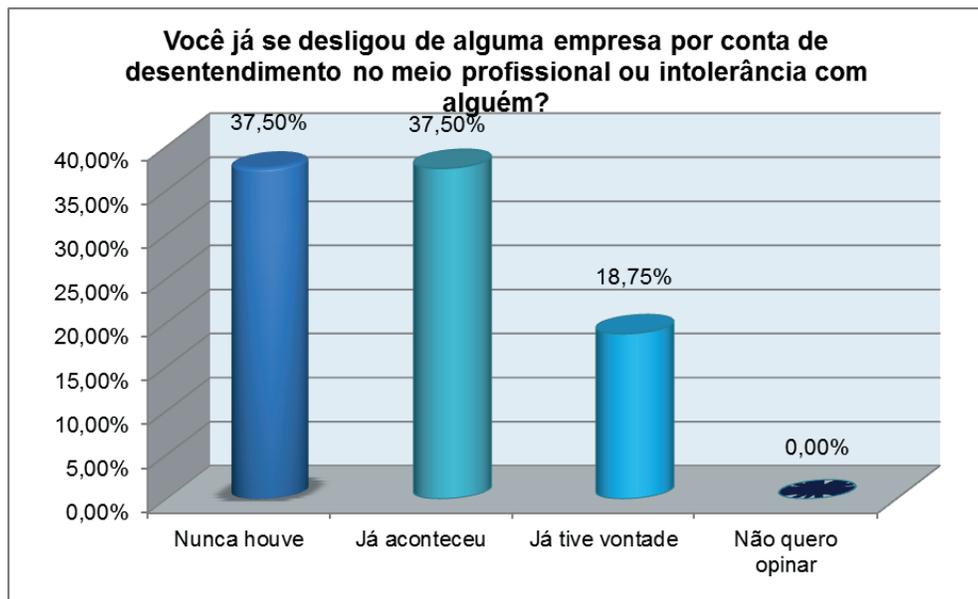


Gráfico 08: Posicionamento em relacionamento a conflitos não resolvidos.

Na percepção do colaborador eles não recebem os feedbacks necessários para acompanhamento do seu trabalho

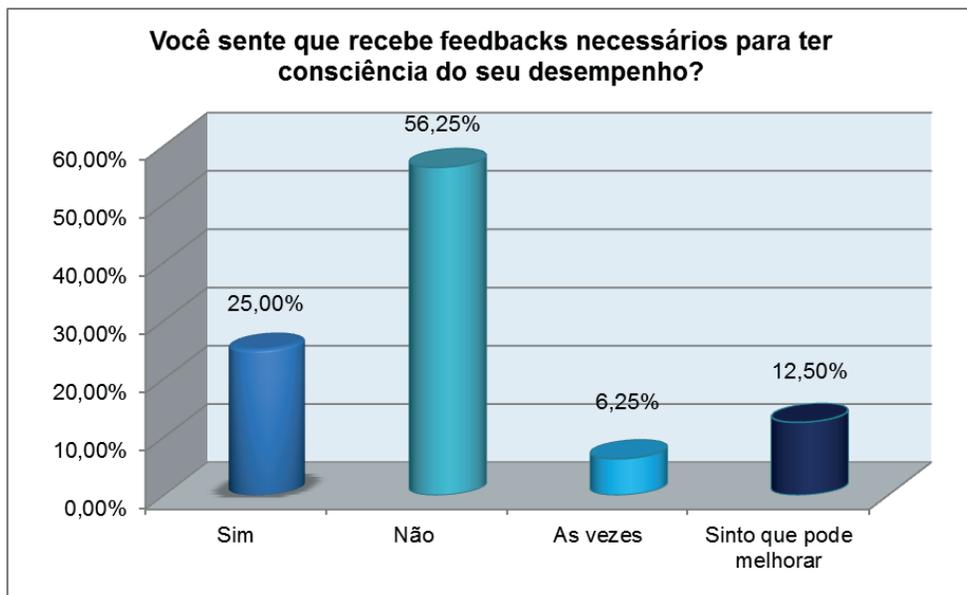


Gráfico 09: Você considera que recebe feedbacks necessários?

A grande maioria considera que uma má comunicação compromete o resultado da empresa.

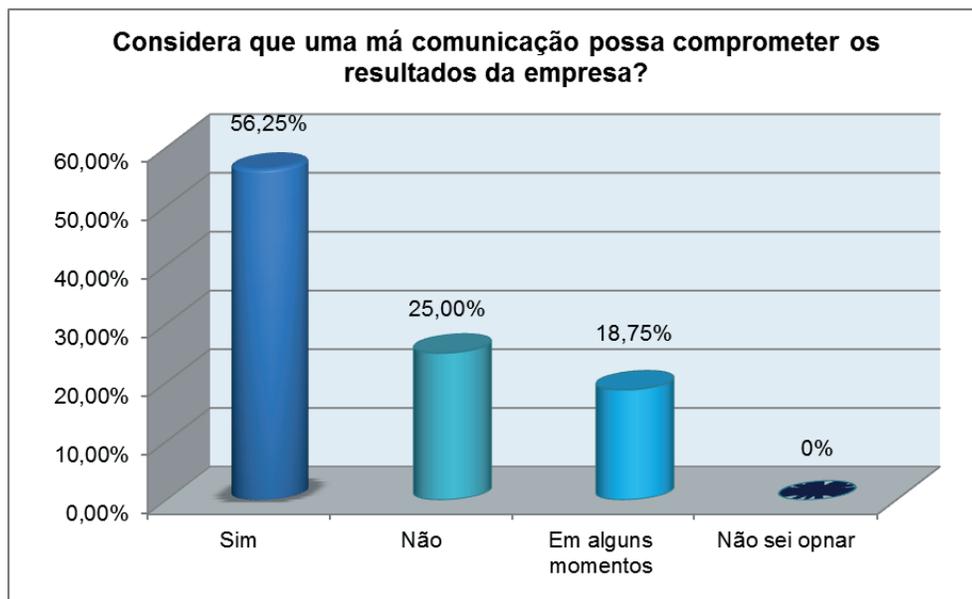


Gráfico 10: Acredita que a má comunicação comprometa resultados?

A maioria relata que não houve ainda mudanças necessárias para uma comunicação eficiente. Na questão da comunicação interna, quando indagados sobre a melhora nos últimos anos, 18,75% responderam que sim e 81,25% consideram que não.

Em relação à pesquisa realizada, observa-se claramente que a falta de comunicação, ou a comunicação equivocada, causa negligência do processo e afeta diretamente o ambiente de trabalho, comprometendo assim o rendimento e os resultados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a pesquisa feita do tema comunicação interna ficou evidente que existem ruídos no processo que corroboram para a distorção dos resultados esperados e que acarretam na não obtenção do mesmo, como foi apresentado por Matos (2009), que este processo é fundamentalmente estratégico e que estes ruídos podem danificar a estratégia empresarial e atrapalhar negócios, também pela pesquisa através da questão apresentada no gráfico 3, mesmo sendo um processo complexo, existem diversas formas de ser desenvolver e aprimorá-lo possibilitando a sua execução de forma mais homogênea e satisfatória.

É necessário que todos tenham domínio das fontes e dos veículos de informação com capacitação dentro do conhecimento de comunicação, evitando distorções, omissões e generalizações introduzidas nas mensagens que passam através deste processo. Essas falhas causam danos profissionais e geram conflitos desnecessários e que afetam a qualidade do trabalho e diretamente o clima organizacional, este item fica claro no gráfico 8, onde grande parte do corpo colaborativo pesquisa informou que já se desligou ou teve vontade de se afastar devido a problemas relacionados a comunicação errônea e/ou desnecessária, a mesma situação foi levantada por Matos (2004), onde demonstra que a comunicação empresarial compõe a cultura organizacional e influência diretamente no clima organizacional.

A organização comunica-se de forma ideal quando os funcionários utilizam os canais formais e informais, em todos os níveis. A comunicação interna pode ser usada como uma ferramenta motivacional, quando o colaborador detém as informações claras, as condições propícias para realizar seu trabalho, ele se torna verdadeiramente parte do processo. E os resultados são visíveis, existindo a satisfação dos objetivos e resultados alcançados.

CONCLUSÃO

Após estudos da literatura e questionário aplicado, pode-se chegar a conclusão que mesmo o processo de comunicação sendo complexo, é uma importante ferramenta impactante no bom andamento do ambiente de trabalho, relações humanas e clima organizacional.

Que tal processo mesmo com execução já estabelecida em muitos pontos dentro da realidade da empresa, ainda possui melhoras a ser executadas e é um processo constante e gradativo.

A comunicação da organização ocorre de forma ideal quando todos utilizam os mesmos meios formais e informais e nos mesmos níveis. A mesma sendo clara e precisa compromete o resultado dos processos corporativos.

REFERÊNCIAS

BERLO, David Kenneth. **O processo da comunicação**. Introdução à teoria e a pratica. 9ª. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BREITMAN, Stella; PORTO, Alice C. **Mediação familiar: uma intervenção em busca da paz**. Porto Alegre: Criação Humana, 2001.

CHIAVENATO, Idalberto. **Administração nos novos tempos**/ Idalberto Chiavenato. 1º ed. – Rio de Janeiro : Elsevier, 2004–2ª Reimpressão.

FARIA, Carlos Alberto de. **Conflito: o bem necessário, 2006**.

FIORINI, José Luiz. **Linguagem e Ideologia**. 8º ed. rev. e atualizada, São Paulo: EDUSP, 2009.

GALO, Carla. **Gestão de conflitos, 2005**.

MATOS, Gustavo Gomes . **Comunicação empresarial sem complicações**. 2º. ed. rev. e ampl. São Paulo: Barueri, 2009.

NELIO, Arantes. **Sistema de gestão empresarial**: conceitos permanentes na administração de empresas. São Paulo: Atlas, 1998, pag. 260-286

PIMENTA, M. A. **Comunicação Empresarial**. 3ª Edição. Campinas/SP: Editora Alínea, 2002.

PIMENTA, M. A. **Comunicação Empresarial**. 4. Ed. São Paulo: Alínea, 2006.

ROBBINS, Stephen P. **Comportamento Organizacional**. 11º ed. São Paulo, 2005.

GESO BATISTA DE SOUZA JR.: Doutorando no Programa de Pós-graduação em História da UNESP, campus de Assis-SP. Licenciado em História e pós-graduado em História do Brasil e História da América pelo Centro Universitário de Araras. Mestre em Comunicação pela UNESP, campus de Bauru. É bacharel em Comunicação Social - Jornalismo pelo Centro Universitário Toledo de Araçatuba (SP). cursou Especialização em Política e Sociedade no Centro Universitário de Lins (SP). Especialista em Semiótica e Análise do Discurso pela Faculdade Metropolitana de São Paulo. Participa do Grupo de Pesquisa do CNPq “História e Mídias Eletrônicas” (GPHME), da FCL-UNESP. Também é membro do Grupo de Pesquisa Pensamento Comunicacional Latino Americano, do CNPq / UNESP / FAAC. Possui publicações relevantes em livros nacionais e congressos internacionais, além de participação como palestrante e coordenador de mesa de eventos científicos da ANPUH e do PPG de História da Unesp.

A

Análise comparativa 22

B

Blocos Tradicionais do Maranhão (BTMs) 57, 58

C

Capatazia 33, 34, 35, 36, 38, 40, 41, 42, 43, 44, 47, 49, 52, 53

Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP) 88, 91

Cinema 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 32, 75

Comunicação 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 12, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 30, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 41, 42, 48, 50, 54, 57, 75, 76, 78, 79, 81, 82, 86, 90, 101, 103, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121

Comunicação conectada 121

Comunicação digital 121

Comunicação interna 105, 106, 107, 109, 111, 118

Conflitos organizacionais 105, 106

Consequências das escolhas 70

E

Educação 6, 18, 52, 70, 72, 76, 79, 83, 84, 85, 86, 90, 99, 100

Erros de comunicação 105

F

Flow podcast 1, 2, 7, 8, 9, 10, 11, 14, 15, 17, 19, 20

G

Gestão de conflitos 114, 119

H

Hábitos saudáveis 88, 91, 96, 97, 102

I

Imaginário social 33, 36, 37, 39, 40, 41, 47, 48, 51, 53, 55

Iniciação científica 30, 31

Interdisciplinaridade 75, 78, 80, 82, 83, 86

J

Jornalismo 1, 4, 5, 6, 7, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 30, 31, 32, 120

L

Livro-reportagem 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32

M

Marighella 22, 23, 24, 25, 27, 28, 29, 32

Mediação da informação 70, 73, 74, 75, 81, 82, 83, 85, 86

Mídia televisiva 88, 90

N

Normas éticas 1

Normas jurídicas 121

P

Pandemia de COVID-19 121

Pesquisa científica 32

Podcasts 48

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) 33

Pós-graduação em Comunicação 121

Produtividade 106

Programa de televisão “Vida e Saúde” 121

Promoção da saúde 88, 90, 91, 102

R

Reprogramação 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 47, 48, 50, 51, 53, 55

S

Semiótica 33, 120

Submundo da cibercultura 33, 34, 37, 40, 53

T

Tomada de decisão 121

Transformações midiáticas 121

U

Universidade da Amazônia (UNAMA) 57

Universidade Federal de Sergipe (UFS) 70, 121

Universidade Guarulhos (UNG) 88

V

Violência contra a mulher 33, 34, 35, 36, 38, 40, 42, 48, 51, 53, 54

O poder da comunicação na era da informação

Volume III

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

O poder da comunicação na era da informação

Volume III

 www.atenaeditora.com.br

 contato@atenaeditora.com.br

 @atenaeditora

 www.facebook.com/atenaeditora.com.br